

O BRASIL AGRÍCOLA

FEVEREIRO/2013 - Nº 770 - ANO 69 - R\$ 14,90 - www.agranja.com

agranja

desde
1945



EDITORA
CENTAURI



AGRONOMIA

Atribuições do
novo profissional

FITOSSANIDADE

Pragas que ameaçam
o arroz e o algodão

Safra recorde

O DRAMA do escoamento

UM NOVO TEMPO

GSI é MAIS
VALOR na sua
produção.

Armazenagem Comercial ou Fazenda?

Os sistemas GSI são
comprovadamente os
mais modernos,
produtivos e resistentes.

Por isso a GSI é líder mundial.
E você pode contar com essa
qualidade ao seu lado, em
qualquer tipo de aplicação.

DESEMPENHO SUPERIOR. RESULTADO INSUPERÁVEL.

Conheça as condições especiais que só GSI e AGCO podem oferecer.

Maximize os bons resultados
da sua colheita com os sistemas
de armazenagem GSI. Robustos e

confiáveis, com tecnologia original
e exclusiva, fabricados no Brasil com
qualidade mundial.

A performance superior de
equipamentos como o Secador
Process Dryer e as centenas de
configurações disponíveis fazem

da GSI a sua melhor opção para uma
produtividade inigualável.

**Tenha o desempenho líder mundial
ao seu lado.** Escolha a GSI. Consulte
nossos especialistas e conheça as
condições especiais de negociação. Um
novo tempo no campo começa agora.



GSI é uma marca mundial da AGCO.



16 REPORTAGEM DE CAPA

O escoamento da safra recorde vai ser lento e muito, mas muito custoso. Cadê a infraestrutura que o agronegócio merece?



24 CRÉDITO

O que os bancos reservaram para 2013

28 AGRONOMIA

Os novos desafios da profissão

31 PARÁ

Uma fronteira legal para milho e soja

34 FINANCIAMENTO

Os instrumentos que o campo usufrui

36 BOLSA VERDE

Quer negociar uma Reserva Legal?

38 TURISMO

Mais que visitar, aprender bastante

42 PNEUS

A alternativa da reforma

44 PROPRIEDADES

Cuidados para ficar dentro da lei

SEÇÕES

4 O SEGREDO DE QUEM FAZ

Luiz Hafers, fazendeiro, ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

10 Vitrine

12 Primeira Mão

16 Aqui Está a Solução

20 Cartas, Fax, E-mails

22 Na Hora H

64 Florestas

66 Agricultura

Familiar



68 Notícias da Argentina

69 Plantio Direto

72 Agribusiness

76 Novidades no Mercado

80 Escolha seu Trator e sua Colheitadeira

85 Agroguia

90 Eduardo Almeida Reis

Fitossanidade em destaque



45 ARROZ

Quando é o momento de atacar as pragas

50 ALGODÃO

MIP para cima do bicudo

54 GENTE EM AÇÃO

IDEIAS de alguém “lido, viajado e metido”

Leandro Mariani Mittmann
lendo@agranja.com

É fácil conversar, o papo flui espontânea e naturalmente sobre agronegócio e Brasil com **Luiz Hafers**, 77 anos. Afinal, ele é torcedor do Santos (“o maior time do mundo”), alguém “lido, viajado e metido”, ex-chofer de caminhão e ex-mascate de algodão, além de “homem feliz”. Na juventude, por ter sido um “péssimo aluno”, não conseguiu entrar na faculdade e, assim, foi ser marinheiro no Alasca. E, se depender dele, em sua lápide estará “vivi bem”. Este é o currículo que ele pediu para ser publicado. Na verdade, Hafers é uma das grandes e respeitadas lideranças das últimas décadas do agronegócio brasileiro. Foi



presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB) e é hoje presidente do Museu do Café, em Santos/SP, além de “fazendeiro” na Bahia e no Paraná. Conhece o mundo todo, principalmente por ter sido exportador de algodão e fios, além de ter trabalhado em projetos de reflorestamento e papel no Brasil. Por um dos currículos acima – ou pelos dois –, dá para conferir a seguir que Hafers conhece muito de agronegócio e de Brasil.

A Granja — O Brasil vai produzir em 2013 sua maior safra agrícola, cotações que seguem históricas. Pode-se dizer, como no futebol, que o agronegócio brasileiro “vive o seu melhor momento”?

Luiz Hafers — Eu diria que vive um bom momento. A produção dobrou por meio da produtividade. São novos produtos, novas técnicas. Eu acho que vive um bom momento e permite que a gente fique cuidadosamente otimista com o futuro. A necessidade de alimentos, a necessidade de produção agrícola é crescente e constante. Quando vemos a crise que se anuncia e se mostra aí, você pode pensar que tem roupas ou automóvel por muitos anos. Mas se olhar na despensa, não tem comida por uma semana. A necessidade de comer é contínua. E outra coisa que acho muito importante como balizador da agricultura é que nenhum tipo de regime pode politicamente suportar fome. Esta é uma preocupação constante de diversos países. No mundo, principalmente na Ásia. E nós não nos damos conta desta importância como ponto positivo da nossa agricultura.

A Granja — Por que o senhor usa o termo “cuidadosamente”?

Hafers — Porque todos os nossos artigos estão expirados, no limite de suas competências. As estradas não cabem mais, os caminhões não têm mais, as ferrovias estão num estado lastimável, e quanto aos portos, tem muito plano e pouca ação. Isso tudo são males do crescimento grande e forte (*da agricultura*) nos últimos anos. Foi mas fácil produzir do que organizar. Mas eu digo que a infraestrutura segue a produção. Foi o café que forçou fazer a estrada de ferro para Santos/SP, e não a estrada que fez o café.

A Granja — O senhor tem esperança de ver a logística que atende ao agronegócio melhorar no curto ou médio prazo?

Hafers — Eu tenho uma certeza, temos que ser realistas: o Estado, por melhor que seja, é burocrático e ineficiente. Esta reforma vai custar tempo, dinheiro e competência. Por isso que eu sou moderada e cuidadosamente otimista, porque não confundo otimismo com facilidade. A agricultura está na frente, aumentando a produção, à frente da infraestrutura para manipular essa produção. Agora, você me pergunta se a agricultura está num melhor momento, porém, há alguns enganos. Nós somos produtores e não bons políticos. Ou não mostramos à população urbanoide que somos muito competentes. Acharmos que resolvemos o problema do suprimento, que resolvemos o pro-

blema da produtividade, já que os aumentos foram enormes, mas achávamos que íamos ser ao menos respeitados e reconhecidos pela opinião pública. Não o fomos. Nós precisamos nos dedicar um pouco a mostrar o que fazemos e não esperar que as pessoas saibam o que fazemos. E o urbanoide precisa se dar conta e colaborar na solução dos problemas logísticos. Na verdade, a agricultura nos últimos dez, 12 anos, teve avanços incríveis. Somos criticados em pequenas circunstâncias e não somos reconhecidos nos grandes planos. Está aí o plantio direto que é um *breakthrough* (*ir além*) brutal na agricultura nacional e mundial; está o sucesso dos transgênicos, que foram tão criticados pelos radicais ambientalistas, mas que aumentaram a produção e diminuíram o risco e uso de defensivos; diminuiu o uso da terra com o aumento da produtividade. Estas coisas precisam ser explicadas e, principalmente, compreendidas pelo público não agrícola.

A Granja — E o que é preciso fazer para este público não agrícola entender melhor?

Hafers — Houve um esgotamento da comunicação. Nós achávamos que fazer era o suficiente. É a história da galinha, que precisa contar e explicar o que faz. Se você chegar numa reunião urbana numa cidade grande como São Paulo, o pessoal mais moço não tem noção da agricultura. E uma certa restrição está baseada ainda em ressentimentos do século XIX, que acha que nós somos mais exploradores do que produtores. Hoje, as fronteiras agrícolas do Mato Grosso e do Oeste Baiano são as mais modernas de todas, mas o pessoal está muito ocupado em fazer e não tem tempo de contar. Acho que uma revista como a de vocês tem ajudado muito, se bem que é muito localizada e prega para o convertido. Precisamos fazer um esforço para mostrar e discutir com a população urbana o que tem sido feito. As críticas constantes que vejo no jornal, há enorme radicalismo de alguns ambientalistas, que evidentemente atrapalham a mensagem. Além do que a agricultura brasileira sofre uma campanha dos países desenvolvidos que se apavoram com a importância e a concorrência da agricultura brasileira. Não temos ainda uma tropa de choque política e diplomática, principalmente de informação, para explicar a parte boa, reconhecer a parte ruim e corrigir esta.

A Granja — E estas campanhas, como a recente promovida pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), a Time Agro Brasil, cujo garoto-propaganda é o Pelé, ajudam a convencer o público?

Hafers — Ajuda, mas não é uma campanha moderna. A agricultura é necessariamente conservadora. Eu vejo uma certa timidez. A primeira coisa, temos que recuperar a autoestima da agricultura. Estamos sempre explicando na defensiva. Temos que convencer na ofensiva. Acho, inclusive... vejo os anúncios aí... eu não sou um... entendo mesmo é de carpir café. Mas não vejo nas campanhas feitas pelo grupo da agricultura uma modernidade, uma clareza, uma confiança. É sempre um pouco defensivo. E acho que não temos do que nos defender. Temos que reconhecer o que não está feito e corrigir. Por exemplo: a bancada ruralista, que tem sido absolutamente indispensável na defesa da agricultura, é muito mais voltada a problemas passados do que a oportunidades futuras. A pressão é para se defender, quando eu acho que o importante era construir.

A Granja — O senhor sempre foi uma liderança atuante no agronegócio brasileiro. Qual a sua opinião sobre as atuais lideranças?

Hafers — As nossas lideranças por mais vontade que tenham, representam ainda uma parte mais antiga da agricultura. Veja que as grandes queixas são as de primo pobre: “precisa me ajudar aqui”. Se você tiver um primo pobre que só vem reclamar do que está ruim, chega uma hora que o argumento dele é penoso. Se tiver um primo inteligente que vem para pedir para você ajudar ele a estudar fora para construir, para fazer, você tem muito mais entusiasmo. Toda hora estamos vendo no jornal uma discussão para não pagar a dívida. O custo deste tipo de coisa, ainda que justificável, o custo em termos de entendimento é muito ruim. É muito ruim. “Nova discussão de dívida, não quer pagar dívida, porque a dívida, porque estou quebrado...” Apesar de ser justificado em partes, é ruim para o objetivo final. Temos que ter uma atitude mais construtiva do que defensiva. E, apesar disso, o sucesso está aí. Quando fui presidente da Rural (*Sociedade Rural Brasileira*) dez, 11 atrás a produção era 80 milhões de toneladas e eu achava que tinha que ser 120 milhões. Está em 180 milhões! E este aumento foi feito por meio da produtividade e por uma nova técnica de duas safras no mesmo ano, feito por meio de tecnologia e não derrubar mato como nos acusam.

A Granja — E como o senhor vê os diversos programas de apoio de Brasília, como as linhas de crédito, melhoraram nos últimos anos, poderiam ser melhores...?

Hafers — Eu acho que “despiorou”. Se

Nós do campo precisamos nos dedicar um pouco a mostrar o que fazemos e não esperar que as pessoas saibam o que fazemos

você for a Brasília, Brasília é completamente separada da realidade do interior do Brasil. E, além do que, você não pode comparar uma situação, uma necessidade e uma vantagem do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo com os campos do Mato Grosso. O interessante é que a grande maioria veio do Sul. No Oeste Baiano e no Mato Grosso são quase todos oriundos do Paraná e do Rio Grande do Sul. Então, são visões, são origens muito diferentes, e as lideranças são cautelosas. Você há de reconhecer que os deputados são muito mais preocupados com as eleições do que com as produções. Faz parte do custo da democracia. E deixar bem claro que a democracia é a instituição que tem que ser fortalecida sempre. Acho também que precisamos ter novas lideranças, com novas ideias e novas construções na relação da explicação da atividade. Na produção isso já está feito. Primavera do Leste/MT, Lucas do Rio Verde/MT, Luis Eduardo Magalhães/BA, estes lugares todos vibram de progresso, dedicação e sucesso. Mas ainda é pedir muito que esta geração faça a política e a produção. Primeiro, faz a produção; depois, o que eu chamo de estrada de ferro metafísica. A maioria dos jornais está nas grandes capitais. Nós caipiras temos dificuldades de comunicação, principalmente temos um certo pejo de falar do que fazemos. E isso num mundo moderno é indispensável.

A Granja — E como o senhor acompanhou recentemente a discussão em torno do Código Florestal e outras polêmicas que envolvem o nosso agronegócio?

Hafers — Em primeiro lugar, a discussão

foi necessária. Acho que sempre deve ser discutido. Em segundo, o resultado foi possível e não foi o ideal. Devemos tratar do possível e não do ideal, porque senão não conseguimos. Do ponto de vista da agricultura, ele foi razoável, factível. É evidente que há radicais dos dois lados que acham horrível. Mas o radical não tem interesse numa solução. Ele vive do problema e nós vivemos da solução. Agora, tem outras coisas que precisam ser discutidas. Em Santa Catarina ou no Paraná é completamente diferente de uma propriedade grande no Mato Grosso. As duas são muito boas, mas são soluções diferentes. Outro erro que se comete constantemente na discussão é o dos radicais em favor da agricultura familiar e contra a agricultura empresarial, e a empresarial contra a familiar. Nós precisamos e muito das duas. A agricultura familiar tem grandes possibilidades porque os níveis são baixos (é mais fácil aumentar com educação), produz suficiente para a região e é socialmente desejável. A grande empresa é economicamente desejável. Não podemos ficar esperando que chova ou não chova num sítio de feijão, quando chove... Então, as duas se complementam, mas no momento se agriDEM. Eu acho um erro fundamental. A questão, por exemplo, da reforma agrária. Ah, não conseguiram desapropriar terra. A ideia qual é: fazer o pobre feliz. A liderança de esquerda da reforma agrária quer fazer o grande proprietário infeliz tomando a terra dele. Com toda a terra que tomou, mas ainda não foi resolvido (*o problema*). Não é a terra que faz uma boa propriedade familiar. É a educação, o apoio, a extensão. E eles querem desapropriar. Para quê? O objetivo é a felicidade do pobre ou a infelicidade do rico? O ressentimento da esquerda é muito ruim para a construção da felicidade. E acho mais: o objetivo da vida da gente é ser feliz, e não ser rico ou proprietário. E perdem-se estes objetivos na discussão. Sou um otimista nato. Conheço o mundo inteiro e acho o Brasil um país extraordinário, o país do presente. Temos centenas de problemas pequenos e médios e não temos nenhum problema enorme e difícil. Ao viajar pelo interior, e eu conheço o Brasil de ponta a ponta, você volta contente, otimista, entusiasmado na solução dos problemas. Veja, por exemplo, a seca no Nordeste... é um escândalo! A transposição do rio São Francisco... a única coisa em que foi feita a transposição foi o dinheiro do Governo para alguns. Água não chega. A vida é possível com 500 milímetros, mas não com o nível de educação que está lá como resultado do coronelismo de 200 anos. Temos que ter uma agricultura forte, saudável, porém uma agricultura muito diversificada. A diferença entre o lavrador do Rio Grande do

Sul e o do Rio Grande do Norte não é só o sotaque, são todas as condições diferentes. Porém, todas elas viáveis. E não existe nenhuma bala de prata e nem um cobertor único. Precisamos da pesquisa brasileira, que fez coisas fantásticas. A produtividade do café dobrou. Na soja diziam que, por causa da nossa colônia cultural — esse é o problema —, que não era possível produzir soja no Brasil, que o Brasil não era um país agrícola por não produzir trigo... Mas eu dizia: “O americano não produz banana!”. Temos o que se chama de complexo de vira-lata. Se o sujeito tem o olho azul e é loiro, fala inglês, nós achamos ele o “cara”. Nós devemos assumir a nossa cultura tropical, com muita influência africana. A nossa cultura, e isso acontece na agricultura, tem que ser mais orgulhosa. E agora começa a colheita da soja precoce, você não pode deixar de ficar superorgulhoso. Aí, sai na estrada e está tudo quebrado. Vou dar outro exemplo de frustração circunstancial. O Brasil queria produzir em diversos estados, Minas, São Paulo, Paraná... uma bela safra de litchia. Aí apareceu um ácaro e devastou as produções. Veio um defensivo para controlar este ácaro, mas este defensivo só estava liberado para a maçã, e não pode ser usado legalmente. Então, deu um processo burocrático no Ministério da Agricultura, rolando de lá para cá e neste meio tempo acabou a safra da litchia. Essas coisas evidentemente que são percalços do crescimento, mas que precisam de uma atuação esclarecedora mais rápida em função da solução. E não do problema. Aí vêm os ambientalistas, principalmente os radicais da turma do “nada pode”, que usam o “princípio da cautela”. Se eu for usar o princípio da cautela, não poderia sair de casa, pois posso ser atropelado. ☒

Código: é evidente que há radicais dos dois lados que acham horrível. O radical não tem interesse numa solução. Ele vive do problema

**O SHOW NÃO PODE PARAR.
CONTINUE LAVANDO E DEVOLVENDO
AS EMBALAGENS VAZIAS DE AGROTÓXICOS.**



publicisbrasil

Agricultor, continue lavando as embalagens vazias de agrotóxicos no momento da aplicação, e devolvendo todas no local indicado na nota fiscal. Graças a você, esta campanha é um orgulho para a nação e um exemplo para o mundo.

INICIATIVA:


INSTITUTO NACIONAL DE PROCESSAMENTO DE EMBALAGENS VAZIAS
www.inpev.org.br

APOIO:

Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento







Fundador
Hugo Hoffmann



MATRIZ

Av. Getúlio Vargas, 1.526 – Menino Deus
CEP 90150-004 – Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Homepage: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473 – 10º andar
CEP 01045-001 – São Paulo/SP
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686
E-mail: mailsp@agranja.com
Homepage: www.agranja.com

DIREÇÃO-EXECUTIVA

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO

Editor
Leandro Mariani Mittmann
Reportagem
Denise Saueressig
Editoração
Jair Marmet e Gustavo Meneghetti
Revisão
Gustavo Cruz

ASSINATURAS

Gerente de Operações
Amália Severino Bueno
Circulação
Patrícia Giovanna Liotti Rodrigues
Contato Externo
Débora Tigre

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo – Cida Muniz
Porto Alegre – Maria Cristina Centeno (gerente RS/SC)
Agroguia – Anelise Fonseca de Oliveira

REPRESENTANTES

Minas Gerais – José Maria Neves
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222
Conj. 105 – Luxemburgo – CEP 30380-530
Belo Horizonte/MG – Fone/Fax: (31) 3297-8194
Fone: (31) 3344-9100
Celular: (31) 9993-0066
E-mail: josemarianeves@uol.com.br
Brasília – Armazém de Comunicação, Publicidade e Representações Ltda.
SCS – Quadra 1 – Bloco K – Ed. Denasa
13º andar – Sala 1.301 – CEP 70398-900
Brasília/DF – Fone/Fax: (61) 3321-3440
Celular: (61) 9618-1134
E-mail: armazem@armazemdecomunicacao.com.br

Convênio Editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição:
Av. Getúlio Vargas, 1.526 – Menino Deus
CEP 90150-004 – Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
Exemplar atrasado: R\$ 16,00

DEVAGAR, QUASE PARANDO. OU SERÁ QUE VAI PARAR?

Você sabe qual é a velocidade de uma lesma? Provavelmente, não. Pois são 9,9 metros por hora – ou 0,0099 km/h. Portanto, saiba, este bicho gosmento levaria umas dez horas para percorrer 100 metros. Estas informações não devem ter causado muito efeito na sua vida, mas existem outros números referentes à lentidão, coisa arrastada, quase parando, que lhe causam sim relevantes consequências. Sobre tudo se você for produtor (mas também para o consumidor). É o relato da reportagem de capa desta edição, sobre o drama (mas pode chamar de tragédia) do escoamento de safra. O problema vem de anos, sabe-se, mas imagine agora com o recorde de 180 milhões de toneladas de grãos já sendo sorvido das lavouras. E ainda os motoristas com restrições para trabalhar, visto à “lei dos caminhoneiros”. Sem fazer drama, mas o caos se aproxima. Por isso, para ilustrar a reportagem, a figura do molusco, obra do nosso editor de arte, Gustavo Meneghetti, que soube resumir numa figura o imbróglio da nossa infraestrutura logística de escoamento de safra.

Mas, para contrabalancear, uma palavra serena, de otimismo. Mas não uma confiança ufanista, e sim uma análise crítica e conhecedora, de um decano do agronegócio brasileiro: Luiz Hafers, ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira, o entrevistado em *O Segredo de Quem Faz*.

Fora isso, a edição está pulverizada de muitas outras informações pertinentes neste início de ano civil – e já meados de ano agrícola. Como a reportagem que detalha o que (e quanto) os bancos estão ofertando de crédito para o campo. E outro texto sobre os novos instrumentos de financiamento do agronegócio, mecanismos que podem tornar mais fáceis suas safras.

Mas tem mais, claro: como o artigo interessante sobre as novas funções e atribuições do engenheiro agrônomo, um relato sobre a nova fronteira agrícola de grãos no sudeste do Pará e outro referente à importância de visitar a agricultura e os agricultores de outros países, além de artigos sobre as pragas do algodão e do arroz no *Fitossanidade em Destaque*.

Boa leitura! Mas sem pressa!



Para assinar: (51) 3232-2288
www.agranja.com



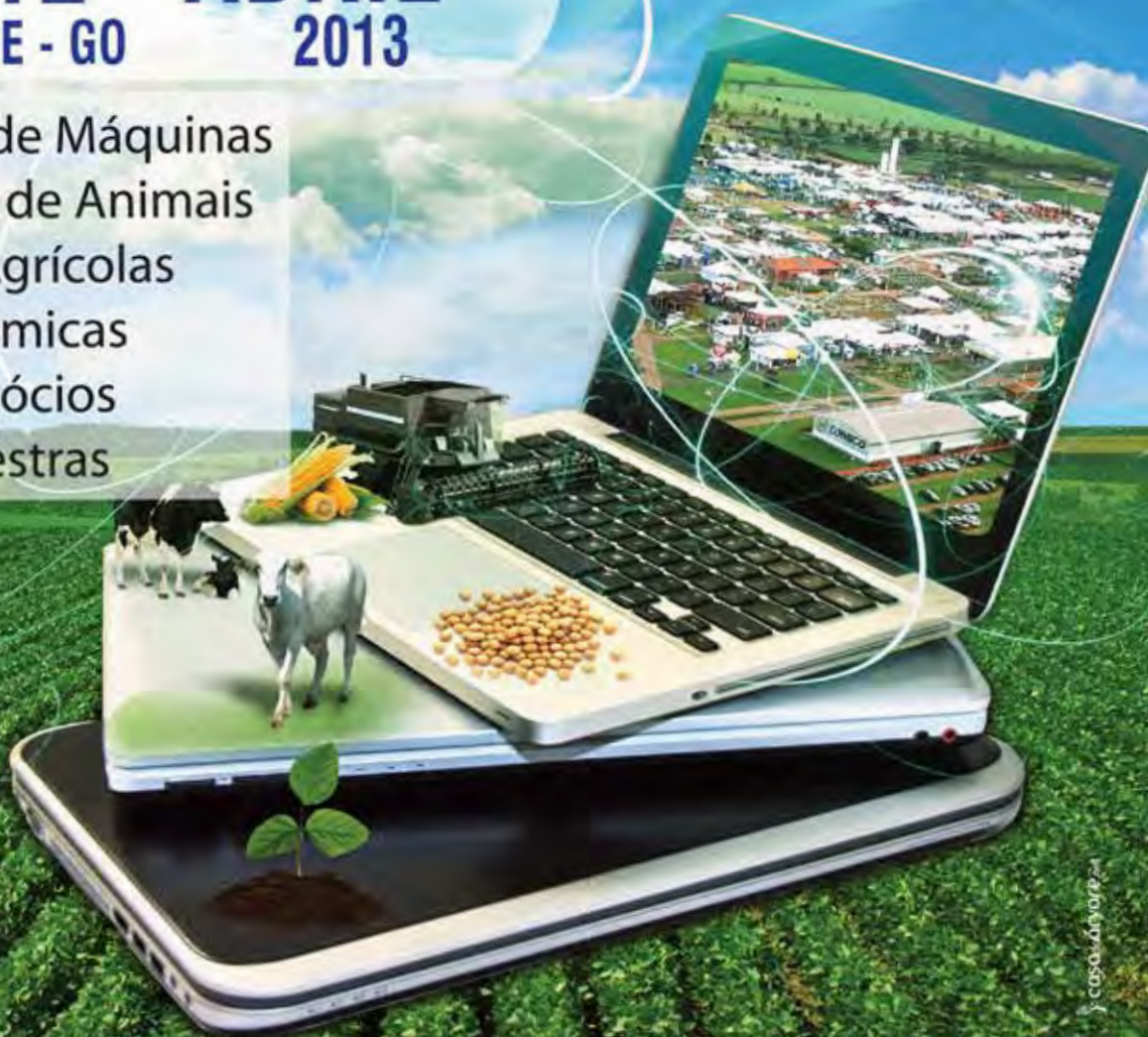
TECNOSHOW

A MARCA DA INOVAÇÃO RURAL

Comigo

08 a 12 - ABRIL
RIO VERDE - GO 2013

Exposição de Máquinas
Exposição de Animais
Plots Agrícolas
Dinâmicas
Negócios
Palestras



Apoio Institucional:

Ministério da
Agricultura, Pecuária e
Abastecimento

BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME



GOV. DE
GOIÁS

Rio Verde
Desenvolvimento Sustentável



COMIGO

Organização e Realização:

www.tecnoshowcomigo.com.br
Informações: (64) 3611-1650 / 3611-1525
secretariageral@tecnoshowcomigo.com.br

BEM ADUBADAS

O consumo de fertilizantes nas lavouras brasileiras em 2012 foi recorde: 29,5 milhões de toneladas, segundo estimativa da RC Consultores. Aumento de 4,24% sobre 28,3 milhões de toneladas de 2011. E, para 2013, a expectativa é de novo recorde, de 30,5 milhões de toneladas, crescimento de 3,38% — tudo segundo a consultoria. Os dados oficiais da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda) ainda não foram divulgados.

Portos agitados

Um montante de US\$ 95,81 bilhões em produtos agrícolas deixou o Brasil em 2012, o que significou o ano das maiores exportações brasileiras — 1% superior a 2011. Já as importações atingiram US\$ 16,41 bilhões, ou 6,2% menos. O saldo comercial foi de US\$ 79,41 bilhões (também recorde). Isso que as vendas foram influenciadas pela redução dos valores de mercado dos principais produtos exportados em razão da crise mundial. Os preços caíram, em média, 7,1%, enquanto o peso total aumentou 8,6%. A China continua o principal destino dos produtos do agro e passou da fatia de 17,4% para 18,8% — compras de US\$ 17,975 bilhões. Depois, Estados Unidos (US\$ 7 bilhões), Países Baixos (US\$ 6,12 bilhões), Japão (US\$ 3,5 bilhões) e Alemanha (US\$ 3,1 bilhões).

180,4 milhões

de toneladas. Este deverá ser o volume da safra de grãos e fibras da safra 2012/13, que já começou a ser colhida. A estimativa é da Conab e representa recorde, 8,6% a mais que a safra anterior — de 165 milhões. A soja deverá se consolidar em 82,6 milhões de toneladas. Já o milho deverá atingir 72,19 milhões de toneladas, e o arroz, 12 milhões.



Divulgação TV Globo

OLHA O QUE ELE FEZ!

O narrador Galvão Bueno agora é sócio do Miolo Wine Group, vencedor do prêmio **Destaques 2012 A Granja do Ano**, grupo que é um dos maiores produtores e exportadores de vinhos finos do país. Ele é o quinto acionista da empresa das famílias Miolo, Benedetti, Tecchio e Randon. A parceria do narrador com a Miolo iniciou em 2009 com a vinificação, pela empresa, do espumante Bueno Cuvée Prestige e do assemblage Bueno Paralelo 31, elaborados com as uvas cultivadas pelo narrador em Candiota/RS. A Miolo Wine Group elabora mais de 100 rótulos.

“...E semear o grão, saciar a fome com a plantação...”

A escola de samba Unidos da Vila Isabel vai homenagear o produtor rural no Carnaval 2013 do Rio de Janeiro. A proposta de reverenciar quem produz alimentos foi apresentada à escola pela Basf, que será sua patrocinadora. O enredo “A Vila Canta o Brasil Celeiro do Mundo - Água no Feijão que Chegou mais Um” tem como compositores Martinho da Vila, Arlindo Cruz, André Diniz, Tunico da Vila e Leonel; Rosa Magalhães e Alex Varela são os autores do enredo. “É um trabalho para que a imagem do produtor seja mais reconhecida pela sociedade”, justifica Eduardo Leduc, vice-presidente sênior da Unidade de Proteção de Cultivos da Basf para América Latina. “O agricultor é o herói, não o vilão. É hora de chamar a atenção da sociedade”, argumenta Maurício Russomanno, vice-presidente para o Brasil. Na imagem, um dos ensaios da escola, na Sapucaia.



MONSANTO DO BRASIL TEM NOVO LÍDER

O engenheiro mecânico aeronáutico André Dias, que ocupava a presidência da Monsanto do Brasil desde julho de 2008, foi promovido a vice-presidente global para Operações de Manufatura da Monsanto Company. E em seu lugar assumiu o engenheiro agrônomo Rodrigo Santos (foto), 39 anos, que era, desde 2011, vice-presidente da companhia no país. Santos está na empresa desde 1999, onde ocupou vários cargos nas áreas de Marketing, Vendas e Estratégia, e entre 2007 e 2009 liderou a área comercial da Monsanto no Leste Europeu (Romênia e Bulgária). “Estou muito honrado em assumir a liderança da Monsanto do Brasil. Tenho pela frente o desafio de liderar uma equipe altamente comprometida a realizar nossa missão de ajudar agricultores brasileiros a produzir mais, de forma sustentável.”



EFICIÊNCIA

O empenho de produtores e pesquisadores em fazer o melhor é o que tem levado a agricultura brasileira a bater recorde após recorde de produção. Segundo números do Ministério da Agricultura, nos últimos dez anos agrícolas a produção foi ampliada em 46,5% numa área apenas 15,7% maior. É que a produtividade foi ampliada em 24% desde a safra 2002/03. A área cultivada pulou daquela temporada de 43,9 milhões de hectares para 52 milhões em 2012/13 e a produção, de 123,1 milhões de toneladas para 180 milhões (projeção).

FAO APELA À EMBRAPA



Um contingente de 870 milhões de pessoas passa fome no mundo todos os dias, apesar do crescimento constante da produção global de alimentos. O número consta no relatório “Estado da Insegurança Alimentar no Mundo – 2012”, da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), e foi discutido no mês passado, na Embrapa, em visita do diretor-geral da instituição, o brasileiro José Graziano. Especificamente sobre a África, Graziano ressaltou a relevância da transferência de tecnologia da Embrapa para a revitalização dos seus institutos de pesquisa. “A Embrapa é uma matriz conhecida mundialmente para fazer essa capacitação, de modo que eu vejo que hoje, mais do que ser um exportador de alimentos, que também ajuda muito a acabar com a fome, o Brasil pode transferir tecnologia, principalmente às regiões tropicais da África, que ajudarão muito a combater a fome também nesses países.”



ANOS DOURADOS

O milho atingiu em 2012 o recorde no seu Valor Bruto de Produção (renda antes da porteira), apurado pelo Ministério da Agricultura: foram R\$ 34 bilhões, resultado da produção histórica de 72,8 milhões de toneladas – até superior à da soja, de 66 milhões. Só na Região Centro-Oeste o cereal ampliou seu VBP em 83,4% sobre 2011, para R\$ 14,4 bilhões. E a perspectiva do ministério é que o VBP do milho neste ano cresça 22,3% ante 2012, para R\$ 41,7 bilhões.

E o país passou no ano passado a segundo maior exportador do cereal, atrás apenas dos Estados Unidos. O Brasil exportou o volume histórico de quase 20 milhões de toneladas, simplesmente o dobro das exportações de apenas um ano antes. Contou, é verdade, com boa demanda internacional em razão da quebra de safra norte-americana e ainda com a queda da produção argentina.

TEMPERATURA PARA OS CITROS

Quais são as temperaturas mais adequadas para o desenvolvimento dos citros? Grato pela ajuda.

Tiago Pires dos Santos
Ortigueira/PR

R- Caro Tiago, entre 12°C e 13°C há redução do metabolismo da planta. Acima de 13°C, a taxa de crescimento aumenta progressivamente, atingindo o máximo entre 23°C e 32°C, que é a faixa de temperatura ótima para a cultura. A partir de 32°C, observa-se um decréscimo na taxa de crescimento, até cessar por completo acima de 39°C. Segundo os pesquisadores da Embrapa, em temperaturas iguais ou superiores a 36°C, observa-se que a taxa de respiração é maior que a de fotossíntese. Com o aquecimento excessivo das folhas, há destruição da clorofila e bloqueio da translocação da água, resultando na desorganização do balanço nutricional da planta. A temperatura tem influência marcante na fase de crescimento e na época de maturação dos frutos. Em latitudes mais elevadas de climas subtropical ou mediterrâneo, os citros estão sujeitos aos riscos de estresses térmicos por baixas temperaturas, principalmente geadas que, muitas vezes, são de



Fotos: Divulgação

fraca intensidade, não causando danos sérios. Outras vezes, podem constituir um dos fatores estratégicos de competitividade com os principais produtores mundiais. A temperatura é o fator condicionante da cor interna e externa do fruto cítrico. As faixas de temperatura entre 25°C e 30°C, durante o dia, e de 10°C a 15°C, durante a noite, são as mais indicadas para a coloração, o sabor e o tamanho das laranjas.

CAFÉ NA BAHIA

Qual é a participação da Bahia na produção brasileira de café? Desde já, agradeço a resposta.

Valdemar Lori Lopes
Vitória da Conquista/BA

R- Prezado leitor, nos últimos anos, a Bahia agregou o café à sua produção agrícola e se tornou uma das grandes regiões produtoras. Essa conquista é resultado da articulação de produtores, pesquisadores e demais segmentos do agronegócio café que, unidos, vêm obtendo resultados positivos nos índices de produção, produtividade e melhoria da qualidade. Hoje, a Bahia é o quarto maior produtor de café, atrás de Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo, alcançando, em 2012, volume de 2,149 milhões de sacas, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e a Embrapa. No total, o Brasil deve produzir, na safra 2012, 50,83 milhões de sacas. A Bahia tem três regiões produtoras principais: Cerrado e Planalto (regiões que concentram café arábica) e Atlântico (especializada em robusta ou conilon). O crescimento mais expressivo ocorria até pouco tempo na região do Cerrado (alta tecnologia, totalmente irrigada), situando-se em torno de 20% ao ano. Recentemente, esse crescimento vem se dando também na região do conilon, denominada “Atlântico”, onde alcança crescimento de 10% ao ano.



CUIDADO NA BAGAGEM

Gostaria de saber quais são os produtos agropecuários que têm restrições em bagagens de passageiros de avião que vêm do exterior. Obrigado pela informação.

Breno Maciel de Moura

Altamira/PA

R- Prezado Breno, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) veda a entrada de alguns itens visando impedir o ingresso de pragas vegetais e agentes de doenças que podem comprometer a sanidade e a produção agropecuária do Brasil. O Mapa, por meio do serviço de Vigilância Agropecuária Internacional (Vigiagro), é responsável pela inspeção das bagagens dos passageiros que entram no país. A atuação é feita em conjunto com a Receita Federal e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Os produtos agropecuários que não podem ingressar no país sem prévia autorização do Vigiagro e/ou certificação sanitária são:

- Frutas e hortaliças frescas;
- Insetos, caracóis, bactérias e fungos;
- Flores, plantas ou partes delas;
- Bulbos, sementes, mudas e estacas;
- Animais de companhia (cães e gatos);
- Aves domésticas e silvestres;
- Espécies exóticas, peixes e pássaros ornamentais e abelhas;
- Carne de qualquer espécie animal, in natura ou industrializada (embutidos, presunto, salgados, enlatados);
- Leite e produtos lácteos;
- Produtos apícolas (mel, cera, própolis);
- Ovos e derivados;
- Sêmen, embriões, produtos biológicos, veterinários (soro, vacinas);
- Alimentos para animais;
- Terras;
- Madeiras não tratadas;
- Agrotóxicos;
- Material biológico para pesquisa científica, entre outros.



O BRASIL AGRÍCOLA **agranja** À sua disposição

ASSINATURAS

Call Center

Ligue grátis

0800-5410526

Grande Porto Alegre

Fone/Fax: (51) 3232-2288

Segunda a sexta, das 8h30 às 12h,
das 13h30 às 18h30

Sábado, das 9h às 14h

INTERNET

www.agranja.com

Para edições atrasadas, edições anteriores, mudança de endereço, troca de forma de pagamento, ligue para os mesmos números acima.

NEWSLETTER

Cadastre-se e receba toda a semana: 0800.541.0526

ou no site: www.agranja.com



@revista_agranja

FALE COM A REDAÇÃO

Por e-mail:

mail@agranja.com

Fax:

(51) 3233-3133

Cartas:

Av. Getúlio Vargas, 1.526

Porto Alegre/RS

CEP 90150-004

As cartas devem conter assinatura, RG e telefone do autor. Por motivo de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas de forma reduzida. Só poderão ser publicadas na edição seguinte as cartas que chegarem até o dia 18.

PRESENTEIE UM AMIGO COM UMA ASSINATURA

Ligue grátis

0800.5410526

Grande Porto Alegre

(51) 3232-2288

amalia@agranja.com.br

ou www.agranja.com



PARA ANUNCIAR LIGUE

(11) 3331-0488

mailsp@agranja.com

(51) 3233-1822

mail@agranja.com.br

ÁGUA PARA A CALDA

Achei oportuno o artigo sobre a água da calda para pulverização. Confesso que nunca tinha pensado nisso. Texto bem esclarecedor sobre o assunto. Às vezes a gente investe pesado num produto, mas peca em detalhes que

comprometem em muito o funcionamento dos mesmos. Este assunto foi bem interessante e deve ser de muita serventia a muita gente.

Alaídes Antunes

Ibiburá/RS



INVESTIMENTOS NO HORIZONTE

Que bom que estamos vivendo um momento bom como este na nossa agricultura (*Reportagem de Capa, edição de dezembro de 2012*). O produtor está tendo a chance rara de poder pensar no que vai fazer com o dinheiro que vai receber da safra 2013, que já está sendo colhida em algumas regiões do país. Até pouco tempo atrás o que se via era o agricultor desesperado sem saber se o que ele iria colher ao menos poderia saldar as dívidas contraídas para fazer esta mesma safra, sem contar que não sobraria um realzinho para investir na propriedade ou mesmo atender necessidades pessoais e familiares. Que esta fase se prolongue por anos.

Gérson Gonzaga

Guarantã do Norte/MT

INVESTIMENTOS NO HORIZONTE II

Gostei da reportagem sobre o que fazer com o dinheiro da safra 2013. Mas o que mais me chamou a atenção foi a parte do pagamento de dívidas (*artigo do advogado Ricardo Alfonsin*). Principalmente o seguinte trecho: “Concluindo, a produção agrícola dificilmente gera recursos para pagar dívidas passadas, e da safra presente, mas se isto acontecer, realmente deve ser aproveitado, no intuito de se livrar deste endividamento, que é uma doença, nos moldes atuais, com prognóstico letal à atividade”. Concordo plenamente com ele. Trabalhar sem o peso das dívidas é fundamental para se chegar aos objetivos propostos.

Ricardo Lenz

Almirante Tamandaré/PR

GESTÃO RESPONSÁVEL

Muito interessante e equilibrada a entrevista do senhor Anderson Galvão (na foto, em *O Segredo de Quem Faz*, edição de dezembro de 2012). Ele fez uma análise otimista deste ano, o que concordo, mas também deixa um alerta para que nós, os produtores, pensemos nossos gastos com a razão, para administrar o nosso negócio com muita, mas muita responsabilidade. Caso não façamos isso, não adianta, a saca da soja pode passar a R\$ 100 e, mesmo assim, vamos ter prejuízo ao final do ano.

Marcelo Feijó

Guarapuava/PR



Divulgação

**mail@agranja.com ou acesse www.agranja.com
twitter.com/#!/revista_agranja**



VEJAM A SEGUNDA POSSE DE BARACK OBAMA

Não foi tão apoteótica quanto a primeira posse há quatro anos, mas sem dúvida representou um momento de meditação e esperança para o povo norte-americano. Um espetáculo de civismo digno de se ver, ouvir e analisar. Mesmo com as dificuldades que sabe que deverá enfrentar, Obama fez um pronunciamento afirmativo e convocatório a todos os americanos, sem distinção de raça, cor, religião, posição política, riqueza ou pobreza, empregado ou desempregado. Todos foram convocados à luta que se prevê será árdua. Reafirmou a sua confiança nos direitos e deveres de seus concidadãos e não teve constrangimento em afirmar que hoje os Estados Unidos têm uma dívida pública maior que tudo que o seu país é capaz de produzir em um ano. É espantoso, mas é a pura verdade. Dura, mas real verdade. Dir-se-ia mesmo quase impagável.

O que é mais interessante, esta dívida já vem de longo prazo, pois o que ele está fazendo agora com tanta ênfase, pedir a autorização ao Congresso para ampliar ainda mais o valor da atual dívida, já foi feito pelos seus antecessores por várias vezes. Será que lá, como aqui, está prosperando o princípio que dívida não se paga – se alonga ou se rola? Creio que este mal está se generalizando. Quando Itamar passou ao Fernando Henrique o poder, deixou para ele uma dívida pública interna de R\$ 72 bilhões. Quando este último passou a Lula o poder, deixou com ele nada menos que R\$ 1 trilhão ou muito próximo disto para que ele pagasse. Reparo que quando Lula entregou o poder a Dilma, presenteou a nova presidente com uma dívida pública interna de cerca de R\$ 1,5 trilhão.

É verdade que, especialmente o setor agrícola, além de ter praticamente pago quase toda a dívida externa brasi-

leira em 2010, ainda deixou no Tesouro Nacional o saldo de cerca de US\$ 240 bilhões que tiveram de ser monetizados, portanto ampliando a colocação dos Títulos da Dívida Pública em quase R\$ 500 bilhões. Mas, com todo o conforto do saldo em moeda estrangeira, hoje já se fala numa dívida nossa próxima dos R\$ 2 trilhões. Tomemos cuidado, e devemos olhar com preocupação o drama americano para não repetirmos aqui o desastre que lá cometeram. Só temos de desejar que tanto lá quanto aqui estas dívidas sejam pagas corretamente.

Convém também comentar: Barack Obama tem demonstrado certo carinho e uma especial atenção para com o nosso Brasil

O que não podemos nem pensar é que prospere a ideia do “caloterismo”. Este sim será o grande desastre, especialmente para os povos que desejam ser sérios.

Convém também comentar: Barack Obama tem demonstrado certo carinho e uma especial atenção para com o nosso Brasil. Foi o único presidente dos Estados Unidos, dos que visitaram o Brasil, a fazer questão de dizer que estava vindo aqui sem nenhum presente de qualquer espécie. Estava vindo aqui para pedir ao Brasil que ajudasse o mundo. Reconhecia que o Brasil havia conseguido desenvolver uma tecnologia tropical capaz de aproveitar os nossos biomas e transformá-los em grandes áreas

produtoras de alimentos, matérias-primas agrícolas e bioenergia que o mundo de hoje tanto carece. Pediu sem nenhum constrangimento para que o Brasil ajudasse aos seus vizinhos da América tropical, aos seus “irmãos” da África e aos outros povos tropicais do globo que ainda não têm o conhecimento e a capacidade que o povo brasileiro adquiriu. Foi uma convocação enfática, ainda no seu primeiro mandato e que, infelizmente, parece não ter sido ouvida e interpretada no que ela efetivamente pode parecer.

O homem que tem a chave do maior tesouro do mundo e, além deste, a de tantos bancos e organismos internacionais que deverão ter compreendido a convocação patética aqui realizada pelo presidente Obama, dirigente que alegou ser este o caminho para a tranquilidade do abastecimento alimentar e da bioenergia que o mundo tanto necessita. Sabe Obama, como sabemos nós, que os brasileiros ainda não conhecem de fato os seus principais biomas e, principalmente, como manejá-los sem degradar ou destruir os seus recursos naturais, que são

o solo, a água, as plantas e os animais. Sabe ele, como sabemos nós, que só através de muito estudo, muita pesquisa, poderemos conhecer melhor estes nossos biomas, que são os mesmos em todas as regiões tropicais da terra. Não seria uma grande ajuda do Brasil ao mundo ter tecnologia e conhecimento suficientes para poder passar aos outros povos o que eles aqui poderão vir e participar conosco na busca destes conhecimentos e assim se preparar para atuar nos deles? Creio que o desafio foi feito. Basta que o interpretemos. ■

Engenheiro agrônomo, produtor e ex-ministro da Agricultura

0 recorde vai chegar até o PORTO?



As lavouras brasileiras se encaminham para produzir a maior safra de grãos e fibras que este país já colheu. Mas como estas estimadas 180 milhões de toneladas vão ser deslocadas até seus destinos pelas precárias e insuficientes estradas ou raras hidrovias e ferrovias? E os portos têm estrutura para receber/encaminhar com agilidade? A realidade é que o maior problema do agronegócio brasileiro está longe do poder de ação do produtor e ainda mais distante de uma solução

Thais d'Avila

O campo brasileiro deverá gerar este ano uma safra recorde. Mais de 180 milhões de toneladas de grãos são esperadas – contra pouco mais de 166 milhões em 2011/2012, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Ao mesmo tempo em que comemoram a produção e os bons preços que vêm sendo praticados, as lideranças se preocupam em como levar a safra da lavoura até seus destinos. Vários problemas relacionados à logística vêm tirando o sono de muita gente há tempos. É o que manifesta o presidente da Associação dos Produtores de Soja e Milho do Mato Grosso (Aprosoja/MT), Carlos Fávaro. “É preocupante, não dá para comemorar porque talvez vá pelo ralo o grande momento que a agricultura vive. Temos supersafra e preços remuneradores. E isso não vai se reverter em rentabilidade, porque vai ser jogado fora pela ineficiência”, lamenta. Fávaro garante que, mesmo com os resultados previstos, “não é momento de comemorar e sim de ficar atento e buscar solução pra esses gargalos.”

A safra passada teve quase 10 milhões de toneladas a menos em relação à expectativa inicial, em função da frustração no Sul. Conforme o sócio-diretor da Agroconsult, André Pessôa, esse desempenho não colocou toda a pressão esperada no sistema de logística. Para 2013, segundo ele, o prazo acabou. “O fôlego terminou em 2012, o período de tolerância. Daqui para a frente existe um real constrangimento à capacidade de produção. Agora nós vamos para uma safra muito grande. Esse volume que em breve começa a ser colhido vai, pela primeira vez, testar todos os limites de capacidade logística.” Pessôa lamenta: “O setor que poderia crescer a taxas mais robustas do que a média da economia brasi-

leira vai ter um problema seriíssimo por conta da infraestrutura. Vamos deixar de dar uma contribuição plena do potencial do setor agrícola”.

A situação mais crítica acontece no Centro-Oeste. Com maior distância até os portos para ser escoado, o grão mato-grossense, por exemplo, perde competitividade. Enquanto no Sul a soja foi vendida em janeiro a R\$ 60, com valores em queda, no Mato Grosso não chegava a R\$ 50. Para o superintendente do Instituto Matogrossense de Economia Agrícola (Imea), Otávio Celidônio, o grão é mais afetado no estado pelo custo geral em função do transporte. “O frete tira muito da margem do produtor. Por enquanto, o atual patamar de preços ainda permite para a gente pagar esses valores de frete. Mas se a remuneração pela soja cair, é muito delicado, isso é um movimento mundial, o primeiro impactado vai ser o produtor mato-grossense e, com certeza, vai ser o maior impactado.”

Mesmo sendo o Centro-Oeste a sofrer o maior impacto, por causa das longas distâncias, resolver a logística destes estados pode ajudar, conforme Fávaro, todas as regiões produtoras. “No momento que conseguirmos destravar a logística do Centro-Oeste, vamos também beneficiar o Sul e o Sudeste. Porque vamos deixar de atulhar os portos de Santos, Paranaguá com a nossa carga e vamos dar competitividade aos produtores destas regiões também. Então, todo o mundo ganha quando nós destravarmos isso”, analisa.

O dirigente, que também preside o Movimento Pró-Logística, uma iniciativa que mobiliza toda a sociedade organizada do Mato Grosso em torno do assunto, acredita que os pleitos podem ser agilizados se lideranças de todos os estados co-

meçarem a pressionar os governos por soluções. “Precisamos todos cobrar dos governantes a liberação das licenças (ambientais), a agilização das obras, que deixem a iniciativa privada trabalhar. Todos vão ganhar, inclusive a dona de casa, que vai comprar uma geladeira. Se o frete é mais barato, ela vai pagar menos por essa geladeira, e em tudo o que for comprar. Certamente todos vão ser beneficiados.”

Sul também sofre — A Região Sul, embora em situação melhor, também sente os problemas de logística. No caso do Rio Grande do Sul, de 12 milhões de toneladas de soja produzidas na última safra, pelo menos 5 milhões foram para o porto de Rio Grande já processadas – em forma de biodiesel ou óleos vegetais. Isso, conforme o presidente da Cooperativa dos Produtores de Plantio Direto (Cooplantio), Daltro Benvenuti, dá um fôlego para o escoamento da safra gaúcha. Mesmo assim, no ano passado, conforme Benvenuti, a fila de espera no porto chegou a 45 dias. “O caos logístico já existe no Sul também. E, pela estrutura existente, deve se acentu-



ar à medida que a oferta de grãos aumenta e não há capacidade no porto”, informa.

A empresa recomenda aos associados que implantem estruturas de armazenagem em suas propriedades. Hoje, pelo menos 70% dos associados de porte médio e grande da Cooplantio já possuem formas de estocar o produto, para evitar o gargalo da entrada da safra nas estradas. E, como forma de colaborar neste processo, a Cooplantio fechou uma parceria com uma empresa de Rio Grande, próxima ao ponto de embarque do porto. “Eles tinham um terreno, fizeram investimento em silos e secadores. Agora, o associado que quiser entregar a produção para exportação, pode usar a estrutura, sem filas”, garante. A capacidade de armazenagem é de 1,2 milhão de sacas.

O desafio do milho: não há intervalo — Mato Grosso, maior produtor de soja no Brasil, vem, a cada safra, aumentando também a produção de milho. Em 2012 foram colhidas, na safrinha, 15,6 milhões de toneladas. A produtividade chegou a 104 sacas por hectare. Nesta safra, a área ficou 11% maior, mas a produtividade deve encolher um pouco, pois as condições climáticas e o investimento do produtor em tecnologia estão diferentes do ano passado. A estimativa é de Otávio

Celidônio, do Imea, que aposta numa produção de 13,3 milhões de toneladas do cereal, 14% inferior.

O desempenho em 2011/2012 provocou um fenômeno novo no escoamento da safra. “Não teremos intervalo”, diz Celidônio. “A gente passou dezembro e janeiro com movimento grande nos portos. Dezembro, que era um mês de queda no escoamento, foi o terceiro maior mês de exportações em 2012. E mal acabamos de escoar este milho e já vai entrar soja de uma vez. Não vai dar um tempo.” Os números deixam clara a preocupação do dirigente. Em novembro, Mato Grosso exportou 1,7 milhão de toneladas, caindo relativamente pouco em dezembro, com 1,55 milhão de toneladas.

Para André Pessoa, o desempenho da exportação brasileira de milho poderia ter sido ainda melhor caso a infraestrutura fosse mais robusta. “Nós fomos um grande exportador de milho para o mercado internacional porque a safra americana quebrou e havia espaço para o milho brasileiro. Porém, não colocamos tudo o que poderíamos porque não havia capacidade de operação dos portos”, lamenta o consultor.

Motoristas descansados, estradas mais seguras — A nova lei dos motoristas (12.619/12), que limita o número de



Carlos Queiroz

Benvenuto, da Cooplantio:
“O caos logístico já existe no Sul também. E pela estrutura existente deve se acentuar à medida que a oferta de grãos aumenta e não há capacidade no porto”

horas de trabalho dos profissionais, entrou em vigor, no meio do ano passado, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores das estradas e reduzir o número de acidentes. A medida chegou a ser prorrogada por 180 dias, mas teve o adiamento suspenso (portanto, já está em

Fávaro, da Aprosoja/MT:
“Temos supersafra e preços remuneradores. E isso não vai se reverter em rentabilidade, porque vai ser jogado fora pela ineficiência”



Aprosoja/MT

Visto a “lei dos caminhoneiros”, estima-se um impacto no preço dos fretes em 30% a 35%





phosphorus

SupraPhos®

Composição

Fósforo (P_2O_5) solúvel em CNA* + água	9 %
Fósforo (P_2O_5) total	14 %
Cálcio (Ca) total	12 %

Central de Vendas

(64) 3442-4356
Catafós Fertilizantes
Catalão - Goiás
catafos@catafos.com.br

Em campo a nova linha de fertilizantes sustentáveis,
garantia de suprimento contínuo de fósforo

- Supre as culturas, oferecendo ao sistema solo-planta fósforo e cálcio em abundância.
- Uniformidade da lavoura – garantida pelo suprimento contínuo de fósforo.
- Promove melhora do sistema radicular, influenciando no desenvolvimento das plantas.
- Recomendado para tratamento de solo e nutrição das culturas anuais e perenes.
- Atua nos processos de armazenamento e transferência de energia para as plantas.
- Promove boa fecundação, aumenta a frutificação e uniformiza a maturação dos frutos.
- Herança e melhoramento genético garantidos pela eficiência dos nutrientes.
- Otimiza a receita da área rural – é um produto sustentável e economicamente viável.
- Supera concorrentes com melhor custo/benefício e excelentes vantagens para o produtor.

www.supraphos.com.br

pleno vigor). O procurador do Ministério Público do Trabalho (MPT), Paulo Douglas de Moraes, disse, durante palestra para representantes do setor de transporte, que a violência nas estradas brasileiras provoca a morte de pelo menos 4 mil motoristas de caminhões e ônibus por ano. “É uma guerra sangrenta.” Moraes acredita que, com a lei sendo cobrada e respeitada, “em pouco tempo teremos uma mudança de perfil nas rodovias, extremamente importante e positiva”.

A nova lei dos motoristas prevê para os trabalhadores empregados de transportadoras, no máximo, oito horas por dia na direção, com um intervalo de meia hora a cada quatro e parada de uma hora para refeição. O descanso mínimo é de 11 horas a cada 24. Já os caminhoneiros autônomos podem trabalhar até 12 horas por dia, respeitando os intervalos e o descanso mínimo entre as jornadas. As empresas do agromercado foram as primeiras a cumprir a nova legislação e, por isso, a aumentar o valor do frete, segundo o diretor do Departamento de Custos Operacionais e Pesquisas Técnicas e Econômicas da NTC&Logística, Neuto Gonçalves Reis. “É importante cumprir a lei. O Ministério Público do Trabalho está em cima e já teve empresa multada em R\$ 10 milhões! E a fiscalização está também junto aos embarcadores. Cabe a eles verificar se o motorista cumpriu o descanso da semana. Alguns até estão pedindo a cópia do tacógra-



Artéria: a importante rodovia BR-163 poderia facilitar o escoamento da safra mato-grossense pelo Porto de Santarém, no Pará

fo para verificação”, explica.

Frete mais caro em curtas distâncias — As contas realizadas com a vigência da lei demonstram que os caminhoneiros estavam mesmo trabalhando muitas horas por dia. Um estudo realizado pela NTC&Logística aponta que, com essa nova programação do dia do motorista, cada veículo vai rodar 30% a 40% menos. Isso, conforme Reis, na prática, é como se houvesse uma redução da frota. Os estudos partem do princípio de que, antes da lei, um motorista rodava, em média, 14 horas por dia. Agora está ro-

dando no máximo dez horas. “Entretanto tinha gente que rodava 16, 17 horas. Porém, a gente parte de uma hipótese que não seja trabalho escravo. Mas, para quem atuava neste esquema, o impacto com a redução do número de horas será bem maior”, entende. Segundo Reis, ainda não existe uma informação sobre o número de acidentes, mas “com certeza isso irá acontecer. É o objetivo da lei”.

Reis garante que, ao contrário do que se imagina, é nos trajetos de médias e curtas distâncias que o frete vai ficar mais caro. “O custo fixo do veículo, aquele que não altera com a quilometragem, vai ser diluído agora por um menor número de viagens. Então, ao contrário do que a maioria pensa, o impacto maior é na curta distância”, descreve. O diretor técnico explica que o custo variável, proporcional à quilometragem rodada, não muda. Logo, o que muda é apenas o custo fixo, que acaba sendo diluído por um número menor de trajetos. “Se antes ele fazia 14 ou 15 horas por dia, vai passar a fazer nove ou dez horas e, com isso, vai precisar de mais caminhões para transportar o mesmo volume”.

O estudo sobre o impacto da lei sobre os custos do frete cobrado no Brasil apontou ainda que para as cargas lotação (cargas completas) o percentual é maior, chegando próximo de 29%. O percentual é próximo do que estima o setor do agrome-



Há trechos de vias importantes para o escoamento da produção agrícola, como este da BR-163 no MT, que nem ao menos possuem pavimentação



gócio, que aposta num impacto de 30% a 35% do preço do frete, como afirma Pessôa, da Agroconsult. “Vai subir 30% a 35%, na melhor das hipóteses, contra a média do ano passado. E esses valores estão sempre subindo. Isso vai sair do bolso dos produtores, porque acaba sendo um custo que a cadeia produtiva tem que enfrentar e é repassado ao produtor.”

O diretor da consultoria vai mais longe. Garante que a frota efetivamente já diminuiu, desde o ano passado. Segundo ele, houve uma redução da frota circulante porque muitos caminhoneiros desistiram de continuar na atividade, sobretudo para grandes distâncias. “Cerca de 10% da frota de carretas já paralisou a partir do vigor da lei. E há expectativa de que outras tantas deixarão de circular em 2013”, revela. Pessôa salienta que já era necessário um aumento da frota para acompanhar o crescimento da produção. E, além de não crescer, ainda está reduzindo. “As duas coisas estão indo na direção oposta”, alerta.

Procura-se caminhoneiro — Outro

Reis, da NTC&Logística: com a nova lei dos caminhoneiros, cada veículo vai rodar de 30% a 40% menos, ou seja, como se houvesse redução de frota

Lá na lavoura do agricultor até o destino, a produção e os preços históricos acabam perdendo boa margem de lucro para o caos logístico do país



Leandro M. Miltmann

problema gerado com a legislação é a falta de caminhoneiros. A carência de motoristas capacitados para o transporte de cargas já era grande. Agora, com a necessidade de mais profissionais para suprir os tempos de parada, a situação fica ainda mais crítica. Em nota, a Confederação Nacional do Transporte (CNT) admite a falta deste tipo de mão de obra. “O aumento da demanda de serviços exige novos motoristas e ajudantes. O Serviço Social do Transporte e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (Sest/Senat) mantém cur-

sos permanentes de qualificação de profissionais com especialização em transporte agrícola”, informa a instituição.

A principal dificuldade, conforme Moraes, do MPT, é atrair o jovem para esta atividade. “O jovem não quer ser motorista. Quem quer entrar na fila para o corredor da morte? Teríamos que oferecer algo muito, muito atraente para alguém entrar num segmento de tamanha penosidade para o trabalhador. Parece que a nova lei vem trazer uma solução para todos.” A boa notícia gerada pela vigência da lei dos motoristas, além da expectativa de redução de acidentes (o que, segundo os especialistas, ainda não pode ser quantificado), fica para o mercado de caminhões. Reis, da NTC&Logística, acredita que, depois de



Divulgação

Por causa da expansão do cultivo do milho no Mato Grosso, acabou o “intervalo” para o escoamento de grãos no estado



A melhor saída é a ampliação dos portos no Norte

As lideranças do agronegócio são unânimes quando o assunto são os portos da Região Norte. É lá que, segundo vários dirigentes, está a solução para a logística brasileira. Para mostrar a importância deste setor para o agronegócio do país, o consultor em logística da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Luiz Fayet, aponta logo o crescimento das exportações brasileiras. “O Brasil quadruplicou o volume de exportação de soja nas últimas duas décadas. E, comparando com outros países produtores, nós temos mais condições de aumentar a produção. E isso deve acontecer no centro do país, porque no Sul não tem mais nenhum metro para crescer”, afirma.

Segundo Fayet, o Centro-Norte do Brasil gerou, em 2011, 45 milhões de toneladas de excedentes de soja e milho, que foram escoados pelo Sul e pelo Sudeste. Pelo menos 30 milhões poderiam ser escoados pelos portos do chamado “Arco Norte”, os portos que ficam acima do paralelo 16°. O consultor afirma que o custo de embarque brasileiro hoje é quatro vezes maior do que o dos Estados Unidos ou da Argentina. “É dinheiro que está sendo jogado pelo ralo por falta de alter-

nativas para chegar nos portos.”

Já diretor da Agroconsult vai além. Segundo André Pessôa, o Brasil tem condições de exportar, hoje, entre 8,5 milhões e 9 milhões de toneladas de grãos por mês. Mas se os portos trabalharem em plena capacidade. “Só que o mercado internacional demanda muito mais do que isso. É pouco para o tamanho da agricultura brasileira. Se tivéssemos condições, capacidade, teríamos exportado muito mais soja e milho na última safra. Ficamos limitados pela capacidade dos portos.”

A credibilidade dos PACs— O anúncio do Programa de Aceleração de Crescimento (PAC) das concessões dos portos, anunciado pela presidente Dilma, no final do ano passado, com previsão de R\$ 54 bilhões em investimentos até 2017, não chegou a animar o setor. A maioria das lideranças olha com desconfiança os anúncios e aguarda a celeridade dos processos. Em outras palavras, espera ver para crer. Fayet diz que a intenção é boa, mas é preciso garantir que tudo o que foi dito pela presidente no lançamento do programa seja, de fato, realizado. “O discurso dela é muito claro. Ela quer libertar o Brasil desse jugo de coisas, intervenções e

deixar a iniciativa privada construir.”

O presidente da Aprosoja/MT, Carlos Fávaro, concorda. “Estamos cansados de PAC. Agora, o PAC Concessão, pelo menos nesse mostrou o caminho. Precisa ter agilidade e o Governo fazer o papel dele. Criar regras de regulamentação, fazer as licitações e os licenciamentos. Não pode ficar travando em Ibama, Funai ou de quem quer que seja. O Governo precisa ser ágil e fazer o papel dele”, sugere. Fávaro quer dizer que o Governo acerta ao admitir que há dificuldade em fazer obras e entrega a tarefa para empresas privadas. O dirigente avalia apenas que é preciso ajustar algumas medidas, para dar segurança ao investidor, gerando competitividade e ganho para a economia brasileira. O problema da questão portuária, segundo as lideranças, é que as coisas, neste segmento, não ocorrem de um dia para outro. O processo de ampliação, em si, é mais lento. Por isso, Fayet já projeta uma grave crise de logística pela frente. “Eu acho que o melhor remédio para encontrar uma solução é a crise. E nos próximos três anos nós vamos passar por uma crise brutal na logística do agronegócio. Vai ser um inferno.”



Fabio Scremin/APPA



um ano de queda de 40% na produção e 20% nas vendas, o setor deve registrar recuperação e crescimento em 2013.

Prejuízos por todos os lados — A alta do frete não compromete só o escoamento da safra atual. As lideranças temem o atraso na chegada dos produtos necessários para o próximo plantio. Pessoa diz que o impacto acontece de duas maneiras: a primeira é o escoamento, que penaliza o preço do produto recebido; e a segunda é na aquisição dos insumos para a safra seguinte. “Boa parte destes insumos precisa ser transportada dos portos para a região de produção, como os fertilizantes, por exemplo. E o frete impacta o produtor destas duas formas. Um problema de mão dupla”, lembra.

Os números dos valores de frete no Brasil impressionam ainda mais quando comparados com os de outros países. Nos Estados Unidos, por exemplo, conforme dados da Aprosoja, uma tonelada de grãos exportados, num trecho de 2 mil quilômetros (hidroviário, barça ou ferroviário, dependendo da região), custa entre US\$ 10 e US\$ 35 por tonelada – todo o sistema.

No Brasil, a mesma distância fica entre US\$ 130 e US\$ 140 dólares. “Se subisse o frete e resolvesse... mas não resolve. Os caminhões são os mesmos, as estradas são as mesmas, só inflaciona, mas o gargalo continua. Esse é o grande mal”, afirma Fávaro. Ele lamenta que a dinâmica existente hoje no Brasil muitas vezes não remunera nem o próprio motorista. “Ele perde tempo em fila, em pedágio, gasta dinheiro em pedágio, manutenção. O sistema precisa ser readequado. É o Brasil perdendo a oportunidade de ser eficiente.”

A promessa das estradas — Embora não seja a solução ideal, a conclusão ou melhoria de algumas estradas brasileiras já reduziria alguns problemas de escoamento. É o caso da BR-163, na parte que liga Cuiabá a Santarém/PA, que poderia facilitar o escoamento da safra mato-grossense pelo Porto de Santarém, no Pará. A estrada existe, está aberta, mas precisa de pavimentação em muitos trechos. “A BR-163 está como prioridade há cinco governos. Não é problema só da Dilma. Foi do Lula e do Fernando Henrique e anda a passos de tartaruga”,



reclama Pessoa, da Agroconsult.

Ampliação, duplicação e recuperação de trechos nas principais rotas de escoamento do país podem ser soluções paliativas para o caos da logística brasileira. Mesmo assim, a Confederação Nacional do Transporte esclarece que problemas estruturais vêm prejudicando a fluidez do transporte em vários trechos das BRs 153, 158, 163 e 364. Nestas estradas é verificado o maior movimento de escoamento da safra de grãos e precisam de investimentos em pavimentação, sinalização e melhorias em engenharia. Na avaliação da entidade, essas rodovias receberam conceito regular.



O MELHOR CONTROLADOR DE TAXA
VARIÁVEL DO MERCADO

MONITOR DE PLANTIO

DESLIGAMENTO DE SEÇÕES
CONTROLADOR DE VAZÃO

GPS BARRA DE LUZ
DE ALTA PRECISÃO

PILOTO AUTOMÁTICO ELÉTRICO E HIDRÁULICO



Divulgação

DINHEIRO farto à disposição do campo

Para quem pensa em investir em melhorias na propriedade, sobretudo renovando o parque de máquinas, não faltam opções de linhas de crédito com as mais variadas condições. Em épocas de feiras, como agora, é bom saber de tudo o que é oferecido

Luiz Silva

Os produtores podem ficar tranquilos. Não faltará dinheiro para investimento em maquinário, custeio e comercialização das safras agrícolas ao longo de 2013. As linhas de crédito nos bancos que trabalham com o crédito agrícola são fartas e os prazos e juros estão atrativos. Um apoio e tanto, sobretudo para as aquisições durante as feiras que vem aí. A lista de siglas é grande: Pronaf (Agroindústria, Mais Alimentos, Agroecologia, Eco, Mulher, Floresta, Jovem), Pronamp, PSI, Moderfrota, Programa ABC, Moderinfra, Moderagro, Prodecoop, Procap-Agro e muitas outras. A boa nova foi a aprovação, em 27 de dezembro, durante reunião do Conselho Monetário Nacio-

nal (CMN), da resolução que introduz alterações no Manual de Crédito Rural (MCR). O objetivo é harmonizar o MCR com a implantação do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), que entrou em vigor no primeiro dia útil de 2013.

A principal mudança altera a classificação do produtor rural, que passa a ter três categorias, de acordo com a renda anual na atividade agropecuária: pequeno (até R\$ 160 mil), médio (até R\$ 800 mil) e grande produtor (renda acima de R\$ 800 mil). Além de padronizar os critérios para apuração dos saldos diários das operações, a correção da MCR atualiza os parâmetros para fins de fiscalização das opera-

ções rurais pelas instituições financeiras. De acordo com o Banco Central, as alterações estão em linha com as ações da autoridade monetária para assegurar a liberação dos recursos ao produtor rural e para que sejam aplicados nas finalidades a que se destinam. A seguir, uma síntese do que as principais instituições bancárias disponibilizarão ao produtor no ano:

Banco do Brasil — O Banco do Brasil oferece R\$ 55,063 bilhões em operações de crédito rural no ano agrícola 2012/13 (que se encerra em julho). Segundo o diretor de agronegócios da instituição, Clênio Sevério Teribeli, este volume é 14,32% superior se comparado ao valor liberado na safra anterior (R\$ 48,165 bilhões). Des-



Divulgação

“Continuamos recebendo pedidos de crédito e não faltarão recursos”, garante o diretor de agronegócios do Banco do Brasil, Clênio Sevério Teribeli

se total, R\$ 10,5 bilhões financiam a agricultura familiar e R\$ 44,6 bilhões atendem aos agricultores empresariais e às cooperativas. “Continuamos recebendo pedidos de crédito e não faltarão recursos”, garante Teribeli, salientando que os recursos para o plantio da safra 2013/2014 ainda não estão definidos pelo Governo.

O dirigente destaca a redução dos juros, que caíram de 6,65% para 5,5% no custeio e de 6,25% para 5% no Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp). Neste último programa, em continuidade à política de apoio aos produtores que possuem renda anual de até R\$ 800 mil, o Banco do Brasil incrementou o volume de crédito em 20% na safra atual, que deve atingir R\$ 7,2 bilhões até julho.

Uma novidade foi o Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), que integra o Programa Minha Casa, Minha Vida, a fim de oferecer condições favoráveis para a construção e a reforma de moradias aos agricultores familiares e trabalhadores rurais. As operações são contratadas, em todo o território nacional, nas modalidades Grupo 1, 2 e 3. O Grupo 1 contempla agricultores e trabalhadores rurais com renda familiar anual de até R\$ 15 mil. Não há cobrança de encargos financeiros

e os limites de crédito são de até R\$ 25 mil, para produção de unidades habitacionais rurais, e de até R\$ 15 mil para reforma. Para ser enquadrado no Grupo 2, a renda familiar anual precisa ser acima de R\$ 15 mil e até R\$ 30 mil. Nesse caso, os encargos financeiros são de 5% ao ano + TR. Já no Grupo 3 estão beneficiados agricultores e trabalhadores rurais com renda familiar anual acima de R\$ 30 mil e até R\$ 60 mil. As taxas de juros variam entre 6% e 8,16% ao ano + TR. O BB estima contratar, até o final de 2014, 100 mil unidades habitacionais no Programa Nacional de Habitação Rural.

Banco do Nordeste — Para 2013, o Banco do Nordeste disponibilizou R\$ 4,1 bilhões de seu principal fundo, o Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), para agricultura e pecuária. Nesse valor, constam os recursos destinados ao Pronaf, que serão R\$ 1,5 bilhão para a safra 2013/2014. O banco atua como o principal agente financeiro Pronaf e por meio do FNE - Rural, que atende agricultura e pecuária. Os principais recursos provêm do FNE e, no caso de custeio, também de recursos obrigatórios e recursos da Poupança Rural. Em 2012, o Banco do Nordeste destinou R\$ 4,8 bilhões com recursos do FNE para o setor rural, correspondentes a 40,6% do total aplicado no ano.

No primeiro semestre de 2013, as operações de crédito com recursos do FNE terão juros de 3,53% ao ano. A taxa pode diminuir para 3% ao ano para pagamentos em dia, em razão do bônus de adimplência de 15% sobre os juros. Os prazos dependem da finalidade e em função da capacidade de pagamento do mutuário, que são os seguintes. Investimentos fixos: até 12 anos, incluídos até quatro anos de carência; Investimentos semifixos: até oito anos, incluídos até três anos de carência; Aquisição isolada de bovinos para recria e engorda a pasto: até 30 meses; Aquisição isolada de bovinos para engorda a pasto: até 18 meses; Aquisição isolada de bovinos para engorda em confinamento: até 180 dias; Custeio pecuário: até um ano; Custeio de beneficiamento ou industrialização: até dois anos.

Banrisul — O gaúcho Banrisul liberou R\$ 1,7 bilhão em recursos próprios para a safra agrícola de verão 2012/2013 (01/07/2012 a 30/6/2013) para comercialização, investimento e custeio. Os recursos serão distribuídos em R\$ 867 mi-

lhões para custeio, R\$ 701 milhões para comercialização e R\$ 128 milhões para investimentos. Segundo o diretor de crédito da instituição, Guilherme Cassel, o valor total liberado é 55% maior que o disponibilizado na safra passada. As linhas de custeio, destinadas a insumos necessários para a formação de lavouras de ciclo anual e para explorações pecuárias, têm três tipos de operações: o Pronaf, até o limite de R\$ 80 mil, com prazo de um ano e três faixas de juros: até 10 mil - 1,5% ao



Ivan de Andrade

Segundo Guilherme Cassel, diretor do Banrisul, o banco gaúcho liberou R\$ 1,7 bilhão em recursos próprios para a safra de verão para comercialização, investimentos e custeio

ano; até 20 mil - 3% ao ano; até 80 mil - 4% ao ano. O Pronamp chega ao limite de R\$ 500 mil, também tem prazo de um ano e juros de 5% ao ano. Para os demais produtores, cujo limite é de R\$ 800 mil, o prazo é de um ano e os juros são de 5,5%/ano. Cassel salienta que o banco trabalha com recursos próprios, que visam atender ao produtor rural ou as suas cooperativas com recursos para comercialização. São garantidos por meio de desconto de Nota Promissória Rural (NPR), adiantamento a cooperados e estocagem de produtos agropecuários (FEPM, FEE, FGPP). Além disso, o Banrisul opera com toda a linha de investimento com recursos do BNDES.

O diretor destaca ainda o Programa Mais Água, Mais Renda, cujo objetivo é financiar todos os itens inerentes aos sistemas de irrigação por aspersão, localiza-

da e por sulcos; construção e ampliação de açudes, cisternas, e aquisição de máquinas e equipamentos destinados à captação e à distribuição de água. Os financiamentos serão apoiados nos programas agropecuários com recursos de repasse do BNDES. Haverá ressarcimento pelo Governo do Estado do valor total ou parcial da primeira e última parcelas, efetivamente pagas a partir do 48º mês e em situação de adimplência, de acordo com o Decreto nº 49.397. As subvenções previstas para os financiamentos incidirão até o valor máximo de R\$ 500 mil. O banco disponibiliza recursos próprios para aquisição de animais nas feiras oficiais, por meio do crédito pré-aprovado, que traz agilidade para o financiamento. Para aquisição de máquinas e equipamentos, o banco utiliza recursos de repasse do BNDES no âmbito de vários programas agropecuários, de acordo com o item financeiro e enquadramento do produtor.

Bradesco — O Bradesco não informa números dos recursos liberados aos financiamentos agrícolas. Apenas aponta as modalidades de crédito disponível aos produtores, como BNDES PSI, que tem o objetivo de financiar máquinas e equipamentos agrícolas novos, de fabricação nacional e cadastrados no CFI do BNDES. A instituição bancária financia 100% a grupos ou cooperativas com faturamento anual de R\$ 90 milhões, e até 90% acima deste montante. A modalidade é o BNDES Moderinfra, destinada ao sistema de irrigação e de armazenagem, de forma coletiva ou individual. Financia até 90%, limitado a, no máximo, R\$ 1,3 milhão por beneficiário/ano e a R\$ 4 milhões para empreendimentos coletivos. Também oferece o BNDES Moderagro, CDC e leasing.

De Lage Landen — Segundo o gerente comercial e marketing do Banco De Lage Landen, José Campos, a instituição vem se destacando como um dos líderes no repasse de recursos do BNDES – Linha Agrícola. Porém, ele prefere não revelar o montante disponibilizado. Destaca que os principais programas oferecidos pelo banco são Finame Agrícola PSI, Finame PSI, Finame Moderinfra, Finame Moderfrota, Finame Agrícola MPME BK, BNDES Automático Pronamp, CDC, Financiamento em Dólar. O setor rural representa aproximadamente 80% do montante dos recursos que o banco financia.

As condições variam de acordo com



Segundo o gerente do Banco De Lage Landen, José Campos, a instituição vem se destacando como um dos líderes no repasse de recursos do BNDES - Linha Agrícola

a linha de financiamento, dependendo do produto o pagamento pode ser mensal, trimestral, semestral ou anual, por meio de boleto bancário ou débito automático. Em relação a taxas de juros, também depende do tipo de programa, sendo que a taxa mais atrativa é a do PSI, com 3% até junho e 3,5% de julho a dezembro, o que é uma condição atrativa e deve manter o mercado de financiamento de máquinas agrícolas aquecido em 2013. Segundo Campos, como banco de fábrica, o De Lage Landen tem como filosofia estar ao lado de seus parceiros nas principais feiras agropecuárias, apoiando as suas vendas e garantindo suporte ao financiamento com agilidade e flexibilidade no momento da compra. Nestes eventos, as condições são mais atrativas para o produtor rural.

Rabobank — Como um banco especializado no setor de alimentos e no agrogêcio, o Rabobank busca entender as necessidades locais de seus clientes com o suporte de uma rede global. Estima terminar o ano de 2013 com um montante de R\$ 4 bilhões aplicados na agricultura. Segundo o diretor do Rural Banking do Rabobank Brasil, Antonio Carlos Ortiz, são financiados desde instrumentos de proteção de preço das principais commodities até custeio, picos de capital de giro, repo-

sição de investimentos, investimentos, através de recursos de mercado (livres), BNDES e Funcafé. O fluxo desses financiamentos varia de acordo com o seu propósito: custeios vencem na fase em que o produto é comercializado, e investimentos são amortizados durante um período de três a oito anos, conforme o projeto.

“Nossos clientes são produtores dedicados, com boa tradição agrícola, especializados e sustentáveis. O Rabobank atua sempre em parceria com o cliente, adotando uma visão de longo prazo necessária para entender os ciclos do segmento”, explica Ortiz. Para o dirigente, 2013 será de crescimento para a maior parte dos setores agrícolas, ainda com preços sustentados em bons patamares por padrões históricos para boa parte dos setores. Com sede em Utrecht, na Holanda, o Rabobank possui cerca de 10 milhões de clientes, cerca de 60 mil funcio-



Antonio Carlos Ortiz, diretor do Rabobank, explica que são financiados desde instrumentos de proteção de preço a custeio, picos de capital de giro, reposição de investimentos

nários e está presente em mais de 40 países. No Brasil, o Rabobank chegou há mais de 20 anos, tendo atualmente 14 agências em oito estados brasileiros do interior do Brasil.

Santander — O Santander não divulga os valores disponíveis, se limitando a informar que tem linhas de curto e longo prazo. No primeiro caso, oferece financiamento de custeio e de comerciali-

zação – que utilizam recursos compulsórios, livres e de repasses do Funcafé, para atendimento de todas as atividades agrícolas e pecuárias exploradas comercialmente. Também dispõe da Cédula de Produto Rural (CPR), que antecipa a receita da produção futura a fim de complementar as necessidades de capital de giro. Para atendimento no longo prazo, possui linhas de financiamento com recursos compulsórios e livres para investimento em pecuárias de corte e de leite, recuperação de pastagens e correção de solos. Na questão dos prazos, o Santander observa a particularidade de cada empreendimento e as normas do Manual de Crédito Rural do Banco Central para as linhas de curto prazo. Para as linhas de longo prazo, o mínimo é dois anos e o máximo, de até oito anos. Nas feiras, é facilitada a aprovação da operação, tendo como garantia somente o bem financiado.

Sicredi — De acordo com o gerente de Crédito Rural e Direcionados do Sicredi, Antônio Sidinei Senger, o planejamento da instituição para 2013 é disponibilizar R\$ 6,9 bilhões ao financiamento do

agronegócio. O Sicredi, que atua com o crédito rural desde a sua origem, oferece aos seus associados linhas de crédito para financiamento de custeio, comercialização e investimento que atendem ao pequeno produtor (enquadrado nas linhas da agricultura familiar como Pronaf) e aos médios e grandes produtores enquadrados nas linhas da agricultura empresarial. Segundo ele, as condições de pagamentos levam em conta o prazo previsto para cada linha de crédito e a condição de pagamento do tomador, calculada de acordo ao fluxo de recebimento da atividade beneficiada – podendo ser mensais, trimestrais, semestrais ou anuais.

Por serem linhas de crédito controladas, as condições de financiamento e pagamentos são as mesmas, independente de serem negociadas em feiras. “Contudo, para agilizar a operacionalização, as cooperativas do Sicredi procuram trabalhar com limites pré-aprovados durante as feiras”, explica Senger. Além disso, em algumas feiras, são instalados stands para facilitar o atendimento aos associados. Hoje, o crédito rural representa apro-

ximadamente 44% do volume de recursos disponibilizados em operações de crédito no Sidredi. 



Tania Meinerz

Conforme o gerente do Sicredi Antônio Sidinei Senger, o planejamento da instituição para 2013 é disponibilizar R\$ 6,9 bilhões ao financiamento do agronegócio

PIVÔS



CARRETÉIS



TUBOS & CONEXÕES



Do grande ao pequeno produtor, a **KREBS** tem a solução ideal para sua lavoura.

Com 45 anos de tradição e o maior portfólio em irrigação do mercado brasileiro, as soluções KREBS alinham tecnologia, eficiência e respeito ambiental.



www.krebs.com.br
(19) 3119-4000



REVISTA KREBS

Cadastre-se em nosso site e receba gratuitamente a edição especial da **Revista KREBS** comemorativa de 45 anos.





Fotos: Divulgação

O JECA informatizado

A profissão de engenheiro agrônomo se sofisticou junto com a agricultura, com novas demandas, exigências tributárias, trabalhistas, barreiras comerciais, econômicas e fitossanitárias

Ciro Antonio Rosolem, professor titular da Faculdade de Ciências Agrícolas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCA/Unesp Botucatu/SP) e integrante do Conselho Científico para Agricultura Sustentável (CCAS)

Decidi pela agronomia talvez por ter nascido e sido criado na zona rural e, pouco depois, numa cidadezinha do interior do estado de São Paulo. Uma das grandes personalidades da região era o agrônomo da Casa da

Lavoura. Era autoridade convidada para casamentos, aniversários, inaugurações. Era importante na década de 1960. Sonhava ser como ele. O engenheiro agrônomo era formado e atuava na transformação da agricultura brasileira, jun-

to a uma população que se urbanizava, mas ainda era consciente das lides rurais e admirava as conquistas agrícolas. As poucas faculdades formavam, principalmente, profissionais para a extensão rural, a nobreza da profissão e

Chegou o AS 1656 PRO2™

O parceiro que vai aumentar a sua produtividade no verão!



VT PRO 2™

NOVO

VT PRO
YieldGard

+

Roundup
Ready
MILHO 2

A Agroeste sabe da importância do plantio de milho verão para a Região Sul do Brasil. Por isso, o programa de melhoramento genético Agroeste procura desenvolver híbridos que apresentem resultado produtivo diferenciado e que, também, sejam tolerantes às principais doenças que ocorrem nesse período. O resultado desse trabalho está no lançamento do híbrido de milho AS 1656 PRO2™.

Diferenciais:

- Potencial produtivo superior na região Sul.
- Tolerância a grãos ardidos.
- Bom empalhamento.
- Excelente sistema radicular com tolerância a *Pratylenchus*.
- Alta tolerância a *E. turcicum* e *P. sorghi*.

Benefícios:

- Maior retorno financeiro na aplicação de alta tecnologia de manejo.
- Rentabilidade diferenciada na comercialização.
- Qualidade e textura de grãos.
- Melhor aproveitamento dos nutrientes do solo e eficiência na colheita.



sonho dos jovens agrônomos.

O Brasil crescia, se industrializava e, pouco a pouco, o rural foi perdendo o encanto, o charme e a importância no consciente coletivo urbano. A menina dos olhos passou a ser a indústria, uma vaga no Banco do Brasil ou o serviço público. Aos poucos, o agrônomo da Casa da Lavoura não era mais convidado para inaugurações. Afinal, neste país, “em se plantando tudo dá” e, assim, as lides do campo não tinham mais o charme. Pior, a poeira virou sujeira, tecnologia era coisa de cidade, de futuro. A profissão sentiu os efeitos da opção governamental pelo desenvolvimento industrial a qualquer custo.

Embora sem o charme anterior da profissão, as faculdades de Agronomia se multiplicavam. Formavam profissionais que, sem encontrar o mesmo campo fértil na extensão rural oficial, encontravam guarida e trabalho em cooperativas e indústrias, que passavam, de certo modo, a substituir a extensão chapa branca. Ao mesmo tempo, a princípio silenciosamente, era inaugurada a Embrapa, absorvendo e complementando a formação dos novos profissionais. As universidades desenvolveram também esforços para a melhor formação de seus professores. Isso resultou num contingente de profissionais que, em alguns anos, seriam os agentes da nova revolução agrícola brasileira.

Quando se falava em agrônomo e agronomia, a primeira imagem ainda era a botina do Jeca e um canivete na cintura. Mas os botinas tornaram o cerrado produtivo, adaptaram a soja às regiões próximas à linha do Equador e desenvolveram as técnicas de semeadura direta. Tornaram o Brasil autossuficiente na produção de alimentos e fibras. Desenvolveram de modo espetacular o uso do álcool como combustível, no auge da crise do petróleo. Tornaram a vinhaça, sério poluente, em fertilizante. Fizeram da agricultura uma das atividades mais competitivas do Brasil no exterior. Fizeram dos solos marginais dos trópicos o esteio da balança comercial deste país. Mas ainda eram botinas, difícil reconquistar o glamour industrial-urbano.

A tecnologia desenvolvida pela pesquisa encontrava dificuldades no caminho até o agricultor. Daí nasce outro tipo de agrônomo, o consultor, em-



Rosolem: quando se falava em agrônomo e agronomia, a primeira imagem era a botina do Jeca e um canivete na cintura. Mas os botinas tornaram o Brasil autossuficiente na produção de alimentos e fibras

presário autônomo, com desafios nem sequer sonhados pelos colegas de outrora. A profissão se sofisticou junto com a agricultura, com novas demandas, exigências tributárias, trabalhistas, barreiras comerciais, econômicas e fitossanitárias. A agronomia não é mais plantar e colher. A botina, sozinha, não resolve mais. Nova revolução nos currículos das escolas de Agronomia. Mas, ainda, nas cidades, novas carreiras, ditadas tecnológicas, povoam os sonhos da juventude.

O sonho da ótima situação econômica e o sonho da realização pessoal. Qual seria mais importante? O que sei é que o agrônomo, em geral, é um ser satisfeito, contente com sua profissão, de bem com suas conquistas, mas querendo mais, conscientes que são da importância da agricultura na vida moderna. Em levantamentos aos quais tive acesso, menos de 5% dos entrevistados mudariam sua formação. Até mesmo sem o reconhecimento e o charme de tempos passados. Misteriosa essa profissão. O que fazem? De tudo um pouco, pois a formação é muito ampla. Quando fazem? A qualquer dia e hora, plantas não usam relógio e as distâncias são grandes. Ainda usam botina? Bem poucos. São ricos? Nem tanto, mas são felizes. Afinal, o que importa na vida?

Global Positioning System (GPS), aplicativos, Ipad, Blackberry, agricultura de precisão, engenharia genética,

hedge, mercado futuro, fundos de investimento, tratores sem tratorista... Meu Deus, que distância da botina e do canivete. Nesta época de comunicação instantânea, quando se pode, do campo, consultar bases de dados internacionais, o agrônomo ainda é indispensável, ao liderar ações de mudança,

adaptação e avanços agrícolas. Armados não mais de botina e canivete, mas com um novo arsenal de técnicas e equipamentos. O perfil desse profissional exige que as universidades se adaptem, se modifiquem, se modernizem sem perder o fulcro original: formar um profissional que não só atenda às exigências do mercado, mas também atue como força motora do desenvolvimento.

“Marias creietes” — São bem conhecidos os termos “Maria chuteira” e “Maria breiteira”. Recentemente ouvi de jovens colegas que nas regiões de grande desenvolvimento agrícola começam a aparecer as “Marias creietes”, aquelas que buscam o engenheiro agrônomo (pois o CREA é quem regula a profissão). Seria a volta do charme? A volta do reconhecimento a esse profissional que tanto tem feito pelo Brasil? Embora tenha sempre existido na agronomia a preocupação com a conservação dos recursos naturais, a pressão de ambientalistas que se reflete no consumo exige adaptações nas técnicas produtivas e aparecem ainda novos termos, como rastreabilidade, boas práticas, etc. E o profissional que já era eclético nos tempos da botina precisa ser ainda mais completo, conhecendo um pouco do solo à estratosfera, da semente à cotação do dólar, dos direitos trabalhistas aos fundamentos do mercado futuro. Muito para um só homem, mesmo um jeca informatizado.

PARÁ: o nascimento de uma fronteira agrícola

As lavouras ocupam lugar de pastagens antigas e degradadas em Santana do Araguaia, sem a necessidade de derrubar uma árvore apenas da vegetação original

Em Santana do Araguaia, em áreas degradadas pela extração de madeira e pecuária, agora se cultiva grãos dentro de todas as normas ambientais. Como é o caso dos irmãos Fausto e Maurício Motta, que plantam soja e milho

Na região Norte do Brasil, precisamente no sudeste do estado do Pará, está surgindo o novo eldorado da expansão da agricultura brasileira com a implantação do cultivo de lavouras comerciais de grãos. Esta terra, que já passou por ciclos de devastação com exploração indiscriminada da madeira nativa, garimpos ilegais, além da ocupação agressiva incentivada pelo Projeto Sudam (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia), agora está encontrando um novo caminho para o uso legal e sustentável de parte do bioma amazônico. As lavouras que vêm chegando estão tomando o lugar de pastagens antigas e degradadas, sem que haja a necessidade de derrubada de um hectare sequer da vegetação original. As propriedades rurais, cansadas pela prá-



scadi agro Software de Gestão

Simplificando a gestão do Agronegócio

25 anos

Contato : (51) 3026.0096
comercial@scadiagro.com.br

www.scadiagro.com.br

Fotos: Divulgação



Produtor Fausto Motta:
“Estamos implantando a
lavoura de soja e milho
através da integração
lavoura-pecuária”

tica da pecuária extensiva e do extrativismo durante longo período, apresentam características propícias à implantação da agricultura.

Além do clima, com índices pluviométricos na faixa de 2.100 milímetros anuais e ausência de baixas temperaturas, em conjunto com solo, em grandes áreas planas e contínuas, que propiciam o plantio da safra de verão e da safrinha, a região ainda tem grande potencial logístico devido à proximidade da ferrovia Norte-Sul, do porto marítimo em São Luís, no Maranhão, e do porto fluvial no rio Amazonas.

Essas vantagens têm atraído novos agricultores e mudado o sistema de produção de pecuaristas tradicionais para a implantação de lavouras em suas fazendas. Os irmãos Fausto e Maurício Motta, agora agropecuaristas, são exemplo disso. Com propriedade rural localizada no município de Santana do Araguaia, onde praticavam a pecuária tradicional, vislumbraram na lavoura a possibilidade de intensificar o uso da terra da mesma. “Estamos implantando a lavoura de soja e milho no nosso sistema de produção para melhorar o solo, aumentar a lotação de animais e, conseqüentemente, ter maior retorno financeiro, através da integração lavoura-

ra-pecuária, sempre com respeito ao meio ambiente”, explica Fausto.

A proteção dos cursos d’água, por meio da conservação das áreas de preservação permanente, a implantação do sistema de plantio direto na palha, rotação de culturas, além do cumprimento de toda a parte burocrática de regularização ambiental, seja através de realização de requerimento da Licença da Atividade Rural (LAR), obtenção da Autorização de Funcionamento da Atividade Rural (Afar), junto à Secretaria Estadual de Meio Ambiente, têm sido ponto-chave no desenvolvimento na Fazenda Tarumã, propriedade dos irmãos. Atualmente, as lavouras ocupam apenas cerca de 10% das áreas potencialmente agricultáveis da região de Santana do Araguaia, onde, nesta safra, a área plantada ficou por volta de 60 mil hectares.

Município Verde — Além disso, municípios como Santana do Araguaia já conseguiram o título de Município Verde, concedido pelo Estado do Pará pela Resolução COGES/PMV nº 02/2012, além de ter sido retirado da Lista Negra, do Ministério do Meio Ambiente, dos mais desmatadores do país. Desta forma, pelo fato de ter controlado o desmatamento irregular, efetuado o Cadastro Ambiental Rural

(CAR) em mais de 80% das propriedades localizadas em seu território, além de atender uma série de requisitos que consolidaram

práticas sustentáveis e conservacionistas, Santana do Araguaia tornou-se o segundo município paraense, e o terceiro a nível nacional, a sofrer o “desembargo” junto ao Ministério do Meio Ambiente, conforme a Portaria do MMA nº 186, de 4 de junho de 2012.

Na prática, o rótulo de “Município Verde” significa a facilitação do acesso ao crédito agrário, além da liberação do embargo que limita a comercialização dos produtos oriundos do meio agropecuário, inclusive credenciando-os para exportação e consumo em qualquer ponto do planeta. No entanto, nem tudo são flores. “São fatores limitantes à atividade rural, dentre outros, a ausência e o descaso do Poder Público, em todas as suas esferas, o que nos impede, por exemplo, de usufruir de estradas em condições normais de tráfego”, reclama Maurício Motta. E mais, os agricultores da região sudeste do Pará também são penalizados pela indisponibilidade de mão de obra que afeta a atividade agrícola, assistência técnica precária, dificuldade em reposição de peças e manutenção do maquinário e equipamento.

Porém, segundo Fausto e Maurício, os produtores, apesar de inúmeros percalços, têm se unido na tentativa de superar as dificuldades e a inércia dos demais setores da sociedade, criando e fortalecendo entidades representantes da classe. Então, a expansão da agricultura em novas áreas, no momento em que se vivencia a preocupação mundial pela crescente demanda de alimentos, sem, contudo, prejudicar o meio ambiente, tem feito com que a região sudeste do estado do Pará torne-se uma oportunidade de características singulares, principalmente pela viabilização das práticas conservacionistas, desmitificando a lenda de que é impossível praticar a produção rural de forma correta na Amazônia Legal.

**Acredite,
sua ligação
faz milagres.**



 twitter.com/aacd
 facebook.com/ajudeaacd

**Se você acredita,
nossas crianças
também acreditam.**

**Para doar ligue:
0800 771 7878
ou acesse aacd.org.br**


AACD
ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA
À CRIANÇA DEFICIENTE



Novos **INSTRUMENTOS** para as demandas de sempre

O mercado financeiro brasileiro está maduro e oferece uma ampla variedade de mecanismos para o produtor financiar tudo o que precisar no seu negócio

Rodrigo Bahia, diretor-presidente da Brasil Agrosec Securitizadora, com a colaboração de Renato Buranello, Demarest Advogados

São várias as linhas de financiamento dos bancos oficiais destinadas ao produtor rural, direta ou indiretamente, por meio de repasses pelas instituições financeiras privadas. Apesar de disponíveis e abrangentes, não são simples de se obter, especialmente no que se refere à necessidade de se apresentar um projeto e garantias reais. A maioria das linhas de financiamento exigem garantias reais como a hipoteca da pro-

priedade, por exemplo, ou do próprio bem financiado, o que é o melhor caso. Ao longo dos anos, o setor do agronegócio se profissionalizou e criou mecanismos importantes de financiamento, particularmente para as grandes operações.

Hoje, o “barter” (comércio de bens e serviços sem a utilização de recursos financeiros) já é o meio mais comum de relacionamento comercial entre gran-

des produtores e as empresas fornecedoras de defensivos agrícolas e insumos para agricultura. A comercialização deste tipo ocorre devido à necessidade de compra de insumos de produção por parte dos produtores, que se comprometem a entregar uma parte de sua safra em troca dos materiais necessários para sua produção. Pelo fato de o produto ser futuro, o que viabiliza e lastreia a operação é a emissão da Cédula de

Produto Rural (CPR).

Além de propiciar o financiamento da safra, estas “operações de troca”, permitem ao campo lastrear suas operações na moeda do campo, ou seja, sacas de soja ou milho, arrobas de boi ou algodão, etc. A partir da produtividade de sua fazenda (sacas/hectare), o produtor faz suas compras na moeda do campo, ou seja, em produtos agrícolas, deixando exposto à flutuação de preço e moeda para fixação futura apenas sua rentabilidade. Estas operações de barter são o hedge perfeito para o produtor eliminar os riscos de variação de preços nos seus custos.

Sopa de letras — Neste sentido, o arcabouço de instrumentos financeiros, conhecido como sopa de letras, propicia o financiamento adequado a cada fase do processo produtivo. As CPRs emitidas por produtores, associações e cooperativas financiam a fase de produção, uma vez que garantem a entrega de “coisa incerta”, ou seja, safra futura. Já os CDA/WA emitidos por armazéns e os CDCAs emitidos pelas cooperativas e agroindústrias financiam a comercialização e o armazenamento. CDA/WA são Certificados de Depósito Agropecuario e Warrant Agropecuario e CDCAs são Certificados de Direitos Creditórios do Agronegócio.

Aos agentes financeiros cabem as LCAs e CRAs. As Letras de Crédito do Agronegócio (LCAs) são emissões das instituições financeiras (bancos e cooperativas de crédito), baseadas em suas carteiras de crédito agrícolas e, portanto, risco instituição financeira. Já os Certificados de Recebíveis do Agronegócio (CRAs) são emitidos por empresas securitizadoras e, por terem segregação de patrimônio de afetação, têm como risco a performance da carteira de recebíveis e não a empresa securitizado-

ra. Como é um título do mercado de capitais, é muito importante ler o Termo de Oferta onde estão discriminados todos os riscos inerentes àquela emissão. Em tempos de baixas taxas de juros, a importância da isenção de impostos (Imposto de Renda e de IOF) se torna cada vez mais relevante na busca por maiores rentabilidades. Outro fator importante são os Índices de Basiléia III, que deverão impactar os custos de financiamento bancário. Neste cenário, as emissões de CRA deverão se tornar cada dia mais importantes como forma de financiamento do agronegócio.

Existe grande liquidez no mercado e busca por bons ativos financeiros. Dentro dessa evolução, hoje existem instrumentos e títulos muito bem regulados, operacional e juridicamente, propiciando uma maior segurança aos investidores. O mercado de capitais é uma boa alternativa para investimento em renda fixa e com transparência. Todos os fatores de cada papel são detalhados na “Oferta” (rating, cultura, prazo, etc.). Para o produtor as vantagens são as seguintes: não utilização de linhas de crédito, recursos de prazo superior à safra, possibilidade de se considerar como operação off-balance, acesso ao investidor do mercado de capitais, isenção de IOF e possibilidade de crescimento sem aumentar o risco da carteira de recebíveis ou mesmo com redução do risco de crédito desta carteira.

Custo x remuneração — Do ponto de vista de custo e remuneração, dois fatores são preponderantes na equação: 1 — a isenção do imposto de renda para investidor pessoa física e a isenção de IOF para o produtor/tomador dos recursos; 2 — possibilidade de obtenção de recursos baseados no ciclo operacional (safra), sem, muitas vezes, a necessidade de garantias adicionais, como



Leandro Bahia: “Ao longo dos anos, o setor do agronegócio se profissionalizou e criou mecanismos importantes de financiamentos, particularmente para as grandes operações”

Divulgação

hipotecas. Os CRAs sêniores, distribuídos para os investidores pessoas físicas, nas operações levadas a mercado recentemente, ficaram entre 109% do CDI e CDI+2% (líquido de IR), prazo até dois anos e rating AAA. Hoje, o mercado tem preferido falar de CDI mais taxa e os ranges têm ficado entre CDI+1% a CDI+2,5%, dependendo de rating, prazo, estrutura e cultura. Para o produtor/originador, é possível obter recursos para mais de uma safra, ou seja, prazo de dois a sete anos (dependendo da cultura) com lastro no seu ciclo operacional. Em sentido amplo, o mercado financeiro está cada vez mais maduro e tendendo ao acesso direto do investidor às boas oportunidades que hoje existem no agronegócio brasileiro. ■

Irrigabras

SISTEMAS DE IRRIGAÇÃO

WWW.IRRIGABRAS.COM.BR

BARUERI - SP TEL.: 11 2842-6464



Leandro M. Mirmann

RESERVA LEGAL: onde vender ou comprar uma

A Bolsa Verde do Rio de Janeiro possibilita que produtores e proprietários rurais negociem contratos de compra e venda de Cotas de Reserva Ambiental (CRAs)

A Bolsa Verde do Rio de Janeiro (BVRio) iniciou em dezembro suas operações de mercado para a negociação de contratos de compra e venda de Cotas de Reserva Ambiental (CRAs) Futura entre produtores e proprietários rurais. A negociação ocorrerá por meio de uma plataforma online ágil e segura, desenvolvida especialmente para a transação de ativos ambientais. Segundo o novo Código Florestal, que passou a ser chamado de Lei Florestal, todos os imóveis rurais precisam manter uma Reserva Legal (RL) – aquela

área de vegetação nativa. A legislação permite também que aqueles que têm Reserva Legal excedente à sua obrigação possam transformá-las em Cotas de Reserva Ambiental e, posteriormente, vendê-las a quem tem déficit de RL. A obrigação de RL varia de 20% a 80% da área dos imóveis, dependendo do bioma e do estado onde estão as propriedades.

Ao participar da cerimônia que marcou o início das operações de mercado da BVRio, no Palácio Guanabara, o presidente-executivo da BVRio, Pedro

Moura Costa, explicou que os produtores irão negociar contratos de compra e venda para entrega futura e fomentar o desenvolvimento desse mercado, dando mais transparência ao processo de formação de preços. “A BVRio planeja também promover o desenvolvimento de outras atividades econômicas relacionadas a esses mercados, tais como provedores de serviços e de tecnologia. E, ainda, estimular uma mudança cultural relativa às questões ambientais. Estas deixam de ser vistas como passivos e passam a ser tratadas como ativos”,

explicou Costa.

A presidente do Instituto Municipal Pereira Passos, Eduarda La Rocque, que apoiou a parceria e a criação da BVRio quando era secretária municipal de Fazenda do Rio de Janeiro, comemorou: “Fizemos a associação entre o mercado financeiro e a economia verde. Acredito no mercado como grande agente de desenvolvimento social e sustentável”. O déficit de Reserva Legal no Brasil é estimado em 40 milhões de hectares, de acordo com um estudo coordenado pelo professor Gerd Sparovek, da Universidade de São Paulo (USP), antes da aprovação da atual Lei de Florestas. Agora, com a aprovação do novo Código Florestal, a estimativa será revisada.

Déficit de RL — Outra estimativa, do professor Britaldo Soares Filho, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que já leva em conta as mudanças introduzidas pela Lei de Florestas, é de que o déficit de Reserva Legal esteja entre 31 milhões e 45 milhões de hectares. Presente à solenidade, a subsecretária de Economia Verde da Secretaria de Estado do Ambiente, Suzana Kahn, disse que a iniciativa da Bolsa Verde é muito importante por ser o primeiro passo para alavancar a economia verde no estado. “Através da comercialização das cotas de reserva ambiental, daremos, de fato, partida para um mercado ambiental, que nada mais é do que dar valor aos nossos recursos naturais. A BVRio pretende ser referência no país para a comercialização de ativos ambientais e se prepara para operar um futuro mercado de carbono e também de créditos de logística reversa (reciclagem)”, afirmou Suzana Kahn.

Para a vice-presidente do Instituto Estadual do Ambiente (Inea), Denise Rambaldi, a BVRio é uma excelente

oportunidade para o estado do Rio de Janeiro avançar no cumprimento da legislação, que é de ter pelo menos 20% de suas florestas protegidas sob a forma de RL. “A BVRio é uma excelente ferramenta de promoção da restauração florestal, pois abre-se um novo mercado e espera-se que a Cota de Reserva Legal seja mais lucrativa do que um hectare de pastagem. Áreas de risco ou que não são boas nem para o gado, por exemplo, onde a lucratividade do produtor rural é baixa, normalmente possuem aptidão florestal. Então, isso servirá de estímulo para o produtor converter suas pastagens em florestas e, com isso, ganhar dinheiro, ao comercializar suas cotas”, disse Denise. Ela ressaltou que o déficit de Reserva Legal é grande no Rio de Janeiro. “Por exemplo, na Bacia do Rio São João, na Região dos Lagos, mais de 90% das propriedades rurais não têm reserva legal e muitos proprietários desconhecem até a necessidade de manter uma Reserva Legal”, destacou.

Negociação aberta — Mesmo que as estruturas regulatória e tecnológica do Cadastro Ambiental Rural (CAR) ainda estejam em processo de implementação, produtores e proprietários rurais já podem negociar (CRAs) na Plataforma da BVRio por meio de contratos de compra e venda para entrega futura, denominados Contratos de Desenvolvi-



Presidente-executivo da BVRio, Pedro Moura Costa, na cerimônia do início das operações de mercado, no Palácio Guanabara, no Rio: “Mudança cultural relativa às questões ambientais”

Leandro Egreja Lima/BVRio

mento de Cotas de Reserva Ambiental Futura (CRAFs). As CRAFs são contratos padro-

nizados desenvolvidos pela BVRio que permitem que proprietários rurais possam negociar suas CRAs e pré-fixar os preços antes mesmo da criação das cotas. O pagamento só ocorrerá na entrega para o comprador. Assim, comprador e vendedor reduzem riscos e, ao mesmo tempo, criam um mercado para as CRAs, passando a conhecer demanda e oferta de preços por cotas. Produtores rurais de todo o país começaram a se cadastrar na plataforma da BVRio em maio, iniciando o processo de formação de mercado e a definição de preços. Na primeira semana de dezembro, a BVRio contava com mais de 300 produtores cadastrados para negociação de CRAFs. ■

**QUEM ENTENDE DO ASSUNTO SABE:
OS IMPLEMENTOS LAVRALE FAZEM
TODA A DIFERENÇA**



A Lavrale disponibiliza diversas linhas de implementos de alto desempenho que facilitam e tornam mais rentável o trabalho do homem do campo.

LAVRALE

Conheça melhor os inovadores produtos Lavrale, procure uma revenda autorizada ou acesse www.lavrale.com.br

O evento mais conhecido do mundo do agronegócio fora do Brasil é o Farm Progress Show, feira americana itinerante que se realiza anualmente alternando-se nos estados de Iowa e Illinois



Fotos: Divulgação

De olho na vida e no **NEGÓCIO** deles

Visitar feiras internacionais e ver de perto o que está sendo feito na agricultura de outros países pode agregar muitos conhecimentos e melhorias ao negócio do agricultor brasileiro. Mas eles, os concorrentes, também têm vindo descobrir o que estamos fazendo de bom por aqui

Engenheiro agrônomo Arno Dallmeyer, mestre em Engenharia Agrícola, doutor em Agronomia, diretor técnico da AgroMundi Viagens de Negócios

*Texto e fotos
arno@agromundi.tur.br*

Viajar é preciso”, diz o chavão. Cada vez mais real e necessário. Neste mundo globalizado, onde nosso concorrente não é mais o vizinho ao lado, é preciso conhecer os riscos e as ameaças que vêm de longe. Com a expansão vertiginosa do setor agrícola na última década, cada vez mais empresários rurais, pecuaristas, empresas locais ou transnacionais, associações e cooperativas buscam aperfeiçoar e ampliar o conhecimento sobre seus negócios com informações além-fronteiras. Marcel Proust disse: “A verdadeira viagem de descoberta não consiste em ver novas paisagens, mas sim ver com novos olhos. A verdadeira viagem se faz na memória”. Há cerca de três décadas, quando nosso mercado ainda era bem mais fechado, alguns empresários agrícolas e fabricantes de máquinas descobriram o valor de buscar no exterior informações privilegiadas para melhorar o desempenho dos equipamentos e, por consequência, das lavouras. Com a abertura econômica ocorrida há 20 anos, o trânsito de informações e tecnologias ficou bem mais fluido. No entanto, sempre há o que ver, o que aprender e entender no mercado internacional.

Farm Progress Show — Por questões de câmbio e de informações (propaganda), o evento mais conhecido do mundo do agronegócio fora do Brasil é o Farm Progress Show, feira americana



Conhecer a Bolsa de Chicago, nos EUA, local em que é ditado o preço da soja para o mundo todo, é sempre um grande atrativo para os visitantes brasileiros

na itinerante que se realiza anualmente alternando-se em dois estados, Iowa e Illinois. A feira é promovida por uma empresa privada e uma editora de revistas de agricultura e costuma receber várias centenas de milhares de visitantes em seus três dias. Por realizar-se no denominado “cinturão do milho americano”, a tendência dos expositores é mostrar

tecnologias e equipamentos para o milho em muito maior quantidade que para a soja. Se este fato há alguns anos era um empecilho, atualmente não é mais, pois também no Brasil já há cerca de 50% das áreas cultivadas com milho.

Existem outros eventos ao longo do ano nos Estados Unidos e no Canadá focados em temas específicos (soja, algodão, horticultura, irrigação, mecanização, gado de corte e gado de leite), mas o Farm Progress Show continua atraindo milhares de visitantes do mundo todo. Ouve-se uma grande diversidade de idiomas, além do inglês. E, se prestarmos atenção, são o português e o espanhol os mais falados. Ou seja, são os brasileiros, mas também os latino-americanos (de Argentina, Paraguai e México) os maiores interessados.

O fato de ter Chicago como maior cidade do cinturão de milho também traz uma atratividade em si. Em Chicago, a par do turismo convencional, os viajantes visitam e aprendem um pouco mais sobre o funcionamento da Bolsa de Mercadorias, há alguns anos conhecida como Bolsa de Chicago e hoje adquirida pelo Grupo CME, desde então denominada CME Group. Em cada roteiro



Com um enfoque diferenciado, pois ocorrem em pavilhões fechados, as feiras europeias costumam se realizar na Itália, na Alemanha e na França, país da Sommet L'Elevage, em Clermont-Ferrand



Mais do que aprender, as viagens propiciam ver de perto curiosidades, como a propriedade deste produtor finlandês que coleciona mais de 300 tratores antigos

de viagem internacional, os viajantes/clientes têm a oportunidade de visitar alguns produtores, o que propicia a necessária troca de experiências e aprendizado. Coroando este tipo de visita, eles conhecem também alguma receita agropecuária e, até mesmo, uma fábrica de máquinas agrícolas ou cooperativa central. E de todas estas visitas o produtor e empresário pode tirar suas próprias conclusões, o seu aprendizado.

Feiras europeias e asiáticas — Com um enfoque um pouco diferenciado, pois se realizam em pavilhões fechados (ao contrário das americanas, que são realizadas a campo e muitas vezes com demonstrações de tecnologia), as feiras europeias de expressão costumam acontecer na Itália (tecnologia agrícola, florestal, energia), na França (tecnologia agrícola, agricultura em geral e pecuária de ponta com raças europeias) e na Alemanha (tecnologia agrícola de excelência, pecuária, energia e criações em geral). São países que têm fortes ligações culturais ou de origem com nosso povo e, portanto, estão se tornando novos destinos, agregando um componente histórico-sentimental às viagens.

Com o despontar de alguns países asiáticos na produção industrial global e na compra de commodities agrícolas, vem deste continente a nova demanda de viagens técnicas. Para conhecer nos-

sos compradores, mas também para conhecer nossos fornecedores. Em algumas culturas, como o algodão e o arroz, a China e a Índia são nossos balizadores em termos de negócios internacionais. A tecnologia brasileira muitas vezes é superior à deles, mas os volumes de negócios são estimulantes e, por isto, atraem nossos produtores. Na Austrália eventos de gado de corte (processos de criação, manejo e abate similares aos brasileiros) e cana-de-açúcar são os principais atrativos. Já na Nova Zelân-

dia a produção de leite e a pecuária leiteira estão entre as melhores do mundo, por isso buscam o aprendizado e o modelo.

Recebendo os visitantes — E assim como

inúmeros brasileiros procuram os destinos já mencionados, estrangeiros vêm conhecer a nossa agricultura e o nosso potencial. E são americanos, sul-africanos, alemães, austríacos, islandeses, russos, chineses, japoneses. E, quando conhecem a organização de nossa agricultura e pecuária, as nossas cooperativas (que atuam dentro dos ensinamentos originais do cooperativismo) e a nossa legislação ambiental, ficam realmente admirados com a capacidade de nossos produtores serem competitivos mesmo sem subsídios ou grandes estímulos à produção. E em muitos casos investem em terras no Brasil, visando prevenir-se de crises ou dificuldades em seus países de origem.

Também existem empresas especializadas que atuam prioritariamente no segmento do agronegócio. As viagens

A agricultura brasileira também é um grande atrativo a visitantes de outros países, como esta delegação do Cazaquistão em visita ao trigo de Guarapuava/PR



que elas proporcionam podem ser enquadradas em três tipos diferentes: de incentivo, de relacionamento e de estudo. As viagens de incentivo são normalmente praticadas por grandes conglomerados visando recompensar, premiar e valorizar o desempenho de produtores ou de sua equipe de vendas e assistência técnica. Uma equipe ou um grupo de produtores motivados e agradecidos certamente trarão melhores resultados de negócios na próxima safra. As viagens de relacionamento visam garantir a fidelização de clientes e costumam ser realizadas por revendas de insumos, máquinas e equipamentos. É uma ferramenta recente no ramo, mas muito eficaz.

As viagens de estudo são mais focadas a estudantes e pesquisadores, originalmente, mas têm sido muito utilizadas por grupos empresariais, profissionais de fazendas e grupos familiares que querem ver alguma situação específica e comparar com suas próprias práticas. Em todas estas situações os grupos são acompanhados de guias técnicos e de apoio e recebem, além das informações gerais sobre o que estão visitando, tradução das palestras dos produtores visitados. Quem for viajar no agronegócio deve ter em conta que a especialização da empresa que leva estes grupos conta muito, assim como o seu relacionamento e conhecimento nos países a serem visitados. Esta experiência e a competência po-



A americana Farm Progress Show continua atraindo milhares de visitantes do mundo todo e cada vez mais se ouve outros idiomas, além do inglês, sobretudo português e espanhol

dem ser a diferença entre uma vivência inesquecível e uma frustrante e “cara” saída ao exterior.

Lembrando a afirmativa de Amyr Klink: “Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livro ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar do calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como imagina-

mos e não simplesmente como ele é ou pode ser. Que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver... *Il faut aller voir* – é preciso ir ver! É preciso questionar o que se aprendeu. É preciso ir tocá-lo.” ☒

O QUE APRENDI NAS VIAGENS

“A agricultura nos Estados Unidos é muito tecnificada, pois a mão de obra é cara e, como a topografia das áreas produtoras de grãos é plana e uniforme, os agricultores norte-americanos usam equipamentos muito grandes para realizar os tratos culturais. O patriotismo também chama muito a atenção. Cada lugar, cada fazenda tem uma bandeira dos Estados Unidos hasteada, pois o governo incentiva a agricultura americana. Quem tem a oportunidade de ir visitar o Corn Belt (cinturão do milho, região produtora nos EUA), deve ir, pois, a cada coisa que você vê, você aprende algo; além de ser maravilhoso conhecer a cultura local.” *Guilherme B. Baisch, Giruá/RS*

“Sem dúvida, as viagens técnicas sobre o agronegócio nos agregam novos conhecimentos, tecnologias e, sobretudo, nos mostram modelos eficientes de política agrícola e desenvolvimento infraestrutural que falta no nosso país.” *Vanderlei Secco, Goianésia/GO*

“Essa viagem ao Corn Belt americano me trouxe a certeza que temos aqui no Brasil tecnologia para sermos competitivos com a agricultura americana. O que nos falta é incentivo e infraestrutura em transporte e logística.” *Eng. Agr. Vinicius Lourenzon, Santo Augusto/RS*

AGRICULTURA DE PRECISÃO!
A SOLUÇÃO IDEAL VOCE ENCONTRA AQUI!

Barra de Luzes Outback S-Lite

- Fácil instalação e operação
- Evita falhas e sobreposições
- Possibilita a instalação em qualquer tipo de trator
- Modo de trabalho: Reta e Curva

Mapeador Outback S^{ts}

- Tela de 7 polegadas
- Modo de trabalho: Reta, Curva, Pivô Central e atualização ponto B até 180°
- Informações de trabalho: Área aplicada e Área do perímetro
- Menu em Português

Piloto Automático

- Melhor resultado no preparo do solo e na pulverização
- Permite ao operador focar na qualidade do trabalho
- Melhor alinhamento, obtendo uma aplicação sem falhas e sobreposições

Medidor de Umidade

- Compensador automático de temperatura
- Calibração individual para todo tipo de cultura
- Campo de medição: 5-45% de umidade
- Precisão de +/- 0.5% ou mais


Tel. (51) 2102 7100
Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre/RS
agricultura@allcompgps.com.br
www.allcompgps.com.br

PNEUS vida-longa

Reformar pneus agrícolas é uma maneira simples e eficiente de reduzir os gastos e as despesas operacionais – e ainda uma boa ação ambiental. Mas, antes, é preciso cuidar bem deles

Pércio Schneider, especialista em pneus, pneus@greco.com.br

Pneus são utilizados em diversas aplicações na atividade agrícola, desde recebimento de produtos e insumos, preparação do solo, plantio, colheita e, por fim, escoamento da produção. Para cada etapa ou finalidade são empregados diferentes veículos, assim como os pneus que os equipam. E todos têm em comum uma característica: a reforma dos pneus. Deixando de lado os apelos ambientais e/ou ecológicos, reformar pneus é, num primeiro momento, uma maneira simples e eficiente de reduzir os gastos e as despesas operacionais e, em segundo lugar, um meio de garantir a continuidade da atividade.

Pneus agrícolas podem ser reformados e utilizados com ótimos resultados, mas para isso é fundamental que sejam adquiridos e utilizados da melhor e mais correta forma possível. Comprar pneus de baixa lonagem porque o preço é menor é uma péssima decisão, pois, ao término de sua primeira vida, a carcaça, ao ser enviada para reforma, pode até não ter serventia alguma, tal o grau de fadiga adquirido durante o uso. Economiza-se com pneus ao utilizar aquele que for o mais adequado à aplicação e que possa ser reformado mais vezes, durando mais tempo, e não comprando o mais barato.

Da mesma forma, o equipamento tam-

bém tem grande influência nos resultados e custos. Já faz alguns anos que estive numa usina de açúcar no Centro-Oeste que havia adquirido novos tratores, os quais estavam apresentando diversos problemas de quebra, às vezes de câmbio, outros de diferencial e, até aquele momento, a situação estava sendo resolvida com reparos em garantia. Curioso com a situação, pedi mais detalhes e, dentre eles, disseram que havia sido baixada a pressão de calibragem dos pneus por orientação do fabricante dos tratores. E foi a partir daí que começamos a esclarecer a situação.

Os tratores comprados vieram equipados com motores de baixa potência e logo





Leonardo M. Mittmann

que entraram em operação o resultado era insatisfatório. Consultado, o fabricante recomendou baixar a pressão dos pneus para aumentar a aderência ao solo e melhorar a tratividade, e foi depois disso que surgiram as quebras. Baixar a pressão é um dos recursos à mão, mas não pode ser utilizado de forma exagerada. Existem limites para tudo. Ao baixar demais a pressão, os tratores ficavam como que ancorados ao piso, exigindo um esforço muito maior do motor. Como o trem de força (conjunto motor + câmbio + diferencial) estava sobrecarregado pelo excesso de aderência dos pneus ao piso, algum ponto teria que ceder e, no caso, foi por meio da quebra. A sugestão dada ao produtor foi convocar para uma reunião conjunta os fabricantes do trator e dos pneus, com o cuidado de que um não soubesse antecipadamente da presença do outro, para buscar em conjunto uma solução.

Usos corretos — Equipamentos agrícolas são construídos para finalidades específicas, mas não raro são utilizados de forma incorreta. No Nordeste é comum tratores sendo usados como meio de locomoção fora do campo e até no transporte de pessoas, percorrendo estradas por distâncias e em velocidade acima dos limites suportados pelos pneus. De acordo com os fabricantes, não podem superar 8 quilômetros de distância nem velocidade acima de 32 km/hora. Só que um trator não possui velocímetro, só hodômetro. Quando em uso no campo, na aragem, no plantio ou em outra atividade, essa velocidade não é atingida. Já nas estradas, mesmo que no interior das fazendas, é facilmente superada.

Também é muito importante medir o

índice de patinação dos pneus no solo e a atividade em que irá trabalhar. É a partir desse indicador que será determinada a utilização ou não de lastro de água e também a calibragem. Lembre-se que o lastro, para pneus diagonais, não pode superar 75% do volume e, para pneus radiais, 40%. E, ao utilizar lastro de água, a pressão deve ser aumentada em uma ou duas libras em relação à calibragem sem lastro.

Pneus perdem ar sozinho, em uso ou não. Assim, mesmo na entressafra, é importante manter os pneus calibrados para não se deformarem e evitar o aparecimento de trincas e rachaduras nos flancos. Uma alternativa é manter os equipamentos suspensos sobre apoios, aliviando o peso sobre os pneus. Há quem ache isso um exagero, porém, se considerarmos que são veículos que custam dezenas e até centenas de milhares de reais, o ideal seria que estivessem guardados ao abrigo do tempo e de intempéries. Dinheiro não é capim. Todos estes cuidados irão ajudar a preservar as carcaças e é delas que depende o sucesso da reforma. Bem cuidado, o pneu pode ser reformado e, quando em uso, o resultado será compensador. Mal cuidado, pode nem ser reformado.

Reformador não faz milagres. Por mais adubo, fertilizante, calcário, melhoradores ou corretores de solo que existam e possam ser utilizados, não dá para transformar a areia da praia em solo fértil para o plantio. Da mesma forma, o reformador precisa receber uma carcaça em boas condições para lhes devolver um pneu reformado e que dê bons resultados. Para pneus direcionais existem bandas pré-moldadas, podendo ser reformados a frio. O mesmo vale para pneus de tração de menor tama-

nho. Já a reforma a quente atende a todos os pneus, inclusive os grandes. Uma reforma custa cerca de metade do valor de um pneu novo e pode render as mesmas horas trabalhadas.

A recauchutagem feita a quente tem ainda outra vantagem sobre a reforma a frio. Os grandes fabricantes de material para reforma dispõem de diversos compostos diferentes, conforme a aplicação que será feita do pneu. Um mesmo equipamento, com pneus de mesma dimensão e usado no plantio de uma mesma cultura, mas em diferentes condições, pode necessitar de uma composição diferente da borracha. Plantar arroz de sequeiro é bem diferente da cultura de arroz irrigado. Apenas um exemplo dentre tantas variações de tipos de solo.

Quando a reforma é inviável —

Outro cuidado importante é aplicar os consertos corretos e sempre que necessários. Reparo feito adequadamente é fundamental para o pneu voltar ao uso o mais rapidamente possível e em condições adequadas, bem como para preservar a carcaça e possibilitar a reforma futura. Mas, atenção: reformar pneus agrícolas não é para todos. Há quem não faça reformas, e está coberto de razão. Nas condições em que seus pneus estão ao final do uso, a reforma é inviável. Culpa dos pneus? Não. Apenas consequência das condições de uso, manutenção e falta de cuidados.

Só como exemplo, em 2003 fui convidado para participar do encontro da Stab — Sociedade dos Técnicos Açucareiros e Alcooleiros do Brasil, Regional Leste, em plena crise de falta de pneus agrícolas. À época, foi publicada uma reportagem em que tratores e colheitadeiras eram entregues com as rodas revestidas com madeira, por absoluta falta de pneus no mercado. Ao indicar a reforma de pneus como alternativa para a manutenção das atividades, houve quem levantasse objeção, alegando que os resultados ficavam aquém das expectativas, e estava correto em sua avaliação. Não era viável para aquela usina, nas suas condições específicas de trabalho. Já para a imensa maioria das demais usinas que existem na mesma região e que cuidam melhor dos pneus a reforma era viável e com bons resultados. Como disse acima, não existem milagres. Ou o produtor cuida de seus equipamentos e dos pneus, e colhe os bons frutos dessas atitudes, ou assume a consequência de seus atos.



Leandro M. Mittmann

A propriedade rural dentro da **LEI**

Para evitar surpresas indesejáveis, em busca da segurança jurídica é fundamental que estudos e trabalhos técnicos sejam somados às questões jurídicas e contábeis nos contratos rurais

Engenheiro agrimensor Carlos Roberto Micheli, especialista em agronegócio e autor do livro "Legitimidade da Propriedade Rural", www.micheliniconsultoria.com.br

É de conhecimento geral que estamos em desenvolvimento histórico quanto à produção agropecuária no Brasil, e isso vem atraindo mais investidores no setor rural, seja na compra de propriedade ou na parceria com investimentos de defensivos, máquinas e equipamentos atrelados ao recebimento em grãos, plumas ou arrobas. Portanto, para que não ocorram surpresas

indesejáveis, a busca da segurança jurídica faz com que os estudos e trabalhos técnicos sejam somados às questões jurídicas e contábeis, embasando as ações futuras de segurança nos contratos rurais, que, sem modéstia, são de valores bem significativos para se adquirir imóvel ou produzir no setor agrícola.

Sabendo disso e sendo profissional da área do agronegócio, desenvolvi um livro cujo título é “Legitimidade da Propriedade Rural”, nele abordo temas que envolvem as questões legais da propriedade rural. A obra é técnica, mas escrita em linguagem simples e objetiva. Na primeira edição do livro há textos sobre legislações, declaratórias, cadastros e garantias de investimentos da propriedade rural no Brasil. Já a segunda edição revisada e atualizada, traz informações sobre as novas diretrizes do georreferenciamento e das questões ambientais contidas no novo Código Florestal.

Acompanhamos grande escala de notícias e discussões sobre o georreferenciamento, que é determinado pela Lei Federal nº 110267/01; muitas vezes é repassado aos produtores rurais que o georreferenciamento é onipotente, e isso temos que desmitificar. Ele proporciona maior segurança nos negócios jurídicos e maior facilidade quanto à fiscalização, tendo ainda a finalidade de eliminar os registros fictícios, já que defi-

ne com maior precisão topográfica os limites e a extensão real das propriedades rurais, delimitando a malha fundiária brasileira. É importante salientar que o georreferenciamento é um instrumento necessário para a regularização fundiária de terras, não sendo, por si só, um instrumento regularizador, mas também uma ferramenta que dá maior segurança. Observando ainda a necessidade de cuidados com diversos fatores que envolvem a questão legal da propriedade rural.

A lei e seus decretos regularizadores são a prova que os órgãos fundiários e cadastrais do País não estão conseguindo cumprir o exigido pelo próprio Governo, pois esse determina prazos e metas impraticáveis, obrigando assim a novos decretos com novos prazos e metas. Os trabalhos técnicos de georreferenciamento devem ser analisados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), que, por sua vez, deverá fornecer o documento de certificação, e esse não está conseguindo suprir a demanda. E isso vem atrapalhando o desenvolvimento do setor produtivo rural. É com grande perseverança que o produtor rural vem buscando a segurança jurídica da propriedade, para que tenha mais tempo para dedicar-se ao desenvolvimento produtivo e permear a seus herdeiros um futuro mais estável e atender a demanda crescente da população por produtos agrícolas.

Quando da aquisição da propriedade rural, faz-se necessário os estudos das questões fundiária e dominial, entre outras precauções. Essas questões são claramente diferenciadas quando da aquisição das certidões vintenária e dominial de origem titular, legitimada pelo órgão regularizador. Sendo essa última a que vai retratar o posicionamento geográfico fundiário primitivo, com o domínio e a ocupação (posse) da propriedade rural a ser adquirida. Essa questão fundiária teve maior evolução no perímetro urbano, o qual após ser delimitada a “zona urbana”, essa foi subdividida em áreas de loteamentos, que por sua vez foram delimitados em cada loteamento os acidentes naturais, áreas verdes e de preservação ambiental, ruas, avenidas, guias, calçadas, quadras, lotes e, enfim, as edificações para fins residencial, comercial, industrial e lazer.

O desenvolvimento cadastral urbano está a cargo administrativo e técnico das prefeituras municipais, com atualizações toda vez que haja alteração, seja ela de remembramento ou desmembramento de lotes, edificações e alteração imobiliária de venda e compra. Enquanto que no perímetro rural, depois de delimitada a “zona rural”, aplica-se até hoje a prática de titulação sem o cuidado de subdivisão por região e microrregião. Ato esse, se praticado, poderia vir a dirimir muitas dúvidas e,



**ALONGADORES
DE EIXO MARINI**

**M rodado duplo
MARINI**

Desde 1989
MARINI
IND. DE MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

AROS - DISCOS - ALONGADORES DE EIXO E RODADOS DUPLOS.



+ FORÇA
+ TRAÇÃO

www.MARINI.agr.br

Rua Deometildes Silveira - Dist. Industrial
Passo Fundo, RS - Brasil

+55 54 3316.4100

Visite-nos na Expodireto

ESPECIALISTA NO CAMPO!



As definições quanto a Cadastro Ambiental Rural (CAR) em nível nacional, percentuais de Área de Reserva Legal (ARL) e Áreas de Preservação Permanente (APP) fazem bastante diferença

Leandro M. Mirmann

até mesmo, evitar conflitos rurais. Agravando que a administração e a evolução técnica rural encontram-se a cargo dos órgãos estaduais ou, até mesmo, federais, o que dificulta a captação das particularidades de cada município e/ou região, dificultando as atualizações quando das alterações de unificação e parcelamento de área ou imobiliária de venda e compra.

Legislação ambiental — As questões ambientais estão também em avanço em busca de qualidade de vida ao ser humano e da preservação da fauna

e da flora. Sabemos do grande passo dado com a aprovação do novo Código Florestal, que implicou em grandes debates setorializados pelos estados. A nova redação vem proporcionar novas condições de regularização e cumprimento da situação ambiental da propriedade rural, especificando ainda condições e prazos diferenciados com base no tamanho da área rural, referenciados e determinados pelo módulo fiscal constante do Certificado de Cadastro do Imóvel Rural (CCIR)/Incra da propriedade, variável para cada região geográfica.

As definições quanto a Cadastro Ambiental Rural (CAR) em nível nacional, percentuais de Área de Reserva Legal (ARL) e Áreas de Preservação Permanente (APP) fazem bastante diferença. Porém, acredito que precisamos ter mais discussão, mas sem a politização excessiva que tem marcado o debate. Não adianta tratar

limites de preservação como se fossem um cabo de guerra. Isso teria de permear mais a sociedade, com o necessário comprometimento das universidades. Com estudos técnicos científicos, teria maiores avanços e acertos para a produção agropecuária e para a preservação ambiental.

Embora estejam em evolução quanto às questões fundiária e ambiental, a má gestão nesses órgãos ainda obriga, mesmo com o avanço tecnológico, mas que não são bem aproveitados por esses setores, o profissional e o produtor rural a continuar praticando os antigos hábitos de ir aos órgãos governamentais e esperar por horas a fio para serem atendidos. E o que é pior, na maioria das vezes saem somente com “promessas” de uma futura análise ou solução. Afrontoso também é que cada organismo fundiário e ambiental tem sua própria base cartográfica, e isso implica em diferenças de posicionamento geográfico inadmissível tecnicamente para a atualidade, colocando toda e qualquer determinação técnica definidas em leis e normativas, em situações de falta de exatidão, mesmo com toda a tecnologia despendida para o desenvolvimento dos trabalhos tecnológicos, atrasando o desenvolvimento agropecuário e provocando insegurança jurídica, bem como prejudicando o meio ambiente quanto à preservação e à recomposição florestal. ■



Micheli: “Quando da aquisição da propriedade rural, fazem-se necessários os estudos das questões fundiária e dominial, entre outras precauções”

Divulgação

Fitossanidade

em destaque



O **MONITORAMENTO** *tem as respostas*

A presença de insetos no arrozal nem sempre compromete o retorno econômico da lavoura, sem contar que uma população pequena, em determinada fase de desenvolvimento da planta, pode nem ao menos afetar a produtividade

Thais Fernanda Stella de Freitas, Felipe de Oliveira Matzenbacher e Augusto Kalsing, engenheiros agrônomos, M. Sc. Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), thaisfs@gmail.com

Insetos que se alimentam das plantas cultivadas (chamados de fitófagos) podem se tornar pragas em qualquer sistema agrícola. No Rio Grande do Sul, a cultura do arroz irrigado é

o habitat de alguns insetos que, quando em altas populações, tornam-se pragas, causando perda de rendimento de grãos e prejuízo para os produtores. Deve-se ter em mente, entretanto, que não é a

O percevejo-do-grão é um sugador que causa prejuízo ao rendimento de grãos do início do enchimento até estarem na fase de massa mole





Diferente das lagartas desfolhadoras, a lagarta-da-panícula é prejudicial à produção de arroz na fase final do ciclo, mais próxima à colheita

simples presença destes insetos que diminui o retorno econômico da lavoura. Além de uma população mínima, a fase de desenvolvimento em que o inseto ocorre na lavoura muitas vezes não coincide com a fase em que a cultura é suscetível ao dano.

Por isso, é essencial que o produtor e/ou sua equipe realizem o monitoramento destes insetos, percorrendo a lavoura e realizando amostragens durante todo o ciclo de desenvolvimento da cultura. Essa é a chave para um bom manejo integrado de pragas: o acompanhamento da população, desde antes da instalação da lavoura até o momento da colheita, aliado ao conhecimento dos ciclos dos insetos e da planta de arroz. Além disso, a observação de alguns hábitos dos insetos pode facilitar a amostragem. A seguir, uma breve descrição dos insetos mais frequentes nas lavouras de arroz irrigado no Rio Grande do Sul:

Bicheira-da-raiz/gorgulho aquático (*Oryzophagus oryzae*): é a praga mais importante no estado, presente em todas as regiões. O inseto entra na lavoura na forma adulta, quando é um gorgulho, após a irrigação dos quadros. Alimenta-se das folhas, causando uma pequena raspagem no limbo foliar, longitudinalmente, entre as nervuras. Esta pequena raspagem é importante apenas para lavouras cultivadas no sistema pré-

germinado, quando as plantas atacadas são muito jovens. Em lavouras semeadas em solo seco, a entrada da água ocorre no início do perfilhamento, e a alimentação do adulto não é prejudicial às plantas. Depois da alimentação, os gorgulhos acasalam e fazem posturas na bainha das folhas, nas partes submersas das plantas.

As larvas surgem cerca de uma semana após a oviposição, descem ao sistema radicular e dele se alimentam até completarem aproximadamente 30 dias. Este é o melhor momento para a realização de uma amostragem, pois é quando as larvas atingem o tamanho máximo. A técnica recomendada consta em retirar amostras de raízes de 10 centímetros de diâmetro e agitá-las em um balde com água. Se houver larvas, estas se desprendem das raízes e aparecem na superfície da água. Segundo as recomendações técnicas para a cultura do arroz irrigado (Sosbai, 2012), a presença de até cinco larvas por amostra não causa redução no rendimento de grãos.

A bicheira-da-raiz está presente na lavoura durante todo o período em que o solo fica inundado. Contudo, as plantas são suscetíveis ao seu dano apenas até o estágio de diferenciação da panícula, que é o início da formação da estrutura floral do arroz – conhecido pelos produtores por ser um estágio im-

portante para realização de algumas práticas de manejo. Após o florescimento, mesmo encontrando adultos e larvas na lavoura, o produtor não precisa mais se preocupar com medidas de controle, pois o dano à cultura já foi realizado.

Percevejo-do-colmo (*Tibraca limbativentris*): é um inseto sugador que, quando introduz o estilete para se alimentar, injeta sua saliva tóxica, que causa o estrangulamento do colmo e interrompe o fluxo de seiva, levando à morte dos tecidos vegetais acima do ponto picado. É o inseto ao qual a planta é suscetível durante mais tempo, desde o perfilhamento até o final do enchimento de grãos. Quando o ataque ocorre no período vegetativo, o colmo atacado fica totalmente enrolado, esbranquiçado e seco, não tendo mais chances de produzir panícula. Este sintoma é chamado de “coração morto”. Quando ocorre no período reprodutivo, após o florescimento, a panícula acima do colmo atacado tem o enchimento de grãos interrompido, resultando no sintoma chamado “panícula branca”.

Segundo as recomendações técnicas para a cultura do arroz (Sosbai, 2012), um percevejo por metro quadrado causa a redução de 1,2% da produção de grãos. Entretanto, é sabido que o dano deste percevejo costuma ser menor quando o ataque ocorre na fase vegetativa do que na reprodutiva, pois, quanto mais cedo, maior é a capacidade da planta de recuperação do prejuízo sofrido.

Devido ao hábito de sugar o colmo das plantas, este percevejo fica “escondido” sob as folhas, o que dificulta sua visualização. Assim, o produtor deve conhecer algumas de suas particularidades ao realizar a amostragem. A primeira é que eles sobem para as pontas das folhas, sendo mais fácil a visualização na parte da manhã, permanecendo até o meio-dia. Além disso, a distribuição é desuniforme dentro das lavouras, concentrado-se em alguns pontos não atingidos pela lâmina de água, como o topo das taipas, e bordaduras. No período de entressafra, hibernam preferencialmente em algumas plantas que são conhecidas nas várzeas arrozeiras – o capim-rabo-de-burro (*Andropogon bi-*

cornis L.) e o capim macegão (*Paspalum urvillei* Steudel) – e nas taipas contendo plantas de arroz e resteva.

Percevejo-do-grão (*Oebalus pœcilus*): é um inseto sugador que pode causar prejuízo ao rendimento de grãos durante um período restrito da cultura – do início do enchimento de grãos até estes estarem na fase de massa mole. A partir desta fase, o inseto pode picar os grãos, mas já não consegue mais sugar seu conteúdo. O prejuízo passa a ser na qualidade, pois estes têm menor poder germinativo, quebram com mais facilidade durante o beneficiamento e apresentam manchas escuras. A picada do percevejo também pode ser uma porta de entrada para fungos, especialmente para os causadores de manchas dos grãos, como *Alternaria* sp. e *Bipolaris* sp.

Apesar de causar dano apenas na fase reprodutiva, o percevejo-do-grão pode estar presente na lavoura desde a fase vegetativa. Ele é atraído para dentro dos quadros quando existem plantas daninhas na fase de grão leitoso, como as espécies de capim-arroz (*Echinochloa* spp.) e arroz-vermelho (*Oryza sativa*). Desta forma, o monitoramento do percevejo-do-grão deve iniciar nas áreas de concentração de plantas daninhas. E, ao contrário do percevejo-do-colmo, o percevejo-do-grão é de muito fácil visualização. De acordo com Sossai (2012), a cada inseto por metro quadrado é esperada uma redução de 1% no rendimento de grãos.

Lagarta-da-panícula (*Pseudaletia spp*): diferente das lagartas desfolhadoras, conhecidas da maioria dos agricultores, esta lagarta é prejudicial à produção de arroz na fase final do ciclo, próxima à colheita. Seu hábito alimentar é o de consumir pedaços de ráquis das panículas, ou seja, cortar os pedacinhos das panículas que seguram os grãos. Assim, os grãos caem no chão e não podem ser colhidos.

Existe um fator que limita a expansão da lagarta-da-panícula nas lavouras de arroz irrigado e que é fundamental no monitoramento da praga: o solo inundado. Esta lagarta não consegue formar um “cartucho”, como outras tradicionais do ambiente irrigado, e, assim, quando estão na fase de pupa, caem no solo e não ficam protegidas nos abrigos formados pelas folhas. Quando o solo está inundado, então, esta pupa



Bicheira-da-raiz ou gorgulho aquático é a praga mais importante nos arrozais gaúchos e entra na lavoura após a irrigação dos quadros

apodrece, e o ciclo de desenvolvimento é interrompido. Disto já se conclui que os locais onde as amostragens da lagarta devem iniciar são, novamente, as partes mais secas das lavouras, como as taipas, bordaduras e partes mais altas dos quadros. De todas as pragas do arroz inundado, esta é a que vem mostrando maior potencial de dano à cultura. Em estudos realizados pelo Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), um inseto por metro quadrado foi capaz de reduzir a produtividade em 3% (Severo et al., 2009). E, mesmo que já esteja presente antes da fase de maturação dos grãos, não existem relatos de que esta lagarta cause prejuízo às lavouras na fase vegetativa.

O conhecimento das espécies fitófagas e um pouco de seus hábitos permite que o produtor tome decisões de controle baseadas na real necessidade e não siga os “calendários” de aplicações de outros produtos (como herbicidas ou fungicidas) realizando aplicações desnecessárias de inseticidas. A real necessidade, então, é quando estes insetos já atingiram a população suficiente para causar prejuízo e esta ocorrência é na fase em que o arroz é suscetível ao seu dano, ou seja, tornaram-se pragas. Quando estes dois fatores não acontecem juntos, a aplicação de inseticidas constitui-se em uma prática onerosa e de alto impacto ambiental. Cabe ressaltar que a lavoura de arroz é um ambiente riquíssimo em espécies de inimigos naturais, que podem manter a população de insetos fitófagos baixa e que também devem ser reconhecidas e conservadas pelos produtores, maiores interessados na manutenção de um ambiente equilibrado e produtivo. ☒

Curva de Nível e Sistematização a Laser

Curva de Nível

- Reduz fadiga do operador
- Longo alcance do laser

Sistematização

- Rapidez e eficiência c/ precisão
- Correção de micro relevo

Display D2 Receptor LR-410 Transmissor AG-401

allcomp
geotecnologia e agricultura

Telefone: (51) 2102 7100

Av. Pernambuco, 1207 | Porto Alegre/RS | agricultura@allcompgps.com.br | www.allcompgps.com.br

PRAGAS: sempre via manejo integrado

Muitas são as ações de gestão no enfrentamento aos ataques de pragas, sobretudo do bicudo, na cultura do algodão. Desde o plantio correto até se chegar ao uso de inseticidas

Carlos Alberto Domingues da Silva e Francisco de Sousa Ramalho, pesquisadores da Embrapa Algodão

A cultura do algodão contribui significativamente com a economia brasileira, sendo cultivada, atualmente, em todas as regiões do país, abrangendo uma área de 1.401.004 hectares com produção de 5.059.618 toneladas. O Brasil é o quinto maior

produtor de algodão em pluma e já detém o quarto maior parque produtivo de confecção do mundo, sendo que, em 2011, a cadeia produtiva do algodão movimentou 30 mil empresas responsáveis por 1,7 milhão de empregos diretos e indiretos. No Brasil, são cul-

tivadas duas espécies de algodão, o herbáceo *Gossypium hirsutum* L. var. *latifolium* Hutch, de ciclo anual, responsável por grande parte da produ-

As amostragens em busca do bicudo deverão ser feitas a partir do surgimento dos primeiros botões florais até o aparecimento do primeiro capulho na cultura



Fotos: Felipe Guimarães

ção nacional (mais de 90%), cultivado nas regiões Norte-Nordeste (TO, MA, PI, CE, RN, PB, PE, AL e BA), Centro-Oeste (MT, MS e GO) e Sudeste (SP, PR e MG), e o algodoeiro arbóreo *Gossypium hirsutum* L. var. Marie-Galante Hutch, conhecido regionalmente como algodão mocó e cujo plantio é restrito a alguns estados do Nordeste.

A região Nordeste foi grande produtora dessa malvacea até meados de 1980, porém, com a introdução da praga conhecida por bicudo (*Anthonomus grandis* Boheman), o sistema de produção, que era frágil, terminou sucumbindo e o algodoeiro deixou de ser cultivado na maioria dos municípios produtores. Atualmente, o algodão produzido pelos pequenos produtores do Nordeste é cultivado em sistema agroecológico ou orgânico, colhido a mão, e por não ser considerado produto perecível, tem mercado garantido na região, o que proporciona a obtenção de um produto de elevada qualidade de fibra e preço. O algodão com selo orgânico é comercializado pelos produtores com empresas da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e São Paulo, sendo exportado para outros países, principalmente aqueles do continente europeu. Uma das vantagens de se cultivar em pequenas propriedades do semiárido nordestino é que mais de 75% do custo de produção é gasto com pagamento de mão de obra para condução da lavoura, o que significa ocupação e renda para milhares de trabalhadores.

Nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, o sistema de produção do algodoeiro predominante caracteriza-se pelo uso intensivo de insumos modernos (fertilizantes, defensivos, etc.), emprego de maquinários da semeadura à colheita, comercialização da pluma diretamente com as indústrias têxteis e de óleo, exigindo cultivares de alto rendimento de pluma e com características tecnológicas que atendam às exigências das indústrias do Brasil e dos mercados importadores de América Latina, Ásia e Europa. Nessas regiões, os produtores usam tecnologias recentes e tendem a adotar boas práticas de cultivo. Como exemplo, os programas Better Cotton Initiative, Programa Socioambiental da Produção de Algodão e Produção Integrada de Algodão. Além disso, os empresários agrícolas têm

presença atuante nas organizações e associações que representam os seus interesses com o Governo e com o agronegócio da cadeia produtiva do algodão.

A cultura tem um aproveitamento bastante completo. Além da fibra, seu principal produto utilizado na confecção de tecidos, produz diversos subprodutos de interesse agrícola e industrial, destacando-se o óleo bruto e a torta rica em proteínas, que representa em média 15% e 50% do caroço, respectivamente. Com a instalação de um parque de produção de biodiesel no Brasil, criou-se um novo mercado para os produtores de oleaginosas, como o caroço do algodão. O caroço é coproduto da pluma e pode ser utilizado tanto na alimentação animal como na produção de óleo vegetal e equivale a aproximadamente 60% da produção, dependendo da cultivar e das condições de manejo da cultura. A torta do caroço de algodão resulta das operações de extração mecânica de óleo do caroço e pode ser obtida tanto de caroço com ou sem línter. O óleo é a segunda maior fonte proteica de origem vegetal utilizada para produção de biodiesel no Brasil, superado apenas pela soja. Por isso, o óleo de algodão é considerado a segunda oleaginosa brasileira.

Muitas pulverizações — O controle de pragas do algodoeiro é um dos fatores que mais onera os custos de produção. Embora existam variações entre os métodos de controle e níveis tecnológicos adotados entre as regiões produtoras, em muitas situações, são registradas 12 a 16 pulverizações, ou mais, para o controle dessas pragas, o que corresponde a um consumo anual de cerca de 10 toneladas de inseticidas. No Brasil, estima-se que a fauna de artrópodes associada à cultura do algodão inclua 259 espécies, mas somente 12 de insetos e três de ácaros assumem o status de praga e podem variar de região para região.

Dentre as espécies de insetos, apenas o pulgão, *Aphis gossypii* Glover (Homoptera: Aphididae), o bicudo, *Anthonomus grandis* Boheman (Coleoptera: Curculionidae), e o curquerê, *Alabama argillacea* (Hübner) (Lepidoptera: Noctuidae), exigem que medidas de controle sejam adotadas para contenção dos surtos populacionais, inde-

pendentemente do local onde o algodoeiro é cultivado, sendo, por isso, denominadas de pragas-chave. Na região Centro-Oeste, os percevejos castanhos, *Scaptocoris castanea* Perty e *Atarso-coris brachiariae* Becker (Heteroptera, Cydnidae), e a lagarta-das-maçãs, *Heliothis virescens* (Fabricius) (Lepidoptera: Noctuidae), que atacam respectivamente as raízes e as estruturas reprodutivas do algodoeiro, são também consideradas pragas-chave, visto à alta frequência de ocorrência e por ocasionarem perdas severas à produção. Ademais, as mudanças no sistema de cultivo observadas nas últimas décadas e, em especial, nas principais regiões produtoras, têm acarretado o surgimento de outras pragas, como as lagartas do gênero *Spodoptera*, citadas apenas como secundárias, ou mesmo como pragas-chave de outras culturas e que passaram a atacar o algodoeiro.

Para o controle dessas pragas-chave, a Embrapa Algodão sugere a utilização do Manejo Integrado de Pragas (MIP), que consiste na utilização simultânea de diferentes estratégias de redução populacional de artrópodes-praga, de forma econômica e harmoniosa com o meio ambiente. Dentre essas estratégias, destacam-se a amostragem de pragas e de seus inimigos naturais; a manipulação de cultivares; o controle biológico por parasitoides, predadores e patógenos; o controle cultural; o controle climático e o controle químico por meio de inseticidas e acaricidas seletivos.

Amostragem — A amostragem é a operação de coleta de dados sobre a densidade populacional das pragas e de seus inimigos naturais em uma determinada área durante o ciclo de cultivo do algodoeiro, para a tomada de decisão de controle. A qualidade da amostragem depende do tamanho da área, da periodicidade das inspeções e da forma como é realizada. Geralmente, as amostragens devem ser feitas em intervalos de cinco dias, tomando-se aleatoriamente 100 plantas em talhões com até 100 hectares, área homogênea, por meio do caminhar em zigue-zague, dentro da cultura, de tal maneira que se observem plantas que estejam bem distribuídas na cultura. Para amostrar o curquerê em cada planta, deve-se examinar a terceira folha, contada a



O MIP consiste na utilização simultânea de diferentes estratégias de redução populacional da praga, de forma econômica e harmoniosa com o meio ambiente

partir do ápice para a base da planta. No caso do bicudo, deve-se observar um botão floral de tamanho médio, tomado aleatoriamente, na metade superior da planta, a fim de se verificar a presença ou não de orifícios de oviposição e/ou alimentação. As amostragens que visam ao bicudo deverão ser feitas a partir do surgimento dos primeiros botões florais até o aparecimento do primeiro capulho na cultura.

A manipulação de cultivar consiste no plantio de cultivares convencionais de algodão produtivas de ciclo curto ou transgênicas resistentes às pragas e visa reduzir o número de aplicações de inseticidas comumente utilizados. Dentre as convencionais, destacam-se as cultivares BRS 286, BRS 293 e BRS 335, desenvolvidas pela Embrapa. As cultivares de algodão transgênico que expressam continuamente toxinas do tipo Cry, oriundas da bactéria *Bacillus thuringiensis* Berliner, ocasionam ele-

vadas taxas de mortalidade em lagartas. Já foram desenvolvidos comercialmente os eventos transgênicos denominados *Bollgard® I* (Cry 1Ac), *Widestrike®* (Cry 1Ac e Cry 1F) e *Bollgard® II* (Cry1Ac e Cry 2Ab). Além dessas, existem ainda cultivares de algodão que foram transformadas geneticamente para tolerância a herbicidas, como a Roundup Ready®, tolerante ao herbicida glifosato, e Liberty link®, tolerante ao herbicida glufosinato de amônio. A Embrapa pretende disponibilizar em 2013 quatro cultivares de algodão geneticamente modificadas com tolerância ao herbicida glifosato.

O controle biológico pode ser definido como a ação de parasitas, parasitoides, predadores e patógenos, a

qual mantém a densidade populacional de outros organismos, neste caso, as pragas do algodão, em nível mais baixo, em relação ao que ocorreria na sua ausência. Na prática, o controle biológico das pragas do algodoeiro pode ser considerado uma estratégia válida para garantir a sustentabilidade da produção de algodão no Brasil, restabelecendo a biodiversidade funcional dos agroecossistemas do algodoeiro por meio da preservação e/ou adição de entomófagos e entomopatógenos nesses ecossistemas agrícolas. Dentre os agentes de controle biológico disponíveis para o controle dos lepidópteros (curuquerê e lagarta-das-maças), tem-se o parasitoide *Trichogramma pretiosum* e o predador *Podisus nigrispinus*, enquanto para o controle do bicudo, destaca-se o parasitoide *Catolaccus grandis*, por meio de liberações inundativas.

As tecnologias de produção mas-

sal de *T. pretiosum* e *P. nigrispinus* encontram-se à disposição de cotonicultores na Embrapa Algodão. Pode-se, também, efetuar o controle biológico do curuquerê e da lagarta-das-maçãs com pulverizações de *Bacillus thuringiensis* na dosagem comercial de 8 g i.a./ha a 16 g i.a./ha e 16 g i.a./ha a 32 g i.a./ha, respectivamente, quando essas pragas atingirem o nível de controle. Deve-se ter bastante atenção para a presença de predadores (joaninhas, sirfídeos, bicho-lixo e aranhas) e parasitoides (vespinha: *Lysiphlebus testaceipes*) do pulgão na lavoura, obedecendo-se ao nível de ação desses inimigos naturais (70% de plantas com predadores e/ou parasitoides).

O controle cultural consiste na adoção de práticas de cultivo que visam modificar o agroecossistema para torná-lo desfavorável ao desenvolvimento das pragas e, ao mesmo tempo, favorável ao desenvolvimento de seus inimigos naturais. A principal vantagem na adoção de medidas culturais para o controle de pragas baseia-se no baixo custo requerido para sua adoção, sendo, na maioria das vezes, desnecessário gastos adicionais por se tratar simplesmente de pequenas modificações nas práticas agronômicas. As principais táticas de controle cultural consistem nas seguintes: 1 – uniformização da época de plantio, sempre que possível em áreas e períodos comprovadamente com menor incidência de pragas; 2 – conservação do solo e adubação baseada em recomendações técnicas para manutenção da sua fertilidade e estrutura, contribuindo diretamente para a formação de plantas vigorosas e, portanto, menos vulneráveis ao ataque de pragas; 3 – semeadura na densidade de 9 a 10 plantas por metro na linha e 0,70 me-

tro entre linhas para facilitar a penetração dos raios solares e o deslocamento de gotas da calda do inseticida até o alvo biológico; 4 – catação e destruição dos botões florais caídos ao solo, para eliminar os descendentes do bicudo que se desenvolvem no interior dessas estruturas protegidas da calda inseticida; 5 – destruição dos restos de cultura imediatamente após a colheita do algodão, para interromper o ciclo biológico de determinadas pragas de raízes, como a broca, e das partes aéreas, como bicudo, pulgões, moscas-brancas e lagarta-rosada, que podem continuar seu desenvolvimento nas soqueiras; 6 – rotação de culturas com o cultivo alternado do algodoeiro com sorgo, mamona, feijão-vigna ou amendoim, em sucessões repetidas, adotando-se uma sequência definida que contribui para a redução de pragas específicas associadas a uma delas e melhora as condições físicas e químicas do solo.

O controle climático poderá ser usado para reduzir os níveis populacionais do bicudo se o produtor efetuar o plantio em áreas de clima semiárido, pois os botões florais do algodão com orifício de oviposição caídos ao solo (seco e quente) desidratam e provocam elevadas taxas de mortalidade dos estágios imaturos dessa praga.

Inseticidas só quando necessários — A despeito das diversas estratégias preconizadas MIP, muitas destas têm sido ignoradas ou aplicadas de forma incorreta pelos produtores por serem pouco entendidas, avaliadas e difundidas. Isto pode explicar, em parte, porque o controle químico é a principal estratégia empregada para reduzir os surtos populacionais de pragas em lavouras de algodão no Brasil. As aplicações de inseticidas, na maioria

das vezes, têm sido realizadas de forma inadequada, resultando em baixa qualidade nas aplicações, as quais têm sido identificadas pelos produtores de algodão como uma das principais causas de insucesso no controle de pragas e por aumentos nos custos de produção.

Na realidade, o controle químico somente deverá ser efetuado quando necessário, ou seja, quando as pragas atingirem o nível de controle dentro da fase crítica das plantas ao ataque de cada praga-alvo. Até o aparecimento das primeiras maçãs firmes (cerca de 70 dias), não devem ser utilizados inseticidas piretroides.

A escolha dos inseticidas e acaricidas deverá contar com a participação efetiva do profissional de agronomia e levar em consideração a efetividade, a seletividade a inimigos naturais, a toxicidade, o poder residual, o período de carência, o método de aplicação, a formulação e o preço. O uso conjunto desses critérios de seleção deverá auxiliar na prevenção do desenvolvimento de resistência de insetos a inseticidas, preservação dos inimigos naturais das pragas, proteção da saúde humana, redução da contaminação do meio ambiente e o desperdício com esses produtos.

O controle químico de pragas do algodão não consiste simplesmente na aplicação de inseticidas, mas deve considerar aspectos envolvendo, desde a identificação do inseto-alvo até aqueles relacionados a sua bioecologia, metodologia de aplicação, clima e características toxicológicas do produto, entre outros. Além disso, o controle químico nunca deve ser utilizado exclusivamente, mas sim em conjunto com as outras estratégias que compõem o MIP. 

Trichoderma tem marca

TRICHODERMIL®

A SUA COLHEITA
NATURAL E EFICIENTE

Fungicida Biológico Registrado no Ministério da Agricultura:
Trichodermil SC | *Trichoderma harzianum* | cepa ESALQ 1306

Insumo aprovado para uso como defensivo na agricultura orgânica de acordo com as normas IBD/IFOAM, CEE 89/181, NORVISA, COM/CANADA, DEMETER, IAS e Lei Brasileira nº 10.831/2003

IBD
INSUMO
APROVADO

ATENÇÃO: siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

ABC BIO
Associação Brasileira de
Engenheiros de Controle Biológico

www.itaforte.com.br
Fone: 15 3271.2971

ITAFORTE
Bio Produtos
Uma empresa **KOPPERT**

DOW DESTACA POWERCORE NO DIA DE CAMPO DA C.VALE

A Dow AgroSciences participou do Dia de Campo sobre Culturas de Verão da C.Vale, em janeiro, em Palotina/PR. Dentro do portfólio apresentado, alguns produtos receberam destaque, como o Powercore, tecnologia no controle das principais pragas do milho. Um de seus principais diferenciais é a inserção de três diferentes proteínas Bt. Com isso, a possibilidade da praga desenvolver resistência simultânea é reduzida drasticamente. “O produto também flexibiliza o manejo de herbicidas, proporcionando ao agricultor a otimização de maquinário e mão de obra”, afirma Aldenir Sgarbossa, gerente de Marketing para sementes de milho.



Equipe Dow no Dia de Campo C. Vale

Fotos: Divulgação

SERVIÇO EXCLUSIVO DA BASF NO DIA DE CAMPO C.VALE

No Dia de Campo C.Vale, evento promovido em janeiro pela C.Vale em Palotina/PR, a Basf expôs seus produtos e serviços. Entre as novidades, destaque para um novo serviço exclusivo da empresa, o AgroDetecta, que oferece suporte ao produtor indicando os melhores momentos para realizar as pulverizações. “Com o AgroDetecta, o produtor é alertado com uma antecedência de até dez dias. Com isso, há uma diminuição nas possíveis perdas relativas a ocorrências de doenças”, afirma o gerente de Negócios e Cereais Centro-Sul, Marcelo Batistela.



Marcelo Batistela

IHARA APRESENTA SOLUÇÕES NA 17ª SHOWTEC



Gustavo Soto

A Ihara participou em janeiro da 17ª ShowTec, em Maracaju/MS, onde apresentou seu portfólio de soluções para as culturas de soja e milho. Gustavo Soto, engenheiro agrônomo da empresa, comenta que a

ShowTec é uma referência no segmento por receber um número significativo de produtores em busca de novas tecnologias. “O evento nos permitiu promover ações mais direcionadas para que possamos contribuir com o avanço e a competitividade da agricultura do nosso país, apresentando ao público as melhores soluções para o mercado de soja e milho”, explica Soto.

ARYSTA LANÇA PUBLICAÇÃO PARA CULTURA DO MILHO

O grupo multidisciplinar de pesquisadores integrantes do Clube de Relacionamento e Inovações Arysta - Núcleo Tecnológico (Criar-NT) acaba de lançar a publicação “Milho - Desafios Fitossanitários e Manejo Sustentável”, primeiro Boletim Técnico desenvolvido pelo grupo com recomendações de manejo e detalhes sobre as principais pragas, doenças e invasoras. “Nesse boletim, destacamos o manejo de resistência de plantas



João Miyasaki

daninhas, pragas - como percevejos e pulgão do milho - e doenças bacterianas”, explica João Miyasaki, gerente de pesquisa e desenvolvimento.

FMC EXPANDE O USO DE EMBALAGENS ECOLÓGICAS

Soluções sustentáveis e tecnológicas para facilitar o dia a dia do produtor sempre a favor do equilíbrio do meio ambiente. Esse é o objetivo da FMC ao dar continuidade ao Projeto De Cana para Cana, que atua com a bombona Green Jug – embalagem ecológica e pioneira entre as indústrias de defensivos que diminui em 25% o CO₂ emitido durante a fabricação – e a embalagem reciclável Ecoplástica Triex (que tem o maior índice de material reciclado); agora lança a Família Green e também as embalagens autoempilháveis Green, JoinJug.





José Annes Marinho

ANDEFEDU REFORMULA SITE

O site da Área de Educação da Associação Nacional de Defesa Vegetal (ANDEFEDU), www.andefedu.com.br, está renovado, com novo layout para facilitar o acesso. “Está mais organizado e dinâmico. As mudanças facilitaram a navegação e o conteúdo está mais focado. Toda produção foi baseada nas necessidades e demandas das pessoas que compõem o mercado de agro brasileiro”, explica José Annes Marinho, gerente de educação da Andef. O site também está conectado às redes sociais www.facebook.com/andefedu e twitter.com/andefedu.

DUPONT ABRE CALENDÁRIO AGRÍCOLA EM PALOTINA

A DuPont Brasil deu início ao seu ano agrícola de 2013 em 15 de janeiro, no Dia de Campo C. Vale, em Palotina/PR. Foi apresentado um dos itens que formam o portfólio-estrela da DuPont, o Aproach Prima, que deverá fechar a safra de verão com crescimento expressivo de uso nas lavouras, pois a ameaça da ferrugem está sendo um dos desafios enfrentados pelos produtores durante todo o ciclo da soja. “O produto se consolidou entre as tecnologias mais demandadas pelos produtores”, resume Roberto Castro, gerente de fungicidas.



BAYER PARTICIPA DO DIA DE CAMPO C. VALE

Atenta às necessidades dos produtores de Palotina/PR e região, para ajudá-los a enfrentar fatores que podem prejudicar a produtividade, como condições climáticas, doenças, plantas daninhas e pragas, a Bayer CropScience participou do tradicional Dia de Campo C. Vale, em janeiro. Os agricultores tiveram a oportunidade de conhecer ainda mais como a empresa trabalha tecnologias e soluções integradas que viabilizam o potencial produtivo. A empresa levou informações relevantes, desde a importância do tratamento de sementes até os manejos necessários durante toda a safra.



Estande da Bayer

UPL COM ESTAÇÃO EXPERIMENTAL

A UPL iniciou 2013 com a instalação da estação experimental, ao lado da unidade fabril da empresa em Ituverava/SP. “Estamos atentos às rápidas mudanças de cenário do negócio agrícola, quando a cada safra novos desafios são apresentados, principalmente com relação à resistência de pragas, doenças e plantas daninhas. Precisamos entender rapidamente essas tendências e a estação experimental possibilitará, exatamente, o desenvolvimento e a aplicação de novas tecnologias com o senso de urgência e segurança que o setor agrícola necessita”, destaca Carlos Eduardo Fabri, gerente de Desenvolvimento.



Carlos Eduardo Fabri

Para uma análise perfeita, somente equipamentos da De Leo.

GERMINADOR DE SEMENTES

HOMOGENEIZADOR DE SEMENTES

CONTADOR DE SEMENTES

SOPRADOR mod GENERAL

SOPRADOR mod SOUTH DAKOTA

www.deleo.com.br

Visite nosso site e conheça toda linha de produtos.

EQUIPAMENTOS LABORATORIAIS

Porto Alegre | RS | 51 3384 6111

Possibilidades econômicas da floresta AMAZÔNICA

Beto Veríssimo, cofundador e pesquisador sênior do Imazon – Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia

A Amazônia é a maior floresta tropical do planeta, com mais de 6 milhões de quilômetros quadrados. Embora em grande parte brasileira, a Amazônia também se distribui entre outros oito países da América do Sul: Peru, Bolívia, Colômbia, Equador, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa. É uma floresta luxuriante, onde se pode encontrar mais de 450 árvores por hecta-

re. Estima-se que abrigue mais de 3 mil espécies de árvores de grande porte (as mais altas chegam a 50 metros de altura), das quais pelo menos 350 têm valor comercial – como o cedro, o freijó, o ipê maçaranduba e o jatobá.

Essa floresta desempenha um papel vital na conservação da biodiversidade (a maior do mundo), na manutenção dos ciclos hídricos, no arma-

zenamento de estoques de biomassa e carbono e na regulação do clima regional e global. Os cientistas temem que, se o desmatamento passar de 30% do território (atualmente está em torno de

A Amazônia tem aptidão para a atividade florestal sob manejo, pois possui grandes estoques de madeira e produtos não madeireiros de alto valor comercial



Haroldo Castro

18% no lado brasileiro), a floresta estará condenada a entrar em um ciclo de “savanização” sem volta. As consequências seriam catastróficas para o planeta e as perdas seriam incalculáveis para o Brasil.

Lar de 33 milhões de pessoas, 24 milhões delas só na porção brasileira, a Amazônia tem grande potencial econômico, com vastos recursos minerais e energéticos. Seus rios caudalosos, os maiores do mundo, possuem enorme potencial hidrelétrico. E as florestas em si contêm recursos naturais de valor (madeira, óleos, fibras, resinas, frutos, etc.). Apesar disso, a região ainda convive com índices de pobreza e desigualdade incompatíveis com sua importância regional e planetária.

A Floresta Amazônica está em um momento decisivo de sua história. O desmatamento avança rapidamente. Em pouco mais de três décadas de ocupação, a Amazônia brasileira perdeu quase 18% de sua floresta original. Além disso, uma porção expressiva da região está afetada por atividades que contribuem para a degradação dos recursos naturais, como a exploração madeireira, os incêndios florestais e a expansão das áreas urbanas.

Para enfrentar o desmatamento são necessárias três abordagens complementares. Primeiro, valorizar a floresta tanto pela sua função de mercado quanto por seu papel primordial no equilíbrio do clima e na manutenção da biodiversidade. Segundo, ordenar a ocupação do território por meio da criação de áreas protegidas, da regularização fundiária, do controle do desmatamento e da responsabilização (punição efetiva) dos desmatadores ilegais. Finalmente, valorizar economicamente a floresta com o uso sustentável dos recursos madeireiros e não madeireiros, bem como assegurar que produtos do seu subsolo (minérios) e dos rios circundantes (potencial hidrelétrico) possam gerar de fato oportunidades de desenvolvimento regional sustentável. Isso porque é possível abrigar toda a atividade agropecuária no imenso território já desmatado de mais de 78 milhões de hectares – uma área equivalente aos estados de Minas Gerais e São Paulo juntos.

Na questão do uso sustentável da floresta, é essencial considerar a adoção do manejo florestal para produção de madeira e produtos não madeireiros como uma das estratégias para manter a floresta em pé. A extração e o processamento de madeira é o segmento de maior importância na economia regional, embora o extrativismo não madeireiro esteja atravessando um boom para algumas espécies – como o fruto do açaí, que tem destaque para a região do estuário do rio Amazonas e para milhares de extrativistas que vendem esse fruto nos diversos mercados.

O setor florestal madeireiro — A Amazônia tem aptidão para a atividade florestal sob manejo, pois possui grandes estoques de madeira e produtos não madeireiros de alto valor comercial e uma localização estratégica para os mercados nacional e internacional. Esses fatores vêm contribuindo para uma rápida expansão da atividade madeireira na região. Em 2010, a produção de madeira em tora na Amazônia brasileira atingiu 14 milhões de metros cúbicos, o que torna a região um dos principais centros produtores de madeira tropical do mundo (ao lado da Malásia e da Indonésia).

Mas é essencial que a extração seja feita de forma manejada, com uso de técnicas modernas de corte e arraste de árvores. Em 2010, a área ocupada por manejo florestal já superava 7 milhões de hectares (em 2000, era de menos de 1 milhão), dos quais cerca de 2,4 milhões de hectares eram constituídos por florestas certificadas de acordo com os padrões do Conselho de Manejo Florestal (FSC), o mais importante sistema de certificação desse setor no mundo. Apesar dos avanços, mais da metade da produção de madeira ainda é feita de forma predatória.

Como revelado pela iniciativa “Florestabilidade” (www.florestabilidade.org.br), o manejo florestal reduz os impactos ecológicos da exploração, aumenta a capacidade de regeneração da floresta e possibilita ciclos de corte bem menores. Além disso, o manejo diminui a incidência de acidentes de trabalho e melhora a rentabilidade do setor florestal. De fato, os lucros da explora-

ção madeireira sob o regime do manejo florestal são maiores se comparados às operações de extração predatória.

Na equação de uso sustentável e conservação dos recursos naturais na Amazônia, a adoção do manejo florestal pode contribuir para a estabilidade econômica da região ao gerar renda, empregos e tributos com base na floresta em pé. Se combinados os benefícios socioeconômicos do manejo florestal com o pagamento de serviços ambientais (como, por exemplo, no âmbito do mecanismo de REDD – Redução das Emissões de Desmatamento e Degradação Florestal), seria possível reduzir drasticamente o desmatamento nos próximos anos e eliminá-lo da dinâmica de uso da terra na Amazônia até o final da próxima década.

O futuro do manejo florestal — Para estabilizar o setor madeireiro e promover a adoção do manejo florestal, é necessário realizar quatro intervenções. Primeiro, é essencial incentivar a adoção de boas práticas de manejo por meio de fomento e instrumentos econômicos. Segundo, é preciso capacitar e divulgar amplamente as técnicas do manejo florestal, a exemplo do que começa a fazer o projeto Florestabilidade, que atingirá milhares de estudantes e extrativistas na região.

Terceiro, é necessário coibir a extração ilegal de madeira por meio de um sistema de controle e monitoramento. Por fim, é necessário implementar com celeridade as concessões florestais – com base na lei de gestão de florestas públicas em vigor no Brasil desde 2007.

Embora a produção de madeira e, mais recentemente, de frutos como o açaí seja o carro-chefe da economia florestal, é muito provável que os serviços ambientais gerados pela manutenção da floresta em pé (regulação do clima, conservação das bacias hidrográficas, armazenamento de imensos estoques de carbono), combinados com o manejo de produtos não madeireiros, possam crescer de forma substantiva na próxima década. Se isso ocorrer, haverá fortes incentivos econômicos para a conservação e o uso sustentável da floresta. 

Oportunidades de ganhos com o **AMENDOIM**

Escolha do Leitor



Taís de Moraes Falleiro Suassuna, pesquisadora da Embrapa Algodão, e
Tatiane Melo de Lima, professora da Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí

O amendoim é uma cultura tradicional no Brasil, conhecido especialmente pelos pequenos produtores e cultivado em quase todos os estados. Originado na região compreendida entre o nordeste da Argentina e o sudoeste da Bolívia, era cultivado pelos indígenas na América do Sul muito antes da chegada dos europeus. Com a colonização, foi disseminado para outros continentes, como Ásia e África, atualmente os maiores produtores mundiais, onde o amendoim é utilizado principalmente para produção de óleo vegetal.

No entanto, seus grãos apresentam alto valor nutritivo, como fonte de energia, proteínas e vitaminas, características que aliadas ao sabor agradável tornam o amendoim um item valioso na indústria de alimentos, tanto em grande como em pequena escala. Versátil, pode ser utilizado na preparação de produtos

no formato cru (in natura), descascado ou não, torrado, como petisco salgado com ou sem pele, na forma de diversos doces, pastas, além dos tradicionais pé de moleque e paçoca doce.

No Brasil, os produtores do estado de São Paulo são responsáveis por cerca de 80% da produção nacional, sendo a maioria associada às cooperativas ou indústrias processadoras que fornecem crédito e assistência técnica, além da estrutura de armazenamento e comercialização. Esta organização permitiu que a produção regional atingisse patamares de produtividade e qualidade que atendessem às normas da indústria nacional de alimentos e de exigentes mercados internacionais.

A Região Nordeste é a segunda produtora de amendoim do Brasil e o segundo maior mercado consumidor. Cultivares de porte ereto são as mais planta-

das e atendem a elevada demanda por este tipo de amendoim nos mercados locais. Ao modo natural ou processado sob diferentes formas, o amendoim é vendido em feiras livres, durante as festas populares, principalmente na região costeira. Os estados com maiores produções são Bahia, Sergipe, Ceará e Paraíba. Nestes estados a maioria das operações é feita manualmente, exceto preparo de solo, feito com tração animal ou trator. Existem plantios irrigados em Sergipe (municípios de Itabaiana e Lagarto), muitas vezes consorciados com plantios de milho, citros e mandioca. Praticamente todos os produtores da Paraíba colhem os grãos maduros (90 dias após a semeadura) destinados à torrefação. Parte dos grãos produzidos no Ceará também são destinados à torrefação. Porém, esporadicamente, parte é vendida cozida com



Taís Suassuna

os grãos colhidos verdes (75 – 80 dias após o plantio) e destinada ao mercado de Sergipe, durante a entressafra. Quase 100% da produção da Bahia e de Sergipe é comercializada para o processamento imediato de amendoim cozido. A colheita e o despencamento são realizados aos 75 dias, duas semanas antes da maturação das vagens.

O cultivo do amendoim é uma excelente alternativa para agricultores familiares, com múltiplos usos (consumo interno, agregação de valor, comercialização), contribuindo com a diversificação agrícola da propriedade, aumentando a renda familiar e a segurança alimentar. A escolha da cultivar é um dos fatores mais importantes, considerando características como adaptação à região produtora e aceitação no mercado. O agricultor familiar não pode escolher a variedade analisando somente os parâmetros produtivos. É preciso considerar alguns fatores importantes para o cultivo manual/ tradicional, como os seguintes:

- Optar por variedades rústicas e resistentes a doenças, que toleram con-

dições menos favoráveis ao seu crescimento. Muitas vezes os agricultores não dispõem de recursos para adquirir insumos, materiais de irrigação, entre outros equipamentos tecnológicos;

- Optar por variedades de porte ereto, pois essa estrutura da planta facilita os manejos culturais e a colheita manual;

- Optar por variedades de ciclo curto, menos sujeitas a intempéries climáticas em função da redução do seu tempo no campo; além disso, em algumas regiões essas variedades possibilitam o plantio de outra cultura na mesma área e no mesmo ano agrícola.

Recentemente foram testadas três cultivares de amendoim na região sudoeste de Goiás, no campus da Universidade Federal de Goiás em Jataí. As cultivares BR1, BRS151-L7 e BRS Havana, desenvolvidas pela Embrapa para a Região Nordeste, apresentaram rendimento médio de 1,8 a 2 toneladas por hectare e podem ser consideradas adaptadas à região.

De acordo com a Conab, o preço

médio praticado no último ano foi de R\$ 33,57 por saca de 25 quilos de amendoim em casca. Portanto, considerando a produtividade de 1,8 a 2 toneladas por hectare, o agricultor pode ter uma renda bruta entre R\$ 2.100 a R\$ 2.600 por hectare. O amendoim pode ser comercializado nos mercados informais, formais e por meio dos programas de aquisição de alimentos do Governo Federal, como Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). O amendoim é um dos produtos agrícolas mais importantes da chamada economia informal, podendo ser comercializado em feiras livres, supermercados, confeitarias, etc. Representam o mercado formal as cooperativas e cerealistas beneficiadoras, localizadas principalmente no estado de São Paulo. 

Esta reportagem foi escolhida pelo leitor da revista A Granja, que votou por meio da newsletter Agronews. Aproveite agora e escolha entre as três reportagens que estão em votação a que você prefere ver estampada nas páginas de nossa revista.

Caso ainda não receba a newsletter, cadastre-se no site www.agranja.com



**A maior feira do Brasil
voltada à agricultura familiar.**



Aqui você colhe conhecimento, tecnologia e produtividade.

informações: (51) 3713-7715 - www.afubra.com.br

Patrocínio:



Apoio:



MICRONUTRIENTES



Denise Saueressig

O especialista brasileiro Francisco da Cunha palestrou em Buenos Aires em um evento sobre micronutrientes organizado pela Fertilizar Asociación Civil. Ele mencionou que não vem encontrando um uso geral de fertilizantes como recomendam os diagnósticos. Cunha indica que é necessário ajustar os níveis para os diferentes cultivos e calibrar as doses que apresentam resposta positiva. Na opinião dele, são necessárias melhores técnicas de diagnóstico e utilização do boro (Bo). Em relação ao magnésio (Mn), recomenda aumentar o uso por via foliar, já que o nutriente apresenta diagnósticos menos confiáveis mediante análises do solo. Quanto ao molibdênio (Mo), para os principais cultivos, as necessidades são atendidas satisfatoriamente com a fertilização foliar ou via sementes. Francisco da Cunha ainda ressalta que os últimos dados disponíveis apresentam perspectivas promissoras para o uso do níquel (Ni) nos cultivos.

SOMA DE ERROS

A realidade indica que um terço do biodiesel argentino fica no mercado interno, enquanto o restante é exportado. O Programa Nacional de Biocombustíveis funcionava de forma normal até julho. Mas as regras do jogo mudaram devido à criação da Unidade Executiva de Acompanhamento Interdisciplinar. As decisões já não pertencem a apenas uma área do Estado, ao que foi somada uma queda muito importante nos preços no mercado interno e um aumento das retenções para exportar. O resultado disso foi uma redução da produção e das exportações. Também são agravantes o enfraquecimento da demanda europeia, as pressões pelo biodiesel de palma



Divulgação

procedente da Indonésia a um preço mais baixo e uma série de regulamentações que prejudicam o comércio exterior. Ainda há problemas com as permissões de embarque, que deveriam ter prazo de 30 dias, mas, na verdade, levam até 180 dias. Resumindo, o intervencionismo oficial tem feito estragos na atividade.

TRIGO

A projeção da produção se mantém em torno de 10 milhões de toneladas. Ao mesmo tempo, o Governo se mostra disposto a impor severas restrições às exportações do cereal.

SOJA

Cerca de 80% da área prevista para a oleaginosa foi plantada até o início de janeiro. Segundo previsão das estimativas privadas, o cultivo da soja vai atingir em torno de 19,7 milhões de hectares.

LEITE

São esperadas melhorias moderadas no valor recebido pelos produtores, especialmente porque o ano de 2012 terminou sem os excedentes anunciados anteriormente e o fluxo de negócios se manteve.

CARNE

Os preços do gado continuam em valores similares aos informes anteriores, que apontaram o valor médio do quilo do novilho em torno de US\$ 1,72 (dólar oficial) e de US\$ 1,30 (dólar paralelo).

GADO: PREÇOS EM DECLIVE

Durante 2012 houve uma substancial queda no preço do gado, não só em valores nominais, mas também em termos reais. Um trabalho do especialista Andrés Halle revela que em novembro de 2010 o valor nominal do quilo do terneiro era de 11,85 pesos (R\$ 4,93) e o do novilho, de 8,04 pesos (R\$ 3,34). Se os preços atuais forem corrigidos para a moeda de novembro de 2010, mediante o índice de preços ao consumidor da província de San Luis, o preço do terneiro em moeda atual seria de 8,14 pesos (R\$ 3,38) o quilo, enquanto o do novilho estaria em 5,75 pesos (R\$ 2,39) o quilo. Dessa forma, o valor do terneiro atualmente está 31% inferior, enquanto o novilho perdeu 28% do seu valor. Se à queda real de preços agregarmos o aumento dos custos, resulta que hoje, e praticamente em todos os casos, se pode adquirir menos insumos por unidade de carne do que um ano atrás.

Dificuldades e soluções da semeadura direta no CERRADO

José Luiz Rodrigues Torres, professor/pesquisador do Instituto Federal do Triângulo Mineiro, campus Uberaba/MG, pós-doutorando em Agronomia – Ciência do Solo na Ufrrj, e Marcos Gervasio Pereira, professor/pesquisador da Ufrrj e bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D do CNPq

O rápido crescimento da população mundial levou à necessidade de grandes incrementos na produção agropecuária, os quais foram sendo obtidos por meio da aplicação intensiva de novas tecnologias e pelo avanço das fronteiras agrícolas. Em muitos casos o emprego dessas técnicas não é realizado de forma adequada, observando-se efeitos negativos, que culminam com a degradação dos agroecossistemas. Dentre essas inovações tecnológicas destaca-se o sistema de semeadura direta (SSD), sendo o Cerrado, nas últimas décadas, o bioma onde verifica-se uma grande expansão na utilização dessa prática.

No final da década de 1960, introduziu-se o SSD na palha na Região Sul do Brasil, como uma tecnologia conservacionista, com sistemas adaptados às diversas regiões e níveis tecnológicos. A partir da década de 70, o SSD expandiu-se gradativamente, atingindo 1 milhão de hectares na safra 1989/90, sendo 180 mil hectares no Cerrado (Pereira, 1997). Dados da Embrapa (2002) evidenciaram o crescimento da área cultivada sob SSD no país para 15 milhões de hectares, sendo 5 milhões no Cerrado, na safra 2001/02. No ano seguinte (2002/03) verifica-se o aumento para 18 milhões de hectares, sendo 6 milhões no

Cerrado; em 2005/06, de 25,5 milhões; culminando com 31,5 milhões de hectares na safra 2011/2012 (Febrapdp, 2012). Segundo a previsão do Ministério da Agricultura (2012), em 2020 a área em SSD no país atingirá de 33 milhões de hectares.

A expansão do SSD no País e no Cerrado esteve sempre associada ao au-

Milho e soja cultivados sobre palhada de milho numa área de 12 anos sob semeadura direta em solo do cerrado mineiro



Fotos: Divulgação

Praticidade
no plantio.
Agilidade
na colheita.

Carreta Graneleira GRANBOX FLEX

CARRETA Graneleira **MULTIUSO** com fundo e cano em aço inox. Ideal para abastecer sua plantadeira tanto com adubo quanto com semente. Indicada para acompanhar a colheitadeira recolhendo cereais.



mento da produção de grãos. Em 1990 a produção de grãos brasileira atingiu 57,8 milhões de toneladas; em 2004 aumentou para 125 milhões; em 2011/12 atingiu 165,7 milhões e a estimativa para 2012/13 está na ordem de 182,3 milhões de toneladas. Em 1990 a área cultivada com grãos no País era de 37,8 milhões de hectares, aumentando para 42 milhões em 2004 e, em 2011/12, para 50,8 milhões, sendo que a estimativa de crescimento é de até 2,7% no ano, podendo atingir 52,2 milhões de hectares em 2012/2013 (Conab). Diante desses números pode-se constatar que a expansão do SSD no Cerrado influenciou decisivamente a produção nacional de grãos. Levando-se em consideração que o Cerrado brasileiro abrange 207 milhões de hectares, ou seja, 25% do território nacional, e que representa aproximadamente 4% da região tropical mundial, conclui-se que ainda existe uma grande possibilidade de expansão desse sistema nessa região.

As dificuldades — A qualidade e a quantidade dos resíduos culturais deixados sobre a superfície do solo são os principais componentes para o sucesso do SSD no Cerrado brasileiro, pois em regiões de clima tropical a decomposição dos resíduos vegetais é mais acelerada quando comparada àquela observada nas regiões de clima temperado, o que dificulta a manutenção da cobertura no solo. Alguns estudos conduzidos no Triângulo Mineiro por várias safras agrícolas, com semeadura das coberturas sendo realizada no inverno (2001/02, 2004/05, 2005/06, 2006/07, 2008/09 e 2011/12) e no verão (2000/01, 2007/08 e 2009/10) (tabela 1), têm demonstrado que a quantidade de fitomassa seca (FS) produzida no inverno no Cerra-

do tem sido inferior quando comparada àquela quantificada no verão.

Entretanto, alguns resultados destacam algumas plantas de cobertura que estão adaptadas ao clima e ao solo desse bioma, dentre elas milheto (*Pennisetum americanum* (L.) Leeke), crotalária (*Crotalaria juncea*) e braquiária (*Urochloa brizantha* cv. Marandu). Somadas a vegetação espontânea (pousio) que se desenvolve a partir de bancos de semente no local, produzem resíduos vegetais em quantidade suficientes para proporcionar cobertura do solo em ambas as épocas de semeadura (Torres et al., 2005; Fabian, 2009; Fabian e Torres, 2012). Outros estudos evidenciam que as dificuldades encontradas para produção de cobertura vegetal no Cerrado estão relacionadas ao mecanismo de decomposição da palhada, que por sua vez é influenciada diretamente pelas condições climáticas da região, principalmente a temperatura e a precipitação (Torres et al., 2006; Carneiro et al., 2008; Fabian, 2009), que alteram o tempo de meia vida ($T^{1/2}$ vida) dos resíduos, que é a forma de expressar o tempo necessário para que metade dos resíduos se decomponha e, conseqüentemente, que metade dos nutrientes contidos nesses resíduos seja liberada. Além do clima, outros fatores afetam a decomposição dos resíduos vegetais, dentre eles, os organismos do solo (macro e micro) e as características qualitativas do material, com destaque especial para os teores de nitrogênio, carbono, lignina e de polifenóis (Heal et al., 1997).

A solução — Dentre as espécies mais estudadas e cultivadas no Cerrado estão as braquiárias, que são plantas amplamente adaptadas às condições edafoclimáticas da

região. Porém, sua produção de FS tem variado entre 1,5 e 26,8 toneladas/hectare (Kluthcouski et al., 2000). Tal fato deve-se a época de semeadura, manejo, consórcios efetuados e das culturas antecessoras. Quando cultivada no verão, a produção de FS varia entre 6 e 13 t/ha. No inverno, após a colheita da safra de verão, tem-se obtido valores que variam entre 2 e 3 t/ha (Crusciol e Soratto, 2007; Torres et al., 2008).

O milheto e a crotalária quando semeadas no início do período chuvoso apresentam produção de FS variando entre 7 e 12 t/ha para milheto e entre 4 e 9 t/ha para crotalária. Contudo, em condições de safreinha, após a colheita das culturas comerciais, a produção de FS dessas culturas tem variado entre 2 e 40 t/ha (Torres et al., 2005). Quando o solo é deixado sem qualquer tipo de cultivo na entressafra, a vegetação espontânea (pousio) produz FS com valores entre 2 e 5 t/ha, que pode variar em função do estágio de desenvolvimento da planta e do manejo efetuado nas plantas invasoras na área.

Normalmente os resíduos culturais de braquiária e pousio se decompõem mais rapidamente e apresentam baixos valores de tempo de meia vida ($T^{1/2}$ vida), que variam entre 37 e 76 dias, enquanto crotalária e milheto possuem $T^{1/2}$ vida maior, variando de 93 a 151 dias (Torres et al., 2008; Fabian, 2009). Os elevados valores de $T^{1/2}$ vida para crotalária e milheto ocorrem principalmente quando essas plantas são cultivadas no inverno, em função das maiores restrições hídricas, essas culturas atingem menor porte, apresentam caule mais fibroso, emitem menor número de folhas e flores, estratégias que as tornam mais resis-

Tabela 1 – Produção de fitomassa seca (FS) das plantas de cobertura (braquiária, crotalária e milheto) e do pousio, produzidas no inverno (2001/02 a 2006/07, 2008/09, 2011/12) e no verão (2000/01, 2007/08, 2009/10), em Uberaba/MG

Planta de cobertura	2000/01	2001/02	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2011/12
	Mg ha ⁻¹								
Braquiária	6 b	2,1 b	1,4 b	5,5 a	2,1 a	2,0 b	2,6 a	8 c	3,3 b
Crotalária	3,9 c	3,7 a	2,1 a	3,6 b	2 a	2,1 b	2,9 a	10,5 b	3,4 b
Milheto	10 a	3,6 a	1,5 b	4,1 b	2,3 a	3,9 a	2,9 a	12,2 a	5,2 a
Pousio	2,1 d	3,8 a	2,6 a	2,5 c	2,6 a	3,8 a	2,8 a	7,2 c	2,2 c
C.V. (%)	20,7	10,9	15,2	17,1	20	22,6	15,8	12,2	11,7

Médias seguidas de mesma letra na coluna não diferem entre si a 5% (Tukey)
Fontes: Torres et al. (2005);
Fabian (2009); Fabian e Torres (2012)
Projeto financiado pela Fundação Agrisus

Tabela 2 – Produção de grãos de milho e soja cultivados sobre as plantas de cobertura (braquiária, crotalária e milheto) e vegetação espontânea (pousio), no período entre 2000/01 e 2011/12, em Uberaba/MG

Planta de cobertura	2000/01	2001/02	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2011/12
.....Mg ha ⁻¹									
.....Milho.....									
Braquiária	6,5 a	2,1 b	6,7 a	5,9 a	6,7 a	9 b	9,5 a	8,4 c	6,1 a
Crotalária	6,7 a	2,8 a	8 b	6,8 a	7,2 a	11 a	8,4 b	10,1 a	5,9 a
Milheto	6,3 a	2,2 b	6,9 a	7,1 a	6,6 a	9,5 b	8,4 b	9,3 b	5,8 a
Pousio	5,9 b	2,1 b	6,6 a	7,1 a	6,8 a	8,7 c	7,9 b	9,2 b	6,1 a
CV (%)	6,2	8,7	17,7	10,8	4,7	9,9	16,9	8,1	5,8
.....Soja.....									
Braquiária	3,3 b	0,6 a	3,6 a	3,1 a	4,9 a	3,6 a	3,7 a	—	5,7
Crotalária	3,4 b	0,9 a	4 a	3,3 a	4,8 a	4 a	5,3 a	—	5,2
Milheto	3,5 a	1,2 a	3,3 a	3 a	4 a	3,3 a	4,3 a	—	5,5
Pousio	3,5 a	1,0 a	3,2 a	2,8 a	4,8 a	3,2 a	3,7 a	—	5,2
CV (%)	4,5	6,3	19,6	10,1	9,9	20,4	24,5	—	15

Médias seguidas de mesma letra na coluna não diferem entre si a 5% (Tukey)

tentes frente ao estresse hídrico quando comparadas a outras plantas de cobertura.

Entretanto, a quantidade excessiva de resíduos pode afetar negativamente a produção das culturas subsequentes, dificultando a emergência das plantas devido ao impedimento físico, além de acarretar maior necessidade de adubo nitrogenado para as culturas subsequentes, especialmente se não for adotado um adequado sistema de rotação de culturas com sistemas radiculares diferentes que possam alternar as ex-

trações de nutrientes. Na Região Sul estudos demonstram ser necessário um aporte anual de 6 t/ha de FS de resíduo vegetal para recompor a decomposição da matéria orgânica do solo (Darolt, 1998), enquanto para o Cerrado, Seguy e Bouzinac (1995) sugerem a necessidade de produzir de 11 a 12 t/ha de resíduos vegetais por ano.

Produção sobre resíduos — A manutenção dos resíduos das plantas de coberturas e das culturas comerciais sobre o solo e sua decomposição tem sido uma variável

importante na ciclagem de nutrientes, contribuindo para manutenção ou aumento da produtividade do milho (Carvalho et al., 2004a; Torres et al., 2005) e da soja (Carvalho et al., 2004; Torres et al., 2008; Chioderoli et al., 2012). O uso de gramíneas como plantas

de cobertura sucedendo outra gramínea como cultura principal pode promover uma menor disponibilidade de N no solo e afetar a produtividade de grãos. Com relação às leguminosas, sua elevada capacidade de fixação do N₂ atmosférico e a baixa relação C/N, ocorrem rápida decomposição de seus resíduos, liberação e, consequentemente, aceleram o processo de ciclagem de nutrientes, favorecendo o desenvolvimento da cultura sucedânea.

Avaliando a produtividade do milho cultivado sobre as plantas de cobertura e pousio após nove safras agrícolas (tabela 2), pode-se observar que a produtividade na maioria das vezes foi maior quando a cultura foi semeada sobre a crotalária, com exceção das safras 2005/06 e 2008/09, sendo que somente no ano 2001/02 o valor obtido ficou abaixo da média estimada para a região, de 6 t/ha. Com relação à soja, de forma geral, parece não ter ocorrido nenhuma contribuição significativa das plantas de cobertura. Contudo, a produtividade obtida foi sempre maior que a média regional de 3 t/ha (Conab, 2008). O contínuo crescimento SSD no Cerrado brasileiro, a evolução do sistema e dos setores produtivos com a incorporação de novas tecnologias que vêm sendo desenvolvidas nos centros de pesquisa, garantirá a estabilidade e o aumento da produção nacional de grãos, devido ao melhor rendimento das culturas cultivadas, com sustentabilidade ambiental e competitividade. 



José Luiz Torres (foto) e Marcos Pereira: "A qualidade e a quantidade dos resíduos culturais deixados sobre a superfície do solo são os principais componentes para o sucesso do SSD no Cerrado"

TRIGO

Juliana Winge - juliana.matte@safras.com.br

MERCADO SEGUE COM POUCOS NEGÓCIOS E PREÇOS ELEVADOS

O mercado doméstico de trigo segue estável. A intensificação das vendas não ocorreu devido à discordância fundamental dos mercados entre compradores e vendedores. No segundo maior produtor nacional, o Rio Grande do Sul, o mercado segue lento para o trigo de boa qualidade, que possui valor indicado para a compra no interior em R\$ 680/tonelada. Na venda o valor chega a R\$ 700/tonelada. Desse modo, o preço praticado em janeiro no Rio Grande do Sul é 3,03% superior ao registrado no mesmo período de dezembro. “Em tempo, o trigo negociado no estado possui os mais variados prazos de pagamento, o que aumenta a complexidade para fechamento de negócios”, destacou o analista de Safras & Mercado Renan Magro. O trigo tipo ração, por possuir preços menores, está com demanda mais aquecida no Rio Grande do Sul, seu preço médio é de R\$ 550/tonelada. No Paraná, as operações de compra e venda de trigo ainda seguem devagar e os preços elevados. Restam aproximadamente 10% da

Média mensal do preço do trigo em Maringá/PR

(R\$/tonelada)

julho	532,73
agosto	575,22
setembro	640,53
outubro	648,64
novembro	650,00
dezembro	758,33
janeiro	820,00

safranaense para serem comercializados. Assim, as vendas ocorrem pontualmente no interior do estado. Em Cascavel, R\$ 780/tonelada é o valor indicado para a compra e R\$ 800/tonelada é o valor para venda, apontando alta de 4% em um mês. Fato importante neste ano para o mercado de trigo no Mercosul é a desoneração da cobrança da Tarifa Externa Comum (TEC) sobre o produto importado de países externos ao bloco, que hoje é de 10%. Em

2008, num momento semelhante, a TEC foi suspensa. Entretanto, a medida não teve a resposta esperada e acabou afetando tanto produtores quanto moinhos. Outras medidas que a Conab poderá tomar são a venda de estoques de trigo e o aumento do preço mínimo. Quanto aos estoques governamentais, espera-se que os leilões ocorram nos meses de fevereiro e março, já quanto aos preços mínimos a tendência é de pequena alteração para a safra 2013/2014.

ALGODÃO

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

MERCADO BRASILEIRO REGISTRA PREÇOS FIRMES

O mercado brasileiro de algodão registrou preços firmes na segunda semana de janeiro. Os agentes retomaram as compras. Porém, a falta de produtos de melhor qualidade retraiu os compradores e a quantidade de vendas ficou limitada. No dia 14, as indicações seguiram nominais no Cif São Paulo, ficando cotado por volta de R\$ 1,65 por libra-peso, acumulando alta de 4,4% em relação ao mesmo momento do mês passado, quando estava a R\$ 1,58 por libra-peso. A safra brasileira de algodão em pluma na temporada 2012/13 está estimada em 1,442 milhão de toneladas, recuo de 23,1% na comparação com as 1,877 milhão de toneladas indicadas na safra 2011/12. Os números fazem parte do quarto levantamento da Conab para a safra 2012/13, divulgado no dia 9. No terceiro levantamento eram esperadas 1,468 milhão de toneladas.

A produtividade das lavouras está

Média dos preços do algodão em pluma

(R\$/@ CIF São Paulo Pgto. 8 dias)

julho	51,03
agosto	52,82
setembro	54,01
outubro	50,66
novembro	50,93
dezembro	52,27
janeiro	54,15

estimada em 1.464 quilos de algodão em pluma por hectare, ante 1.347 quilos por hectare na temporada 2011/12. A área plantada na temporada 2012/13 está estimada em 985,3 mil hectares, retração de 29,3% na comparação com 1,393 milhão de hectares da safra passada. O Mato Grosso, principal produtor, deverá colher uma safra de pluma de 755 mil toneladas, número que

representa um recuo de 27,9% ante 2011/12, quando foram produzidas 1,046 milhão de toneladas. A Bahia, segundo maior produtor, deve colher 444,6 mil toneladas de pluma, queda de 8,1% sobre 2011/12 (483,6 mil toneladas). Goiás deverá ter uma safra 2012/13 de 92,6 mil toneladas, com decréscimo de 28% sobre 2011/12 - 128,7 mil toneladas.

SOJA

Dylan Della Pasqua - dylan@safras.com.br

OTIMISMO PARA A OLEAGINOSA EM 2013

Mais um ano está começando e, a exemplo do quadro observado nos últimos seis anos, há sentimento otimista em relação à expectativa de renda para os produtores brasileiros de soja. No lado positivo as projeções de redução no custo unitário de produção, por conta de avanços na produtividade média, e preços médios amplamente remuneradores e bem acima do padrão histórico, combinando médias ainda elevadas na Bolsa de Chicago (Cbot) e taxas de câmbio positivas para o setor exportador. E no lado limitante o aumento geral nos custos de produção. Como variáveis-chave nesse processo há evidentemente o comportamento do clima e a definição dessa crucial e ainda incerta safra sul-americana, principalmente em tempos de ausência dos fenômenos El Niño e La Niña. E, na sequência, a definição da safra dos Estados Unidos durante 2013.

Essencialmente, esse bom resultado viria pela combinação de vendas antecipadas de 50% da projeção de produção com preços remuneradores, melhora no desempenho da produtividade média sobre 2012, preços médios mais acomodados em relação ao ano que passou, mas ainda bem acima da média. A maior limi-

Soja em Cascavel/PR (R\$/saca de 60 kg)	
julho	77,18
agosto	82,65
setembro	83,24
outubro	74,89
novembro	74,80
dezembro	71,14
janeiro	61,15

tação viria pelo aumento já confirmado nos custos de produção. Em relação aos preços, o suporte viria pelas médias ainda historicamente elevadas para a Cbot diante do aperto nos estoques norte-americanos, prêmios de exportação ainda positivados pela firme demanda e taxa de câmbio com boas chances de superarem a média deste último ano.

Dentro desse contexto, os principais fatores de atenção e que podem inverter ou maximizar essas tendências são uma cópia do sugerido há um ano atrás: o comportamento final do clima e a definição da nova safra sul-americana; a definição de área e o comportamento do clima nos EUA a partir de abril; e o encaminha-

mento do processo de recuperação da economia mundial. Neste último caso essa variável seria fundamental para a montagem da amplitude na expansão do consumo, como para permitir melhores dias no mercado financeiro. A produção mundial de soja está agora estimada em 269,41 milhões de toneladas, contra 267,72 milhões no relatório anterior. Os estoques mundiais caíram de 59,93 milhões para 59,46 milhões de toneladas. O USDA estima produção brasileira de 82,5 milhões de toneladas, contra 81 milhões do relatório anterior. A safra americana teve estimativa elevada de 80,66 milhões de toneladas para 82,06 milhões de toneladas.



As graxas John Deere foram desenvolvidas para proteger, lubrificar e melhorar a eficiência e a produtividade nas condições mais severas, dentro e fora da estrada.

Graxas Multiuso

- Poliureia MP SD
- Complexo de Lítio MP HD
- Lítio MP

Graxas Especiais

- Plataforma de Milho
- Bissulfeto de Molibdênio SP HD
- Tratores de Jardim e Golfe



JohnDeere.com.br

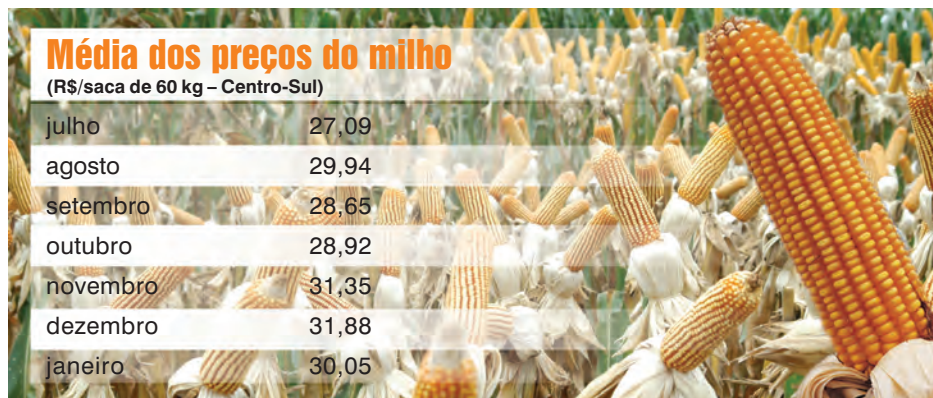


MILHO

Arno Baasch - arno@safras.com.br

COLHEITA COMEÇA EM SÃO PAULO E NO RIO GRANDE DO SUL

O mercado brasileiro de milho ingressou na segunda quinzena de janeiro com um quadro de negócios acomodados. Segundo o analista de Safras & Mercado Paulo Molinari, a antecipação de colheita em São Paulo e no Rio Grande do Sul contribuiu para um maior ingresso de oferta de milho no mercado interno. Entretanto, está havendo um descompasso entre vendedores e compradores. “O vendedor está pedindo preços muito acima dos desejados pelos compradores, o que mantém o ritmo de venda bastante lento”, comenta. Molinari sinaliza que o foco do mercado, nas próximas semanas, estará centrado na colheita da safra verão por todo o país, pois esta ocorrerá simultaneamente com a colheita da soja. “Esta sobreposição tende a provocar um verdadeiro caos logístico, especialmente pelo fato de a demanda externa para o milho nacional seguir bastante aquecida. É preciso lembrar que a oferta de milho norte-americano segue limitada, por con-



Média dos preços do milho (R\$/saca de 60 kg – Centro-Sul)	
julho	27,09
agosto	29,94
setembro	28,65
outubro	28,92
novembro	31,35
dezembro	31,88
janeiro	30,05

ta da severa estiagem na safra 2012/13”, analisa. A boa demanda para o cereal brasileiro tende a prosseguir, possivelmente, em fevereiro também. “Somente no primeiro mês do ano o país deve embarcar em torno de 3 milhões de toneladas de milho, acima de 2,79 milhões de toneladas exportadas em dezembro. Este cenário de demanda aquecida, combinada a um quadro de oferta limitada nos Estados Unidos, pode favorecer uma re-

cuperação ainda maior dos preços do milho no mercado interno, mesmo em um período auge de colheita”, projeta. O analista destaca ainda que, com o avanço da colheita de soja superprecoce, especialmente no Centro-Oeste, o plantio da safrinha de milho também vem sendo antecipado, o que tende a garantir, pelo menos por enquanto, um quadro climático dentro da normalidade para o desenvolvimento das lavouras.

CAFÉ

Lessandro Carvalho - lessandro@safras.com.br

OIC REDUZ ESTIMATIVA DA SAFRA MUNDIAL

A Organização Internacional do Café (OIC) apontou que a produção mundial de café em 2012/13 (outubro/setembro) deverá ficar em 144,1 milhões de sacas de 60 quilos, tendo assim um incremento de 7,2% no comparativo com a safra 2011/12, que teve a produção revisada, ligeiramente, para baixo, para 134,4 milhões de sacas. Os números partem do relatório de dezembro da OIC, divulgado em janeiro. Assim, a instituição reduziu em 1,3% sua estimativa para a safra global 2012/13, que em novembro fora colocada em 146 milhões de sacas. O dado anterior de 2011/12 era de 134,6 milhões de sacas.

A produção total de arábica está colocada em 88,422 milhões de sacas em 2012/13, o que representa crescimento de 9,1% sobre 2011/12, quando a produção ficou em 81,024 milhões de sacas. Já a produção de robusta é indicada em 2012/13 em 55,639 milhões de sacas, aumento de 4,2%, contra 2011/12 (53,391 milhões



Preço para bica corrida do sul de Minas (Bebida Boa – Tipo 6 – R\$/saca de 60 kg)	
julho	407,18
agosto	378,91
setembro	386,68
outubro	384,00
novembro	355,35
dezembro	343,83
janeiro	341,73

de sacas). O aumento da safra global em 2012/13 é atribuído ao ciclo alto produtivo do Brasil dentro da bienalidade cafeeira, especialmente. As exportações mundiais em novembro de 2012 atingiram 9,2 milhões de sacas, com crescimento de 16,5% sobre novembro de 2011.

Assim, no acumulado dos 11 primeiros meses de 2012 (janeiro a novembro), os embarques mundiais alcançaram 103,544 milhões de sacas, com aumento

de 8,5% contra igual período de 2011 (95,416 milhões de sacas). Os estoques totais de café nos países importadores em outubro (estoques iniciais da temporada 2012/13, que se inicia em outubro) foram indicados em 15,1 milhões de sacas, queda de 17,1% contra igual período do ano passado. O consumo global em 2011 está indicado em 139 milhões de sacas, aumento de 4,7% contra 136,954 milhões de sacas em 2010.

ARROZ

MERCADO CALMO NO COMEÇO DO ANO

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

O começo de 2013 no mercado de arroz brasileiro vem apresentando enfraquecimento nos preços, seguindo a tendência que persiste desde outubro. Nos estados produtores de arroz irrigado de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul – onde a cotação média no estado chegou à casa de R\$ 40 por saca de 50 quilos em casca –, o cereal vem apresentando redução constante todas as semanas.

Nos estados produtores de sequeiro, a queda de preços veio mais tarde, devido, basicamente, ao balizamento com o sul e a fatores como leilões de venda dos estoques públicos do Governo e aumento da balança comercial do setor. Além dos preços ao produtor, no mercado atacado a retração na cotação é notável, principalmente em São Paulo, maior consumidor.

Enquanto a colheita não inicia, a baixa procura das indústrias e o aumento das importações foram as principais variáveis que influenciaram para a retração nos preços.

Preço do arroz irrigado em Alegrete/RS

(R\$/saca de 50 kg)

julho	29,22
agosto	32,69
setembro	37,58
outubro	38,82
novembro	38,17
dezembro	36,09
janeiro	34,47

O quarto levantamento da Conab para a safra brasileira 2012/13 indica produção de 12,062 milhões de toneladas, o que representa um acréscimo de 4% sobre 11,599 milhões de toneladas de 2011/12. No terceiro levantamento, eram esperadas 11,928 milhões de toneladas. A área plantada na temporada 2012/13 foi estimada em 2,420 milhões de hectares, ante 2,426 milhões semeados na safra 2011/12.

A produtividade das lavouras foi estimada em 4,984 mil quilos por hec-

tare, superior em 4,3% aos 4,780 mil quilos por hectare na temporada passada. O Rio Grande do Sul, principal produtor, deve ter uma safra de 8,026 milhões de toneladas, equivalendo a um avanço de 3,7%. A área prevista é de 1,066 milhão de hectares, alta de 1,3% ante 1,053 milhão de hectares de 2011/12, com rendimento esperado de 7.525 quilos por hectare, ante 7.350 quilos da anterior. Em Santa Catarina, a produção deverá recuar 0,1%, totalizando de 1,076 milhão de toneladas.



**É TEMPO DE
PRODUZIR.
Use Prosolo.
O primeiro insumo
da sua lavoura.**

PROSOLO

O calcário da Mônego.

Mineração Mônego - BR 392 Km 247

Fone (55) 3281-0101 - Fax (55) 3281-0110

Caçapava do Sul - RS - CEP: 96570-000 - monego@monego.com.br

www.monego.com.br

PRODUQUÍMICA COM NOVO GERENTE DE MARKETING



Fotos: Divulgação

Formado em Publicidade e Propaganda pela Universidade Mackenzie e com MBA em Gestão de Marketing pela FGV, Alexandre Meconi (foto) é o atual gerente de Marketing e Comunicação da Produquímica. A empresa oferece soluções para nutrição vegetal e animais de alta performance. Com passagens por empresas como Valtra, Grupo Shark e Case IH, Meconi atua há mais de 15 anos no ramo do agronegócio. Foi também, entre 2001 e 2006, sócio-diretor da F/Meconi, agência de comunicação e design focada no segmento.

METALFOR AMPLIA SUA LINHA DE AUTOPROPELIDOS

No Show Rural, neste mês, em Cascavel/PR, a Metalfor apresenta sua renovada linha de pulverizadores autopropelidos. São cinco modelos autopropelidos, contando como lançamento com um modelo de 3.200 litros e 32 metros de barramento, e importantes novidades nos modelos de 2.200, 2.500 e 3.000 litros nas versões 4x2 e 4x4. Desta maneira, a empresa oferece novamente ao produtor mais opções para adequar a cada necessidade. Entre os avanços em tecnologia, a Metalfor apresenta novos desenhos nos barramentos que possibilitam maior resistência e durabilidade, maior vão livre dos equipamentos, novas tecnologias em aplicação e agricultura de precisão.



MONSANTO: PROJETO PIONEIRO DE SORGO SACARINO

A Monsanto, por meio da CanaVialis, sua marca comercial de melhoramento e tecnologias em cana-de-açúcar, lançou, em parceria com a Case IH e a Novozymes, o “Desafio de Produtividade Sorgo Sacarino”, projeto pioneiro no setor sucroenergético voltado à demonstração do potencial de produção comercial do sorgo sacarino. O cultivo do sorgo sacarino permite a antecipação da operação industrial e a consequente produção de etanol pelas usinas, minimizando o impacto da redução da disponibilidade do produto. A proposta da cultura do sorgo sacarino não é competir com a cana para a produção de etanol no Brasil, mas, ser uma opção alternativa e viável, plantada como rotação de culturas nas áreas de reforma de cana em outubro e novembro, para colheita em março e abril.

AGRALE APRESENTA PRODUTOS EM CASCAVEL

A Agrale participará, em fevereiro, em Cascavel/PR, do 25º Show Rural. A fabricante apresenta a sua linha completa de tratores, com destaque para a família 6000, e os caminhões 8700 e 14000 com tecnologia Euro V. Também exibirá os tratores das linhas 4000 e 5000, além de motores, geradores, motobombas e roçadeiras da marca Lintec. Os caminhões 8700, 10000 e 14000 integram a família de veículos da marca. Robustez e economia, com alta performance, são características que se destacam nos modelos, ideais para a utilização no escoamento da produção agrícola e em serviços rurais.

CEAGRO LANÇA RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE

No final de 2012 a Ceagro lançou o relatório de sustentabilidade no formato GRI (Global Reporting Initiative) da Los Grobo Ceagro do Brasil S.A. O objetivo principal do relatório é retratar as realizações e os desafios na estratégia de crescimento sustentável, com os principais resultados no âmbito de governança, do desempenho econômico, da responsabilidade e condução das questões sociais, nas relações com colaboradores e sociedade. E, por fim, a relação com o meio ambiente, pois, por ser uma empresa com atuação no agronegócio, esta relação ambiental está fortemente ligada à sua atividade, e hoje já está inserida na cultura e no jeito Ceagro de conduzir negócios.

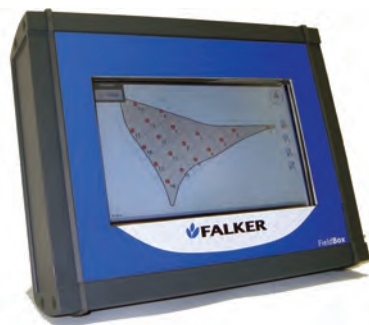
FATE LANÇA SEU NOVO PNEU AGRÍCOLA

A Fate Pneus do Brasil, empresa associada à Borrachas Vipal, tem como característica lançar novos produtos e soluções para facilitar a vida do profissional do agronegócio. Como é o caso agora do pneu Fateagro GD-800, o mais novo lançamento da marca. O Fateagro GD-800 é destinado ao trabalho em todos os tipos de cultivo: arroz, soja, cana, milho, trigo e algodão, sendo especialmente desenvolvido para solos úmidos e macios.

Isso porque uma de suas principais características é que, em seu desenho, os blocos ficam dispostos a 45 graus, o que garante uma excelente autolimpieza em todo o tipo de solo.



FALKER APRESENTA O FIELDBOX



O FieldBox, da Falker, é um coletor de dados com GPS projetado especificamente para guiar a coleta de dados para agricultura de precisão. É um equipamento robusto, com tela grande e de fácil visualização em campo, o que permite um trabalho contínuo. O software é focado na facilidade

e na simplicidade de uso, sendo totalmente intuitivo. Realiza as operações necessárias na coleta de campo, como criação do contorno de áreas, criação de grade amostral e guia a coleta. E, neste ano, a empresa participará das mais importantes feiras agrícolas do país, como Show Rural Coopavel, Expodireto Cotrijal, Tecnoshow Comigo e Agrishow.

JACTO: NOVO DESIGN PARA FAMÍLIA UNIORT

No ano em que comemora 65 anos, a Jacto apresenta no Show Rural Coopavel, neste mês, em Cascavel/PR, novidades nos modelos da família Uniort. Os modelos Uniort 2000 Plus e Uniort 2500 Star ganharam uma nova carenagem na cabine e faróis com design diferenciado, mais modernos e em sintonia com a aparência do Uniort 3030. “As mudanças, sobretudo de ordem estética e visual, visam oferecer aos equipamentos da linha uma nova roupagem externa, mais moderna e padronizada, facilitando não só a produção das peças em série, mas, também, com maior eficiência na disponibilidade de peças de reposição para os produtos da linha”, explica Robson Zófoli, diretor comercial da empresa. “Além do novo padrão visual, os dois modelos passam a oferecer a escada hidráulica, mais uma melhoria durante a operação”, completa.



ABRASEM COMEMORA 40 ANOS COM UM DESAFIO

Apesar do crescimento no uso de sementes legais no Brasil, a Associação Brasileira de Sementes e Mudanças (Abrasem) considera que combater a pirataria e conscientizar os produtores ainda é o principal desafio do setor para os próximos anos. Desde a sua fundação, há 40 anos, a Abrasem vem fazendo um enorme esforço para se adaptar ao novo cenário de sementes no Brasil e no mundo. Para Narciso Barison Neto, presidente da instituição, a entidade é o guarda-chuva do setor e procura discutir todos os temas de interesse da cadeia de sementes, com o objetivo de buscar soluções e encaminhar propostas para a resolução de eventuais dificuldades. “Nem sempre é fácil, mas fazemos um grande esforço para chegar a posições de consenso, que nos permitam seguir unidos na defesa dos interesses do agronegócio brasileiro”, lembra o dirigente.

ANOTE AÍ

A 22ª Abertura Oficial da Colheita do Arroz é uma promoção da Federação de Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Federarroz) e se realiza em Restinga Seca/RS de 21 a 23 de fevereiro. O evento, que ocorre anualmente em municípios tradicionais no cultivo do cereal, possui uma temática política, técnica e social, com uma extensa programação, incluindo palestras, debates e exposição de empresas de máquinas, insumos e serviços. Mais informações no site www.colheitadoarroz.com.br

O município de Não-Me-Toque, no Rio Grande do Sul, sedia de 4 a 8 de março a feira Expodireto Cotrijal, promovido pela cooperativa Cotrijal.

O evento reúne as principais empresas e instituições ligadas ao agronegócio, que aproveitam para apresentar seus produtos e serviços aos milhares de visitantes. Detalhes sobre a tradicional feira em www.expodireto.cotrijal.com.br

Em Lucas do Rio Verde/MT, às margens da BR 163, de 21 a 24 de maio, ocorre o Entec\$ 2013, o Encontro Nacional de Tecnologias de Safras. A feira é realizada pela Fundação Rio Verde com o apoio da prefeitura local, da Associação dos Produtores de Soja e Milho do Mato Grosso (Aprosoja/MT), do Conselho Estadual das Associações das Revendas de Produtos Agropecuários de Mato Grosso (Cearpa) e empresas parceiras. Mais informações: www.entecs.com.br

Mais informações sobre eventos em www.agranja.com

IPMA - ÍNDICE DE PREÇOS MÁQUINAS AGRÍCOLAS

Levantamento exclusivo da ferramenta Via Consulti, em parceria com a revista A Granja para sua publicação, lista os principais tratores, colheitadeiras e pulverizadores, seus valores referenciais de varejo à vista, através do IPMA - Índice de Preços de Máquinas Agrícolas. Instrumento desenvolvido

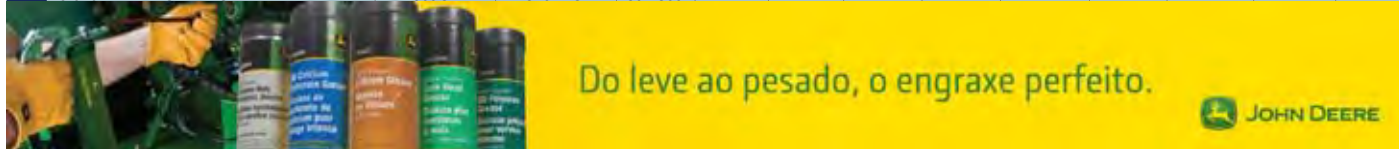
para servir de apoio a todos, quanto aos valores médios praticados para estes equipamentos no mercado brasileiro. Poderá haver divergências de valores devido ao caráter regional e/ou comercial. Maiores informações e outros equipamentos você pode acessar em www.agranja.com.

TRATOR														
AGRALE	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	
	4100 4X2	15CV	33.060	22.281	20.289	19.232	18.281	17.436	16.696	15.790	15.035	14.190	13.420	
	4100.4 4X4	15CV	38.280	25.799	23.492	22.269	21.167	20.189	19.332	18.283	17.409	16.431	15.539	
	4230 4X2	30CV	48.052	32.386	29.490	27.954	26.571	25.343	24.268	22.951	21.854	20.625	19.506	
	4230.4 4X4	30CV	50.286	33.893	30.862	29.255	27.808	26.522	25.397	24.019	22.871	21.585	20.414	
	5065 4X2	65CV	71.268	48.033	43.737	41.459	39.409	37.587						
	5065.4 4X4 COMPACT	65CV	76.260	51.397	46.800	44.363	42.169	40.219						
	5065.4 4X4 COMPACT SUPER REDUTOR	65CV	77.968	61.619	56.108	53.186	50.556	48.218						
	5075 4X2	75CV	70.866	47.762	43.490	41.225	39.187	37.374						
	5075 4X2 COMPACT	75CV	72.866	49.110	44.718	42.389	40.293	38.429						
	5075.4 4X4	75CV	76.980	51.882	47.242	44.782	42.567	40.599						
	5075.4 4X4 COMPACT	75CV	80.505	54.258	49.406	46.833	44.517	42.458						
	5075.4 4X4 COMPACT SUPER REDUTOR	75CV	82.393	55.531	50.564	47.931	45.561	43.454						
	5075.4 4X4 INVERSOR	75CV	88.655	59.751	54.408	51.574	49.024	46.757	44.773	42.344	40.320	38.053	35.988	
	5075.4 4X4 SUPER REDUTOR	75CV	88.191	59.438	54.123	51.304	48.767	46.512	44.539	42.122	40.109	37.854	35.800	
	5085 4x2	85CV	81.142	54.687	49.797	47.203	44.869	42.794	40.978	38.755	36.903	34.828	32.938	
	5085.4 4X4	85CV	88.344	59.541	54.216	51.393	48.851	46.592	44.616	42.195	40.178	37.919	35.862	
	5085.4 4X4 INVERSOR	85CV	91.434	61.624	56.113	53.191	50.560	48.222	46.176	43.671	41.584	39.246	37.116	
	5085.4 4X4 SUPER REDUTOR	85CV	92.928	62.631	57.029	54.059	51.386	49.010	46.930	44.385	42.263	39.887	37.723	
	BX 6110 4X4	105CV	111.583	75.203	68.478	64.911	61.701	58.848	56.352	53.295	50.747	47.894	45.295	
	BX 6150 4X4 CH	140CV	145.186	97.851	89.100	84.460	80.283	76.571	73.322	69.344	66.030	62.317	58.936	
	BX 6150 4X4 SH	140CV	134.429	90.601	82.499	78.202	74.335	70.897	67.890	64.207	61.138	57.700	54.570	
	BX 6180 4X4 SH	168CV	152.483	102.769	93.578	88.704	84.318	80.419	77.007	72.829	69.348	65.449	61.898	
BX 6180 4X4 CH	168CV	107.445	97.836	92.741	88.155	84.078	80.511	76.143	72.504	68.427	64.715			
BUDNY	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	
	BDY 2540 4X4 STANDARD	25CV	34.958	22.620	20.597	19.524								
	BDY 2840 4X4 STANDARD	28CV	36.556	24.179	22.017	20.870								
	BDY 5040 4X4 STANDARD	50CV	55.125	35.552	32.372	30.686								
	BDY 7540 4X4 STANDARD	75CV	75.356	49.536	45.106	42.757								
BDY 9040 4X4 STANDARD	90CV	89.854	58.972	53.698	50.901									
CASE IH	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	
	FARMALL 80 PLATAFORMADO	80CV	91.008	65.953	60.055	56.927	54.112	51.610	49.420					
	FARMALL 80 CABINADO	80CV	102.203	74.067	67.443	63.930	60.769	57.959	55.500					
	FARMALL 95 CABINADO	95CV	114.047	82.650	75.259	71.339	67.811	64.675	61.932					
	FARMALL 95 PLATAFORMADO	95CV	102.852	74.537	67.871	64.336	61.155	58.327	55.852					
	MAXXUM 110 CABINADO IMPORTADO	110CV	138.285	100.215	91.253	86.500	82.223	78.420	75.094					
	MAXXUM 110 PLATAFORMADO IMPORT.	110CV	126.299	91.529	83.343	79.003	75.096	71.623	68.585					
	MAXXUM 125 CABINADO IMPORTADO	125CV	151.592	109.859	100.034	94.824	90.135	85.967	82.320					
	MAXXUM 125 PLATAFORMADO IMPORT.	125CV	139.606	101.173	92.125	87.326	83.008	79.170	75.811					
	MAXXUM 135 MECANICO CABINADO	135CV	159.137	115.327	105.013	99.543	94.621	90.245						
	MAXXUM 135 PLATAFORMADO	135CV	147.696	107.035	97.463	92.387	87.818	83.757						
	MAXXUM 135 SPS CABINADO	135CV	165.493	119.933	109.207	103.519	98.400	93.850						
	MAXXUM 150 MECANICO CABINADO	150CV	170.908	123.857	112.780	106.906	101.620	96.920						
	MAXXUM 150 PLATAFORMADO	150CV	159.467	115.565	105.230	99.749	94.817	90.432						
	MAXXUM 150 SPS CABINADO	150CV	177.264	128.463	116.974	110.882	105.399	100.525						
	MAXXUM 165 MECANICO CABINADO	165CV	174.254	126.281	114.988	108.999	103.609	98.818						
	MAXXUM 165 PLATAFORMADO	165CV	165.215	119.731	109.023	103.345	98.235	93.692						
	MAXXUM 165 SPS CABINADO	165CV	184.076	133.399	121.469	115.143	109.449	104.388						
	MAXXUM 180 MECANICO CABINADO	180CV	186.124	134.884	122.821	116.424	110.667	105.549						
	MAXXUM 180 PLATAFORMADO	180CV	178.602	129.432	117.857	111.719	106.194	101.283						
	MAXXUM 180 SPS CABINADO	180CV	196.399	142.330	129.601	122.851	116.776	111.376						
	MAGNUM 235 CABINADO	235CV	297.832	215.838	196.536									
	MAGNUM 260 CABINADO	260CV	325.197	235.669	214.593									
MAGNUM 290 CABINADO	290CV	343.937	249.250	226.960										
MAGNUM 315 CABINADO	315CV	357.724	259.241	236.057										
MAGNUM 340 CABINADO	340CV	388.817	281.775	256.575										
PUMA 165 4X4 CABINADO IMPORTADO	165CV	184.637	129.121	117.574	111.450	105.939	101.040	96.753						
PUMA 195 CABINADO	195CV	210.567	152.597	138.950	131.713	125.200	119.410	114.345						
PUMA 210 CABINADO	210CV	222.661	161.362	146.931	139.278	132.391	126.269	120.912						
LANDINI	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	
	MISTRAL DT 40 4X4 PLATAFORMADO	35CV	39.918	28.929	26.342	24.970	23.735	22.637	21.677	20.501				
	MISTRAL DT 45 4X4 PLATAFORMADO	44CV	42.070	30.489	27.762	26.316	25.015	23.858	22.846	21.606				
	MISTRAL DT 50 4X4 CABINADO	47CV	53.284	38.619	35.165	33.334	31.685	30.220	28.938	27.368				
	MISTRAL DT 50 4X4 PLATAFORMADO	47CV	43.505	31.528	28.709	27.214	25.868	24.672	23.625	22.343				
	MISTRAL DT 55 4X4 CABINADO	54CV	55.441	40.178	36.585	34.680	32.965	31.440	30.107	28.473				
	MISTRAL DT 55 4X4 PLATAFORMADO	54CV	45.657	33.088	30.128	28.559	27.147	25.892	24.793	23.448				
	TECHNOFARM DT 60 4X4	58CV	43.594	31.593	28.767	27.269	25.921	24.722	23.673	22.389				
	TECHNOFARM DT 75 4X4	68CV	54.396	39.422	35.897	34.027	32.344	30.849	29.540	27.937				
	TECHNOFARM DT 85 4X4 PLATAFORMADO	85CV	72.097	52.249	47.576	45.098	42.868	40.886	39.151	37.027				
	TECHNOFARM R60 4X2	58CV	46.378	33.610	30.605	29.011	27.576	26.301	25.185	23.819				
	REX 75 4X4 CABINADO	68CV	87.145	63.154	57.506	54.511	51.815	49.419	47.323	44.755				
	REX 75 4X4 PLATAFORMADO	68CV	61.638	44.669	40.674	38.556	36.649	34.955	33.472	31.656				
	GLOBALFARM 100 4X4	97CV	78.367	56.793	51.714	49.020	46.596	44.441	42.556					
	TREKKER 105 STD ESTEIRA	98CV	113.632	82.349	74.985	71.079	67.564	64.440						
	TREKKER 90F ESTEIRA	83CV	101.877	73.831	67.228	63.726	60.575	57.774						
	LANDPOWER 140 4X4 CABINADO	140CV	131.658	95.412	86.879	82.354	78.282	74.662	71.495	67.616				
	LANDPOWER 140 4X4 PLATAFORMADO	140CV	119.358	86.495	78.760	74.658	70.966	67.684	64.813	61.297				
	LANDPOWER 165 4X4 CABINADO	165CV	139.207	100.883	91.861	87.076	82.770	78.943	75.594	71.493				
	LANDPOWER 165 4X4 PLATAFORMADO	165CV	126.676	91.802	83.592	79.238	75.320	71.837	68.789	65.057				
	LANDPOWER 180 4X4 CABINADO	180CV	92.070	66.723	60.756	57.591	54.743	52.212	49.997					
	LANDPOWER 180 4X4 PLATAFORMADO	180CV	135.973	98.540	89.727	85.054	80.848	77.109	73.838					
	MONTANA	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
LS 30 4X4 PLATAFORMADO		28CV	39.967	28.964	26.374	25.000								
LS 40 4X4 PLATAFORMADO		38CV	42.317	30.668	27.925	26.470								
LS 45 4X4 PLATAFORMADO		41CV	43.885	31.804	28.960	27.451								
LS 50 4X4 PLATAFORMADO		47CV	45.453	32.940	29.994	28.432								
LS 60 4X4 PLATAFORMADO		55CV	51.722	37.483	34.131	32.353								

* creeper opcional

	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
MASSEY FERGUSON	MF 4265 4X2 COMPACTO PLATAFORMADO	65CV	73.684	53.399	48.624	46.091	43.812	41.786	40.013				
	MF 4265 4X2 PLATAFORMADO	65CV	76.562	55.210	50.183	47.517	45.118	42.985	41.119				
	MF 4265 4X4 COMPACTO PLATAFORMADO	65CV	77.562	56.210	51.183	48.517	46.118	43.985	42.119				
	MF 4265 4X4 PLATAFORMADO	65CV	92.205	66.749	60.779	57.614	54.765	52.232	50.016				
	MF 4275 4X2 CABINADO	75CV	101.801	73.775	67.177	63.678	60.529	57.730	55.281				
	MF 4275 4X2 COMPACTO PLATAFORMADO	75CV	80.474	55.507	50.543	47.910	45.541	43.435	41.593				
	MF 4275 4X2 PLATAFORMADO	75CV	86.288	58.320	53.104	50.338	47.849	45.636	43.700				
	MF 4275 4X4 CABINADO	75CV	109.072	79.045	71.976	68.227	64.853	61.854	59.230				
	MF 4275 4X4 COMPACTO PLATAFORMADO	75CV	86.618	58.317	53.102	50.336	47.847	45.635	43.699				
	MF 4275 4X4 PLATAFORMADO	75CV	86.288	62.533	56.941	53.975	51.306	48.933	46.857				
	MF 4283 4X2 CABINADO	85CV	101.801	73.775	67.177	63.678	60.529	57.730	55.281				
	MF 4283 4X2 COMPACTO PLATAFORMADO	85CV	80.471	58.317	53.102	50.336	47.847	45.635	43.699				
	MF 4283 4X2 PLATAFORMADO	85CV	82.410	59.723	54.382	51.549	49.000	46.734	44.751				
	MF 4283 4X4 CABINADO	85CV	111.496	80.801	73.575	69.743	66.294	63.229	60.546				
	MF 4283 4X4 COMPACTO PLATAFORMADO	85CV	85.319	61.830	56.301	53.369	50.729	48.384	46.331				
	MF 4283 4X4 PLATAFORMADO	85CV	92.105	66.749	60.779	57.614	54.765	52.232	50.016				
	MF 4290 4X2 CABINADO	95CV	101.808	73.780	67.182	63.683	60.534	57.734	55.285				
	MF 4290 4X2 PLATAFORMADO	95CV	93.105	66.749	60.779	57.614	54.765	52.232	50.016				
	MF 4290 4X4 CABINADO	95CV	114.405	82.909	75.494	71.562	68.024	64.878	62.126				
	MF 4290 4X4 PLATAFORMADO	95CV	105.586	76.518	69.675	66.046	62.780	59.877	57.337				
	MF 4291 4X2 CABINADO	105CV	121.191	87.827	79.973	75.808	72.059	68.727	65.811				
	MF 4291 4X2 PLATAFORMADO	105CV	108.587	78.693	71.656	67.924	64.565	61.579	58.967				
	MF 4291 4X4 CABINADO	105CV	130.887	94.854	86.371	81.872	77.824	74.225	71.076				
	MF 4291 4X4 PLATAFORMADO	105CV	118.283	85.719	78.054	73.988	70.329	67.077	64.232				
	MF 4292 4X2 CABINADO	110CV	135.739	98.367	89.570	84.905	80.706	76.974	73.708				
	MF 4292 4X2 PLATAFORMADO	110CV	112.466	81.504	74.215	70.349	66.871	63.778	61.073				
	MF 4292 4X4 CABINADO	110CV	145.430	105.393	95.967	90.969	86.471	82.472	78.973				
	MF 4292 4X4 PLATAFORMADO	110CV	122.161	88.530	80.613	76.414	72.635	69.276	66.337				
	MF 4297 4X4 CABINADO	120CV	154.156	111.716	101.725	96.427	91.659	87.420	83.712				
	MF 4297 4X4 PLATAFORMADO	120CV	127.978	92.746	84.451	80.053	76.094	72.575	69.496				
	MF 4299 4X4 CABINADO	130CV	161.912	117.337	106.844	101.279	96.271	91.819	87.924				
	MF 4299 4X4 PLATAFORMADO	130CV	131.856	95.556	87.010	82.479	78.400	74.775	71.602				
	MF 7350 4X4 CABINADO	150CV	193.907	140.524	127.957	121.292	115.294	109.963					
	MF 7370 4X4 CABINADO	170CV	209.419	151.766	138.193	130.996	124.518	118.760					
	MF 7390 4X4 CABINADO	190CV	228.810	165.818	150.989	143.125	136.047	129.756					
	MF 7415 4X4 CABINADO	215CV	237.536	172.142	156.747	148.583	141.235	134.704					
	MF 8670 4X4 CABINADO IMPORTADO	320CV	465.377	337.257	307.096	291.101	276.706	263.910					
	MF 8690 4X4 CABINADO IMPORTADO	370CV	538.092	389.953	355.080	336.586	319.941	305.146					
	7140 4X4 CABINADO	140CV	175.485	127.174	115.801	109.769	104.341	99.516					
	7140 4X4 PLATAFORMADO	140CV	147.369	106.798	97.247	92.182	87.624	83.572					
	7150 4X4 CABINADO	150CV	178.394	129.282	117.720	111.589	106.071	101.166					
	7150 4X4 PLATAFORMADO	150CV	164.821	119.445	108.763	103.098	98.000	93.468					
	7170 4X4 CABINADO	170CV	185.181	134.200	122.199	115.834	110.106	105.014					
	7170 4X4 PLATAFORMADO	170CV	174.671	126.583	115.263	109.260	103.857	99.054					
	7180 4X4 CABINADO	180CV	191.168	139.119	126.677	120.079	114.141	108.863					
	7180 4X4 PLATAFORMADO	180CV	179.518	130.096	118.462	112.292	106.739	101.803					
NEW HOLLAND	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	TT 3840 4X4 SEMI PLATAFORMADO	55CV	64.935	47.058	42.850	40.618	38.609	36.824	35.262	33.349	31.755		
	TT 3880F 4X4 ESTREITO SEMI PLAT.	55CV	64.935	55.341	50.392	47.767	45.405	43.305	41.468	39.219	37.344		
	TT 4030 4X4 SEMI PLATAFORMADO	75CV	72.979	52.888	48.158	45.650	43.392	41.386	39.630	37.480	35.689		
	TT3840F 4X4 ESTREITO SEMI PLAT.	75CV	76.364	47.058	42.850	40.618	38.609	36.824	35.262	33.349	31.755		
	TL 60 4X2 EXITUS CABINADO	65CV	77.491	56.158	51.136	48.473	46.076	43.945	42.081	39.798	37.895	35.765	33.824
	TL 60 4X2 EXITUS PLATAFORMADO	65CV	67.429	47.417	43.176	40.927	38.904	37.105	35.530	33.603	31.997	30.198	28.559
	TL 60 4X4 EXITUS CABINADO	65CV	82.448	59.750	54.406	51.573	49.022	46.755	44.772	42.343	40.319	38.052	35.988
	TL 60 4X4 EXITUS PLATAFORMADO	65CV	70.097	50.799	46.256	43.847	41.679	39.751	38.065	36.000	34.279	32.352	30.596
	TL 65 4X2 EXITUS PLATAFORMADO	61CV	56.548	40.981	37.316	35.372	33.623	32.068	30.708	29.042	27.654	26.099	24.683
	TL 65 4X4 EXITUS PLATAFORMADO	61CV	59.070	42.808	38.980	36.950	35.122	33.498	32.077	30.337	28.887	27.263	25.784
	TL 75 4X2 EXITUS PLATAFORMADO	78CV	73.233	53.072	48.326	45.809	43.543	41.530	39.768	37.611	35.813	33.799	31.965
	TL 75 4X2 EXITUS CABINADO	73CV	84.165	60.994	55.539	52.646	50.043	47.729	45.704	43.225	41.158	38.844	36.737
	TL 75 4X4 EXITUS PLATAFORMADO	78CV	83.626	60.604	55.184	52.310	49.723	47.424	45.412	42.948	40.895	38.596	36.502
	TL 75 4X4 EXITUS CABINADO	73CV	95.275	69.045	62.870	59.596	56.649	54.029	51.737	48.930	46.591	43.972	41.586
	TL 85 4X2 EXITUS CABINADO	88CV	94.797	68.699	62.555	59.297	56.365	53.759	51.478	48.685	46.358	43.752	41.378
	TL 85 4X2 EXITUS PLATAFORMADO	88CV	84.742	61.413	55.921	53.008	50.387	48.057	46.018	43.522	41.441	39.111	36.989
	TL 85 4X4 EXITUS CABINADO	88CV	106.766	77.373	70.454	66.784	63.482	60.546	57.978	54.832	52.211	49.276	46.602
	TL 85 4X4 EXITUS PLATAFORMADO	88CV	94.318	68.352	62.239	58.998	56.080	53.487	51.218	48.439	46.124	43.531	41.169
	TL 95 4X2 EXITUS CABINADO	103CV	106.766	77.373	70.454	66.784	63.482	60.546	57.978	54.832	52.211	49.276	46.602
	TL 95 4X2 EXITUS PLATAFORMADO	103CV	93.839	68.005	61.923	58.698	55.796	53.215	50.958	48.193	45.890	43.310	40.960
	TL 95 4X4 EXITUS PLATAFORMADO	103CV	103.721	75.167	68.444	64.880	61.671	58.819	56.324	53.268	50.722	47.870	45.273
	TL 95 4X4 EXITUS CABINADO	103CV	116.341	84.312	76.772	72.773	69.175	65.976	63.177	59.749	56.893	53.694	50.781
	TD 65F 4X4 PLATAFORMADO	66CV	63.312	55.253									
	TD 75F 4X4 PLATAFORMADO	73CV	69.979	50.713									
	TD 85F 4X4 PLATAFORMADO	81CV	76.242	55.252									
	TK 4060 ESTEIRA PLATAF. BI-PARTIDA	101CV	141.902	102.836									
	7630 4X4	106CV	104.073	75.422	68.677	65.100	61.880	59.019	56.515	53.449	50.894	48.033	45.427
	8030 4X4	122CV	115.078	83.393	75.935	71.980	68.421	65.257	62.488	59.098	56.273	53.109	50.228
	TS 6000 4X4 CANAVIEIRO	91CV	103.187	74.779	68.092	64.545	61.354	58.516	56.034				
	TS 6020 4X4 CABINADO	111CV	120.545	87.359	79.546	75.403	71.675	68.360	65.460				
	TS 6020 4X4 PLATAFORMADO	111CV	114.156	80.661	73.447	69.622	66.179	63.119	60.441				
	TS 6040 4X4 CABINADO	132CV	134.176	97.237	88.541	83.930	79.779	76.090	72.862				
	TS 6040 4X4 PLATAFORMADO	132CV	120.866	87.591	79.758	75.604	71.865	68.542	65.634				
	TS6. 120 4X4 CABINADO	118CV	96.525	69.951									
	TM 7010 4X4 EXITUS CABINADO	141CV	153.223	111.041	101.110	95.844	91.104	86.891	83.205				
	TM 7010 4X4 PLATAFORMADO	141CV	138.437	100.325	91.353	86.595	82.313	78.506	75.176				
	TM 7010 4X4 SPS CABINADO	141CV	161.426	116.985	106.523	100.975	95.982	91.543	87.660				
	TM 7020 4X4 EXITUS CABINADO	149CV	160.925	116.622	106.192	100.662	95.684	91.259	87.388				
	TM 7020 4X4 PLATAFORMADO	149CV	150.966	109.405	99.621	94.432	89.763	85.612	81.980				
	TM 7020 4X4 SPS CABINADO	149CV	174.145	126.203	114.916	108.931	103.545	98.756	94.567				

	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
NEW HOLLAND	T7.240 4X4	234CV	262.167	189.992	173.000								
	T7.245 4X4	242CV	273.541	198.235	180.506								
	T8 270 4X4 IMPORTADO	232CV	320.299	232.120	211.361								
	T8 295 4X4 IMPORTADO	254CV	329.369	238.712	217.364								
	T8 325 4X4 IMPORTADO	281CV	350.941	254.326	231.581								
	T8 355 4X4 IMPORTADO	307CV	361.952	262.306	238.848								
	T8 385 4X4 IMPORTADO	335CV	378.231	274.103	249.590								
	T9 560 4X4 IMPORTADO	557CV	654.004	473.955									
	T9.450 4X4 IMPORTADO	446CV	544.475	394.579									
	T9.505 4X4 IMPORTADO	502CV	612.840	444.123									
	T9.615 4X4 IMPORTADO	613CV	748.348	542.326									
	T9.670 4X4 IMPORTADO	669CV	816.713	591.869									



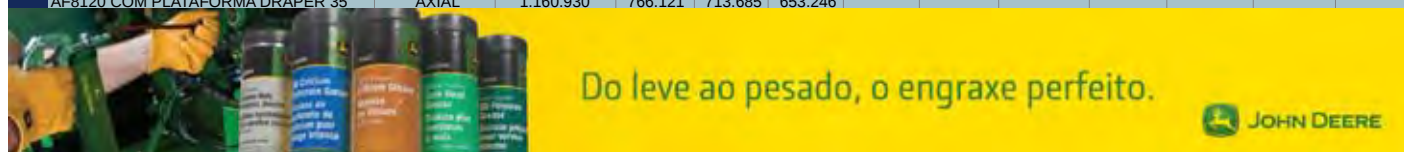
	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
JOHN DEERE	5055E 4X2	55CV	55.815	40.449	36.832								
	5055E 4X4	55CV	57.511	41.678	37.951								
	5065E 4X2	65CV	65.325	47.341	43.107								
	5065E 4X4	65CV	69.477	50.350	45.847								
	5075E 4X2	75CV	75.875	54.987	50.070	47.462							
	5075E 4X4	75CV	78.909	57.185	52.071	49.359							
	5078E 4X2	78CV	78.421	56.832	51.749								
	5078E 4X4	78CV	81.516	59.075	53.792	50.990							
	5085E 4X2	85CV	85.765	62.154	56.595								
	5085E 4X4	85CV	89.838	65.105									
	5090E 4X4	90CV	90.937	65.901									
	5425N 4X4 ESTREITO	78CV	77.032	55.825	50.833								
	6110D 4X4 CABINADO IMPORTADO	107CV	106.170	76.941	70.060								
	6110E 4X4	110CV	118.493	86.171	78.465	74.378							
	6110E 4X4 SYNCROPLUS PLATAFORMADO	110CV	114.067	82.663	75.271								
	6110J 4X4 SYNCROPLUS CABINADO	110CV	134.807	97.694	88.958								
	6110E 4X4 POWRQUAD PLATAFORMADO	110CV	132.388	95.941	87.360								
	6110J 4X4 POWRQUAD CABINADO	110CV	144.683	104.852	95.475								
	6125D 4X4 CABINADO IMPORTADO	125CV	122.857	89.034	81.072								
	6125E 4X4	125CV	130.066	94.259	85.829	81.359							
	6125E 4X4 SYNCROPLUS PLATAFORMADO	125CV	139.910	101.392	92.324								
	6125J 4X4 SYNCROPLUS CABINADO	125CV	154.728	112.131	102.103								
	6125E 4X4 POWRQUAD PLATAFORMADO	125CV	153.082	110.937	101.016								
	6125J 4X4 POWRQUAD CABINADO	125CV	164.610	119.293	108.624								
	6130J 4X4 POWRQUAD PLATAFORMADO	130CV	153.540	111.270	101.319	96.042							
	6130J 4X4 POWRQUAD CABINADO	130CV	171.192	124.063	112.968								
	6145J 4X4 POWQUAD PLATAFORMADO	145CV	172.838	125.256	114.054	108.114							
	6145J 4X4 POWRQUAD CABINADO	145CV	187.653	135.992	123.830	117.380							
	6165J 4X4 POWRQUAD CABINADO	165CV	182.715	132.413	120.571	114.291							
	6165J 4X4 POWRQUAD CAB. DUPLADO	165CV	202.468	146.727	133.605	126.647							
	6180J 4X4 POWRQUAD CABINADO	180CV	214.813	155.675	141.753								
	6180J 4X4 POWRQUAD CAB. DUPLADO	180CV	234.813	170.168	154.949								
	7195J 4X4 POWQUAD PLUS C/RED DUTH	195CV	201.986	145.979	132.924								
	7195J 4X4 POWRQUAD CABINADO	195CV	234.061	169.623	154.454								
	7195J 4X4 POWQUAD CAB. DUPLADO	195CV	249.986	188.590	171.724	162.780							
	7210J 4X4 POWRQUAD CABINADO	210CV	254.800	184.653	168.139								
	7210J 4X4 POWRQUAD CAB. DUPLADO	210CV	270.232	178.322	142.044								
	7225J 4X4 POWRQUAD CABINADO	225CV	268.627	194.672	177.263	168.030							
	7225J 4X4 POWQUAD CAB. DUPLADO	225CV	290.848	210.777	191.927	181.930							
	8260R 4X4 APS CABINADO IMPORTADO	260CV	460.120	333.435	303.615								
	8320 4X4 APS CABINADO IMPORTADO	320CV	474.052	343.544	312.821	296.528							
	8335R 4X4 APS CABINADO IMPORTADO	335CV	515.279	373.421	340.026								

	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
VALTRA	A 550 4X2 PLATAFORMADO	50CV	46.662	33.816	30.792	29.188	27.745						
	A 550 4X4 PLATAFORMADO	50CV	53.539	38.800	35.330	33.490	31.834						
	A 650 4X2 PLATAFORMADO	66CV	64.724	46.905	42.710	40.486	38.484						
	A 660 4X4 PLATAFORMADO	66CV	69.408	50.300	45.802	43.416	41.269						
	A 750 4X2 PLATAFORMADO	78CV	66.142	47.933	43.647	41.373	39.327						
	A 750 4X4 PLATAFORMADO	78CV	73.892	53.550	48.761	46.221	43.935						
	A 850 4X2 PLATAFORMADO	85CV	69.106	50.120	45.638	43.261	41.122						
	A 850 4X4 PLATAFORMADO	85CV	80.121	58.064	52.871	50.117	47.639						
	A 950 4X2 PLATAFORMADO	95CV	73.583	53.326	48.557	46.028	43.752						
	A 950 4X4 PLATAFORMADO	95CV	80.198	58.119	52.922	50.165	47.685						
	BF 65 4X2 PLATAFORMADO S/ TOLDO	66CV	61.443	44.528	40.546	38.434	36.533	34.844					
	BF 65 4X4 PLATAFORMADO S/ TOLDO	66CV	63.772	46.216	42.083	39.891	37.918	36.165					
	BF 75 4X2 PLATAFORMADO S/ TOLDO	77CV	62.750	44.938	40.919	38.788	36.870	35.165					
	BF 75 4X4 PLATAFORMADO S/ TOLDO	77CV	67.096	48.892	44.520	42.201	40.114	38.259					
	BH 145 4X4 PLATAFORMADO	153CV	141.211	102.335	93.183	88.330	83.962	80.079	76.682	72.522	69.055	65.173	61.637
	BH 145 4X4 CABINADO	153CV	160.341	116.199	105.807	100.296	95.337	90.928	87.070	82.347	78.411	74.002	69.987
	BH 165 4X4 PLATAFORMADO	174CV	144.786	104.926	95.542	90.566	86.088	82.107	78.623	74.358	70.804	66.823	63.197
	BH 165 4X4 CABINADO	174CV	168.475	122.093	111.174	105.384	100.173	95.540	91.487	86.524	82.388	77.756	73.537
	BH 180 4X4 PLATAFORMADO	189CV	147.467	106.869	97.312	92.243	87.682	83.627	80.079	75.735	72.115	68.060	64.368
	BH 180 4X4 CABINADO	189CV	166.597	120.733	109.935	104.210	99.056	94.476	90.468	85.560	81.470	76.889	72.718
	BH 185i 4X4 CABINADO	200CV	174.279	126.300	115.005	109.015	103.624	98.832	94.639	89.505	85.227	80.435	76.071
	BH 205i 4X4 CABINADO	210CV	183.216	132.777	120.902	114.605	108.938	103.900	99.492	94.095	89.597	84.560	79.972
	BM 100 4X2 PLATAFORMADO	106CV	92.010	66.679	60.716	57.554	54.708	52.178	49.964	47.254	44.995	42.465	40.161
	BM 100 4X2 CABINADO	106CV	111.121	80.529	73.327	69.508	66.071	63.016	60.342	57.069	54.341	51.285	48.503
	BM 100 4X4 PLATAFORMADO	106CV	97.280	70.499	64.194	60.850	57.841	55.167	52.826	49.960	47.572	44.897	42.462
	BM 100 4X4 CABINADO	106CV	116.410	84.362	76.818	72.817	69.216	66.015	63.215	59.785	56.927	53.727	50.812
	BM 110 4X2 PLATAFORMADO	116CV	99.817	72.338	65.868	62.438	59.350	56.606	54.204	51.264	48.813	46.069	43.569
	BM 110 4X2 CABINADO	116CV	118.948	86.201	78.492	74.404	70.725	67.454	64.593	61.089	58.168	54.898	51.919
	BM 110 4X4 PLATAFORMADO	116CV	105.739	76.629	69.776	66.142	62.871	59.964	57.420	54.305	51.709	48.802	46.154
	BM 110 4X4 CABINADO	116CV	124.869	90.493	82.400	78.108	74.246	70.812	67.808	64.130	61.064	57.631	54.504

	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
VALTRA	BM 125i 4X4 PLATAFORMADO	135CV	115.887	83.983	76.473	72.490	68.905	65.719	62.931	59.517	56.672	53.485	50.584
	BM 125i 4X4 CABINADO	135CV	138.918	100.674	91.671	86.896	82.599	78.779	75.437	71.345	67.934	64.115	60.636
	BT 150 4X4 CABINADO	150CV	187.685	136.015	123.851	117.401							
	BT 170 4X4 CABINADO	170CV	194.835	141.197	128.569	121.873							
	BT 190 4X4 CABINADO	190CV	220.753	159.980	145.672	138.085							
	BT 210 4X4 CABINADO	215CV	285.947	170.990	155.699	147.589							
	S 293 4X4 CABINADO IMPORTADO	294CV	291.872	211.519									
	S 353 4X4 CABINADO IMPORTADO	345CV	341.611	247.564									
	MT 765C CHALLENGER ESTEIRA IMPORT.	320CV	347.363	251.733									
YANMAR	Modelo	Potência	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	1145 4X4 PLATAFORMADO	39CV	49.070	35.561	32.381	30.694	29.177	27.827	26.647	25.201	23.997	22.647	21.419
	1145 4X4 PLATAFORMADO S/ TOLDO	39CV	49.070	35.561	32.381	30.694	29.177	27.827	26.647	25.201	23.997	22.647	21.419
	1055 4X4 DT PLATAFORMADO	55CV	51.524	37.339	34.000	32.229	30.635	29.219	27.979	26.461	25.196	23.780	22.490
	1155 4X4 PLATAFORMADO	55CV	55.613	40.303	36.698	34.787	33.067	31.538	30.200	28.561	27.196	25.667	24.274
	1155 4X4 CABINADO	55CV	69.516	50.378	45.873	43.484	41.333	39.422	37.750	35.702	33.995	32.084	30.343
	1155 4X4 PLATAFORMADO S/ TOLDO	55CV	53.977	39.117	35.619	33.764	32.094	30.610	29.311	27.721	26.396	24.912	23.560
	1155 4X4 SUPER ESTREITO PLAT.	55CV	51.524	37.339	34.000	32.229	30.635	29.219	27.979				
	1155 4X4 SUPER ESTREITO CABINADO	55CV	59.702	43.266	39.397	37.345	35.498	33.857	32.420				
	1175 4X4 AGRÍCOLA PLATAFORMADO	75CV	69.754	50.551	46.030	43.633	41.475	39.557	37.879				
	1175 4X4 PLATAFORMADO	75CV	69.516	50.378	45.873	43.484	41.333	39.422	37.750				
	1175 4X4 CABINADO	75CV	85.875	62.232	56.667	53.715	51.059	48.698	46.632				
	1235 AGRITECH 4X4 PLATAFORMADO	30CV	44.981	32.598	29.683								
	1250 AGRITECH 4X4 PLATAFORMADO	50CV	48.252	34.968	31.841								

COLHEITADEIRAS

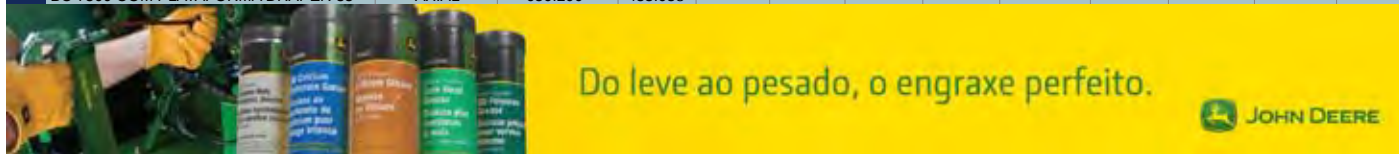
	Modelo	Separação	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
CASE IH	AF2388 COM PLATAFORMA FLEXIVEL 25	AXIAL					265.709	247.597	235.503	224.355	211.350	200.946	191.656
	AF2388 EXTREME COM PLATAFORMA 30	AXIAL				329.044	306.606	285.706	271.751	258.887	243.880	231.874	
	AF2399 COM PLATAFORMA FLEXIVEL 30	AXIAL				327.023	304.723	283.952	270.082	257.297			
	AF2566 COM PLATAFORMA FLEXIVEL 20	AXIAL	545.160	359.761	335.138								
	AF2566 COM PLATAFORMA FLEXIVEL 25	AXIAL	559.208	369.032	343.774								
	AF2688 SP COM PLAT. FLEXIVEL 30	AXIAL	622.447	404.198	376.533	344.646							
	AF2688 COM PLATAFORMA FLEXIVEL 30	AXIAL	707.463	456.041	424.827	388.851							
	AF2688 COM PLATAFORMA DRAPER 35	AXIAL	887.787	585.868	545.768	499.550							
	AF2799 COM PLATAFORMA FLEXIVEL 25	AXIAL	763.791	504.040	469.541	429.778							
	AF2799 COM PLATAFORMA FLEXIVEL 30	AXIAL	788.061	498.949	464.799	425.437							
	AF2799 COM PLATAFORMA DRAPER 35	AXIAL	944.114	623.039	580.395	531.244							
	AF2799 RICE COM PLAT. RIGIDA 25	AXIAL	779.471	503.501	469.039								
	AF2799 RICE PLAT. RIGIDA DRAPER 25	AXIAL	792.009	522.661									
	AF7120 COM PLATAFORMA FLEXIVEL 35	AXIAL	973.431	562.388	523.896								
	AF7120 COM PLATAFORMA DRAPER 35	AXIAL	1.098.210	724.730	675.126								
	AF8120 COM PLATAFORMA FLEXIVEL 35	AXIAL	973.431	642.385	598.418	547.740							
	AF8120 COM PLATAFORMA DRAPER 35	AXIAL	1.160.930	766.121	713.685	653.246							



	Modelo	Separação	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
JOHN DEERE	1175 ARROZEIRA COM PLAT. RIGIDA 18	5 SP	341.467	225.341	209.917	192.140	179.038	166.834	158.685	151.173	142.410	135.400	129.140
	1175 CABINADA COM PLATAFORMA 19	5 SP	348.296	206.261	192.144	175.872	163.879	152.708	145.249	138.374	130.352	123.935	118.206
	1175 COM PLATAFORMA 16	5 SP	211.258	205.589	191.517	175.299	163.345	152.210	144.776	137.923	129.927	123.531	117.821
	1175 COM PLATAFORMA 22	5 SP	410.750	212.987	198.409	181.607	169.223	157.688	149.986	142.886	134.603	127.977	122.061
	1470 ARROZEIRA COM PLAT. RIGIDA 20	5 SP	404.811	267.143	248.858	227.784							
	1470 COM PLATAFORMA 20	5 SP	360.480	237.888	221.606	202.839							
	1470 COM PLATAFORMA 22	5 SP	364.648	240.638	224.168	205.184							
	1470 COM PLATAFORMA 25	5 SP	374.678	247.257	230.334	210.828							
	1570 COM PLATAFORMA 20	5 SP	412.534	272.239	253.606	232.129							
	1570 COM PLATAFORMA 22	5 SP	417.388	275.442	256.590	234.860							
	1570 COM PLATAFORMA 25	5 SP	427.094	281.848	262.557	240.322							
	9470 STS COM PLATAFORMA 25	AXIAL	497.103	328.048	305.595	279.716							
	9570 STS ARROZEIRA COM PLAT.22	AXIAL	562.900	371.468	346.043	316.739							
	9570 STS COM PLATAFORMA 30	AXIAL	621.880	410.391	382.302	349.926							
	9670 ARROZEIRA COM PLAT. DRAPER 25	AXIAL	706.666	466.342									
	9670 STS COM PLATAFORMA 35	AXIAL	736.630	486.116	452.844	414.495							
	9670 STS COM PLATAFORMA DRAPER 35	AXIAL	856.394	565.150									
	9770 STS COM PLATAFORMA 35	AXIAL	842.003	555.653	517.622	473.787							
	9770 STS COM PLATAFORMA DRAPER 40	AXIAL	1.004.940	663.179									
	S680 COM PLATAFORMA 35	AXIAL	871.514	575.128									
	S680 COM PLATAFORMA DRAPER 40	AXIAL	1.084.393	718.911									
	S680 COM PLATAFORMA DRAPER 45	AXIAL	1.128.579	744.771									
MASSEY FERGUSON	Modelo	Separação	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	MF 5650 MECANICA ARROZ COM PLAT. 16	5 SP	334.706	214.252	199.588	182.686	170.228	158.625	150.877	143.735	135.403	128.737	122.786
	MF 5650 HIDRO COM PLATAFORMA 18	5 SP	310.042	198.465	184.881	169.224	157.685	146.936	139.759	133.143	125.425	119.251	113.738
	MF 5650 ADVANCED COM PLATAFORMA 18	5 SP	296.425	193.623	180.371	165.096	153.838	143.352	136.349	129.895	122.366	116.342	110.963
	MF 5650 SR COM PLATAFORMA 18	5 SP	349.778	223.900	208.576	190.912	177.894						
	MF 32 ADVANCED ARROZ COM PLAT. 20	5 SP	397.296	254.317	236.911	216.848	202.061						
	MF 32 ADVANCED COM PLATAFORMA 23	5 SP	391.291	250.474	233.330	213.570	199.007						
	MF 32 SR ARROZ ESTEIRA COM PLAT. 20	5 SP	474.684	350.755									
	MF 32 SR COM PLATAFORMA 23	5 SP	462.326	295.945									
	MF 9690 ATR II COM PLATAFORMA 25	AXIAL	624.574	412.168	383.957	351.442	327.476	305.154					
	MF 9690 ATR II COM PLATAFORMA 30	AXIAL	688.706	440.855	410.681	375.903	350.269	326.393					
	MF 9790 ATR II COM PLATAFORMA 25	AXIAL	700.493	448.401	417.710	382.336	356.264	331.979					
	MF 9790 ATR II COM PLATAFORMA 30	AXIAL	737.309	471.967	439.663	402.431	374.988	349.427					
NEW HOLLAND	Modelo	Separação	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	TC 57 COM PLATAFORMA 19	5 SP							127.319	121.100	115.367	108.680	98.553
	TC 59 COM PLATAFORMA 23	6 SP							176.153	167.549	159.618	150.365	142.963
	TC 5070 ARROZ COM PLAT. RIGIDA 17	5 SP	371.917	257.017	239.426	219.150	204.206	190.286					
	TC 5070 EXITUS COM PLATAFORMA 17	5 SP	328.196	213.334	198.733	181.903	169.499	157.945					
	TC 5070 COM PLATAFORMA FLEXIVEL 20	5 SP	372.299	245.687	228.871	209.489	195.204	181.898					
	TC 5090 ARROZ COM PLAT. RIGIDA 20	6 SP	507.205	329.693	307.128	281.119	261.949	244.093					
	TC 5090 COM PLATAFORMA 20	6 SP	469.638	305.274	284.380	260.297	242.547	226.014					
	TC 5090 COM PLATAFORMA 25	6 SP	465.540	302.611	281.899	258.026	240.431	224.042					

COLHEITADEIRAS & PULVERIZADORES

	Modelo	Separação	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
NEW HOLLAND	CS 660 SUPER FLOW COM PLAT. FLEX. 25	6 SP	538.061	349.751	325.812	298.221	277.885	258.943	246.294	234.636			
	CS 660 SUPER FLOW COM PLAT. FLEX. 30	6 SP	587.428	381.840	355.705	325.582	303.380	282.700	268.892	256.164			
	CR 6080 COM PLAT. SUPERFLEX 25	2 ROTOR	647.000	420.563	391.778								
	CR 6080 COM PLATAFORMA DRAPER 30	2 ROTOR	726.888	472.492	440.152								
	CR 9060 COM PLATAFORMA 30	2 ROTOR	696.068	452.458	421.490	385.796							
	CR 9060 COM PLATAFORMA 35	2 ROTOR	755.938	491.375	457.743	418.979							
	CR 9060 PREMIUM COM PLATAFORMA 35	2 ROTOR	805.197	523.394	487.571	446.281							
	CR 9060 PREMIUM COM PLATAFORMA 40	2 ROTOR	892.139	579.908	540.217	494.468							
VALTRA	CR 9080 COM PLAT. DRAPER 45 IMP.	2 ROTOR	1.212.008	787.829	733.907								
	CR 9080 COM PLAT. SUPERFLEX 35 IMP.	2 ROTOR	1.053.950	684.963	638.081								
	Modelo	Separação	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	BC 4500 COM PLATAFORMA FLEX. 20	5 SP	395.650	261.097	243.226	222.628	207.447	193.306	183.864				
VALTRA	BC 6500 COM PLATAFORMA FLEX. 30	AXIAL	550.050	362.988	338.144	309.508	288.402	268.743					
	BC 7500 COM PLATAFORMA FLEX. 30	AXIAL	609.880	402.471									
	BC 7500 COM PLATAFORMA DRAPER 35	AXIAL	656.200	433.038									



PULVERIZADOR AUTO PROPELIDO

	Modelo	Capacidade	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
CASE IH	CASE Patriot 3500 Standard 27MT	3500 LT	397.000	342.238	296.764	269.900	252.143	237.536	224.219	211.453			
	CASE Patriot 3500 Full 27MT	3500 LT	445.000	383.617	332.645	302.533	282.629	266.256	251.328	237.019			
	CASE Patriot 3500 Standard 30MT	3500 LT	406.000	349.997	303.492	276.019							
	CASE Patriot 3500 Full 30MT	3500 LT	472.000	406.893	352.828	320.889							
JACTO	Modelo	Capacidade	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	JACTO Uniport 2000 24MT Plus	2000 LT	280.000	241.434	209.354	190.402	177.875	167.571	158.176	149.170			
	JACTO Uniport 2500 24MT Star	2500 LT	354.221	305.360	264.786	240.817	224.973	211.940	200.058	188.667			
	JACTO Uniport 3000 24MT Plus	3000 LT		348.961	293.294	260.407	238.669	220.787	204.485	188.856			
	JACTO Uniport 3000 24MT Vortex Plus	3000 LT	614.000	476.375	413.078	375.685	350.968	330.636	312.099	294.329			
	JACTO Uniport 3000 28MT Plus	3000 LT		434.305	367.298	327.712	301.546	280.022	260.398	241.586			
JD	Modelo	Capacidade	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	JOHN DEERE 4630 24MT	2270 LT	329.000	287.883	249.632								
	JOHN DEERE 4730 30MT	3000 LT	520.000	448.272	388.709	353.522	330.263	311.131					
	JOHN DEERE 4720 27MT	3000 LT							273.222	254.249	238.370	223.209	210.274
MF	Modelo	Capacidade	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	MASSEY FERGUSON MF 9030 24MT	3000 LT	520.000	448.272	388.709	353.522							
METALFOR	Modelo	Capacidade	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	METALFOR Multiple 2500AB 4X2 Mec. 25MT	2500 LT	365.000	283.187	245.560	223.330	208.637	196.551	185.531	174.968	166.126	157.685	150.483
	METALFOR Multiple 3000AB 4X2 Mec. 28MT	3000 LT	371.000	287.842	249.596	227.002	212.067	199.782	188.581	177.844	168.857	160.277	152.957
	METALFOR Multiple 2500AB 4X4 Hidro 25MT	2500 LT	385.000	298.704	259.015	235.568	220.069	207.321	195.697				
	METALFOR Multiple 3000AB 4X4 Hidro 28MT	3000 LT	445.000	345.255	299.381	272.280	254.366	239.630	226.196				
	METALFOR Futura 2200AB 24MT	2200 LT	260.000	201.722	174.919	159.085							
MONTANA	Modelo	Capacidade	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	MONTANA Boxer 2021M 21MT	2000 LT	314.000	203.791	176.713	160.716	150.143						
	MONTANA Boxer 2021H 21MT	2000 LT	357.000	236.468	205.048	186.486	174.217						
	MA 2027H 27MT	3000 LT	400.000	274.342	237.890	216.355	202.121	190.412	179.737	169.503	160.938	152.760	
	MONTANA MA 2627M 27MT	2600 LT	380.000	297.204	257.714	234.385	218.964	206.280	194.715	183.628	174.349	165.490	
	MONTANA MA 3027H 27MT	3000 LT	387.810	334.316	289.895	263.652	246.306	232.038	219.029	206.558	196.120	186.155	177.652
NH	Modelo	Capacidade	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	NEW HOLLAND SP 3500 24MT	3500 LT	477.000	411.203	356.566								
	Modelo	Capacidade	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	PLA M2500 S 28MT	2500 LT	350.000	271.549	235.468	214.153							
PLA	200.063	188.473	177.907	167.777									
	PLA M3000 S 31 MT	3000 LT	380.000	294.825	255.651	232.508	217.211	204.628	193.156	182.158			
	PLA H3000 I 25MT	3000 LT	460.000	356.893	309.472	281.458	262.940	247.708	233.820	220.507			
	PLA H3500 F 31MT	3500 LT	490.000	380.169	329.655	299.814	280.088	263.863	249.069	234.888			
STARA	Modelo	Capacidade	Valor do 0Km	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003
	STARA Gladiador 2300 Mecânico 4X2 21MT	2300 LT	270.000	199.420	172.923	157.269							
	STARA Gladiador 2300 Hidro 4X4 25MT	2300 LT	330.000	283.952	246.223	223.934	209.201						
	STARA Gladiador 2700 Hidro 4X4 25MT	2700 LT	380.000	327.120	283.655	257.977							
	STARA Gladiador 3000 25MT	3000 LT	400.000	344.410	298.648	271.613	253.743						
	STARA Imperador 3100 27MT	3100 LT	420.000	361.504	313.470	285.094							
V	VALTRA BS 3020 H 28MT	3000 LT	505.000	435.341	377.496	343.324							



GRUPO VIA MÁQUINAS

Av. Marechal Deodoro, 630 | conj. 508
Centro | Curitiba | PR | CEP 80010-912
Tel 41 3324-2877 | 41 3322-8554
Fax 41 3322-7351
www.usadaomaquinas.com.br
www.viaconsulti.com.br



Novidade!!!

A partir de fevereiro o maior site de leilão oficial de equipamentos agrícolas do Brasil vai estar com cara nova, novas ferramentas e aplicativos para melhor atendê-lo.

www.usadaomaquinas.com.br

Atenção! Recebemos equipamentos de Banco, Seguradoras e Concessionários, aguardamos o seu contato!

OFERTA LEILÃO DE FEVEREIRO

Lêilão com lotes programados para finalização a partir de 27.02.2013 através do site:

www.usadaomaquinas.com.br

ESCAVADEIRA TEREX TC125 2010 LOTE 407 Início em: 24/02/2013 18:24:49 Finaliza em: 04/03/2013 18:00:00 EM ANDAMENTO FAÇA SEU LANCE!	PULVERIZADOR MONTANA MA 3027 H 2003 LOTE 408 Início em: 24/02/2013 18:42:50 Finaliza em: 04/03/2013 18:00:00 EM ANDAMENTO FAÇA SEU LANCE!	TRATOR VALTRA 1780 2002 LOTE 405 Início em: 27/02/2013 08:00:00 Finaliza em: 06/03/2013 18:00:00 EM ANDAMENTO FAÇA SEU LANCE!
---	--	--



Se liga no Verão ulbra tv

Confira a lista
de retransmissoras.

Rio Grande do Sul: Porto Alegre e Região Metropolitana – 48 UHF. Porto Alegre – 21 NET. Bela Vista do Fão – 5 VHF. Boqueirão do Leão – 11 VHF. Cachoeira do Sul – 49 UHF. Cachoeirinha – 19 TVN a Cabo. Cambará do Sul – 9 VHF. Candelária – 39 UHF. Canoas – 19 TVN a Cabo. Carazinho – 48 UHF. Encantado – 8 VHF. Esteio – 19 TVN a Cabo. Flores da Cunha – 45 UHF. Ijuí – 54 TV. São Paulo a Cabo. Imigrante – 7 VHF. Jaguarão – 6 VHF. Marques de Souza – 13 VHF. Osório – 41 UHF. Pantano Grande – 5 VHF. Putinga – 4 VHF. Quaraí – 25 UHF. Relvado – 9 VHF. Rio Pardo – 29 UHF. Ronda Alta – 7 VHF. São Leopoldo – 19 TVN a Cabo. Sapucaia do Sul – 19 TVN a Cabo. Tamanduá – 5 VHF. Travesseiro – 11 VHF. Vespasiano Corrêa – 11 VHF. **Santa Catarina:** Araranguá – 14 SSTV. Brusque – 6 TV. Cidade Viçosa e 28 Vimax a Cabo. Jacinto Machado – 30 UHF. Joaçaba – 21 TV. Cidade a Cabo. Taió – 7 VHF. **Paraná:** Cornélio Procopio – 61 RCA. Telecomunicações a Cabo. Irati – 65 RCA. Telecomunicações a Cabo. Marechal Cândido Rondon – 10 TV. Rondon a Cabo. Pato Branco – 10. Atual TV a Cabo. Tibagi – 19 UHF. **Mato Grosso:** Cuiabá – 18 Multicanal. Rondonópolis – 12 VHF. Rede Brasileira de Televisão. Sinop – 5 VHF. Rede Brasileira de Televisão. **Goiás:** Rio Verde – 2 RTV. Telecomunicações a Cabo. **São Paulo:** Jandira – 47 Multimídia TV a Cabo. **Rio de Janeiro:** Arraial do Cabo – 23 SBA TV a Cabo. Petrópolis – 19 TV Imperial e 25 RCA a Cabo. São Gonçalo – 14 TV. Costa Verde a Cabo. Valença – 35 SBA TV a Cabo. **Espírito Santo:** Linhares – 30 TV Litoral a Cabo. **Minas Gerais:** Itaú de Minas – 6 VHF. **Bahia:** Camaçari – 43 TV Litorânea a Cabo. **Rio Grande do Norte:** Macau – 6 VHF. **Maranhão:** São Luís – 19 TVN. **Pará:** Ananindeua – 50 UHF. **Uruguai:** Rivera 120 Video Cable Digital. **Em todo o Brasil pelo Satélite Brasilsat B4.**



Fone: 51 3464.6030

Canoas - RS

E-mail: omega@omegafertil.com.br

Site: www.omegafertil.com.br

**CONSULTE NOSSOS
PROGRAMAS NUTRICIONAIS
COMPLETOS PARA SUA
LAVOURA**

Seja um representante
autorizado em sua cidade.
Consulte-nos



LEG E GR TURBO

ENRAIZANTES DA OMEGA

Produtos enriquecidos com ALGAS MARINHAS
e SUBSTÂNCIAS HÚMICAS E FÚLVICAS (SHF)

Temos indicações científicas que estes produtos
promovem e induzem a **MELHORA:**

- 1 - o vigor da germinação e o stand da lavoura
- 2 - a absorção dos nutrientes no solo
- 3 - o tamanho das raízes e principalmente das radículas
- 4 - a resistência ao stress hídrico e térmico



SPRAY FOX

O SEU FERTILIZANTE PARA TODAS
AS PULVERIZAÇÕES

Potente fornecedor de fósforo e nitrogênio
para sua cultura.

Não entope bicos e possui boa uniformidade
na pulverização.

Utilize Spray Fox em todas as pulverizações e
garanta uma safra de excelente qualidade com
uma pulverização uniforme e eficaz.

Anuncie no Agroguia - agroguia@agranja.com - Fone: (51) 3233.1822



www.agranja.com

www.saojoseindustrial.com.br
vendas@saojoseindustrial.com.br

Fone.: (55) 3616-0221

Fax.: (55) 3535-1794

Cel.: (55) 9999-0358

TANQUES, CARRETÕES E GUINCHOS



DISTRIBUIDORES DE ADUBO, URÉIA, SEMENTES, ROÇADEIRAS E ARADOS



De 4 a 8
de Fevereiro
Visite nosso
estande na
Show Rural
Coopavel 2013
Cascavel-PR

COMPRE PELO PROGRAMA E CARTÃO
Mais Alimentos
Certão
10 ANOS

Pastagens com alta produtividade e rendimento superior.

Programa de inovação em sementes forrageiras SEEDCO.



Alfafa, Azevém,
Cornichão, Trevo Branco
e Trevo Vermelho.

www.seedco.com.br

Av. Jaime Vignoli, 33 • Bairro Anchieta • Porto Alegre / RS
CEP 90 200-110 • +55 51 3072 5588 • comercial@seedco.com.br

seedco
brasil

São José Industrial

PLATAFORMAS, GRAMPOS, TOLDOS, GUINCHOS E PLAINAS



TRITURADORES, PICADORES, DEBULHADORES E ENSILADEIRAS



www.saojoseindustrial.com.br
vendas@saojoseindustrial.com.br
Fone.: (55) 3616-0221
Fax.: (55) 3535-1794
Cel.: (55) 9999-0358

De 4 a 8
de Fevereiro
Visite nosso
estande na
Show Rural
Coopavel 2013
Cascavel-PR

COMPRE PELO PROGRAMA E CARTÃO
Mais
Alimentos



MEDIZA

Equipamentos para Análise e Classificação de Grãos!

Soluções Inteligentes ao Seu Alcance!

 Medidor de Umidade Portátil de Grãos Grain Tester Plus	 Esteira Transportadora (Dalla) com levante manual ou elétrico	 Medidor de Umidade Automático MDA 1200	 Aspirador Industrial para Pó e Grãos	 Máquina de Costura Portátil para Sacaria
 Medidor de Umidade Portátil Farmex	 Medidor de Umidade Portátil Grain Check	 Medidor de Umidade para Feno	 Secador de Amostras disponível em 6, 12, 18 e 24 gavetas	 Selecionador Digital de Impurezas



MEDIZA

Mediza Equipamentos Agroindustriais Ltda - Rua 7 de Setembro, 641 - 98280-000 Panambi - RS
 - Fone Com.: (55) 3375.3750 / 3375.4554 - www.mediza.com.br - mediza@mediza.com.br



SODERTECNO
 C 54 3331-5633 - CARAZINHO - RS

Visite-nos na Expodireto em
 Não me Toque – RS
 de 04 a 08 Março!

 Guincho Big - Bag Eficiente, Versátil e Resistente Guincho com capacidade de levantar de até 1.500 kg, estrutura garantida feita com os melhores produtos. Testado e Aprovado!	 Carreta para Transporte de Plataforma Modelo Tandem ideal para suavizar os impactos durante a trajetória e mais ágil em manobras de difícil acesso, feita para facilitar o bom transporte de sua plataforma.	 Combolo de Lubrificação Ganhe tempo e dinheiro com a praticidade dos comboios de lubrificação da SODERTECNO, projeto personalizado de fácil manutenção tudo para a sua satisfação.
 Distribuidor de Esterco Líquido Sodertecno Garantia, Durabilidade e Versatilidade acoplado em chassis de caminhão ou reboque para trator. Rapidez sem perder a Eficiência.	 Carreta Multipla Hidráulica Transporta plantadeira e plataforma de todos os modelos. Robustez, Agilidade e Confiança.	

Sodertecno Indústria e Comércio de Máquinas e Implementos Agrícolas Ltda. Fone / fax : (54) 3331-5633 - sodertecno@sodertecno.com.br - www.sodertecno.com.br



**Já é hora de por o pé
 no acelerador**

Anuncie no AGROGUIA

Fone : (51) 3233-1822



METALÚRGICA SCARABELOT LTDA.

Indústria e manutenção de implementos agrícolas.

Fone/Fax: (48) 3525-0800 - Fone: (48) 3525-3113

Rua Rui Barbosa, 2642 - Centro - CEP: 88930-000 - Turvo - S.C.
E-Mail: msl@netvale.net - Site: www.metalurgicascarabelot.com.br

ROLO CORRENTE INCORPORADOR E NIVELADOR			
			
RODA GAIOLA	RODA PARA SEMEAR	LIMPADORA DE VALO	LÂMINA NIVELADORA REVERSÍVEL
			
ROLO FACA	RODA ESPÁTULA	GRADE HIDRÁULICA	
			



Balança de plataforma portátil CM-1002

Ideal para pesagem de veículos agrícolas

A balança Celmi modelo 1002, é um sistema portátil de grande confiabilidade. Projetada para ser utilizada na medição da produção e da produtividade no campo.

Capacidade: 12, 16, 20, 28 e 32 toneladas.

Celmi
Tecnologia em Pesagem

43- 3035.1667
Rua Planalto, 571 - Cambé - Pr
vendas@celmi.com.br
www.celmi.com.br

Visite-nos no Show Rural Coopavel, em Cascavel, de 4 a 8 de fevereiro

Anuncie no **AGROGUIA**

agroguia@agranja.com Fone: (51) 3233.1822

www.agranja.com

IMÓVEIS

ALUGUEL DE SILO Aluga-se unidade para armazenagem estocagem e beneficiamento de grãos em Coronel Vívda sudoeste do Paraná, capacidade de armazenagem de 300.000 sacas, balança de fluxo, (45)9952-4174, (edson.pacheco@coopervitoria.com.br).

SEMENTES

AgroPick Brasil Comércio de Sementes Sementes Forrageiras Importadas do Uruguai e Argentina Flávio Gimenez - fgimenez@agropick.com www.agropick.com.br

Aveia Branca / Produção limpa Sementes Fisc. de Aveia Branca / Preta / Azevém Vasco W. Bañolas. – fone (55) 9955.9691 / 3271.1560

Morinaga Agrícola - Produção de Semente de Soja Embrapa e Nidera, Milho de Pipoca, Milho a Granel e Carço de Algodão - Correntina|BA / www.morinaga.agr.br / (61) 3361-9929

SERVIÇOS

Asstec - Geo Soluções em Agronegócios - Georref. Agric. Precisão, Lic. Ambiental, Projetos Custeios, Outorga, Credenc. Conab Fone: (53) 3028.5022 www.asstec-geo.com.br Pelotas/RS

EQUIPE RURAL. Pesquisas e Diagnósticos Rurais, Socioeconômicos, Ambien-

tais e de Mercado. www.equiprural.blogspot.com.br. E-mail: equiprural@gmail.com. (51) 9759-1194 – Dois Irmãos/RS

O\$G Consultoria - Consultoria financeira e controladoria, a elaboração do melhor resultado. Fone: (45) 9962-3978 / (45) 3037-2570 Ivan. giongo@ogconsultoria.com www.ogconsultoria.com Rua Flamboyant, 440. Cascavel / PR.

TRATORES E IMPLEMENTOS

Brenner Tratores - Distribuidor Agrale Fone: (51) 3714.5533 Lajeado brenner@adbrenner.com.br Fone: (51) 3632.1373 brennermontenegro@adbrenner.com.br

AGROFEL CONCESSIONÁRIA NEW HOLLAND: Máquinas, peças, implementos e serviços de oficina para 11 regiões do RS e MS. (51) 3358.6000 www.agrofel.com.br

AGROFEL CONCESSIONÁRIA: Colheitadeira Arroz IDEAL 1993, Mod.: IDEAL 9075, Plataforma de corte 14" pés, R\$ 45.000,00 (54) 8123.8354 www.agrofel.com.br

AGROFEL CONCESSIONÁRIA: Colheitadeira John Deere 2002, Mod.: JD 9750, Plataforma de corte 30" pés, R\$ 400.000,00 (54) 8123.8354 www.agrofel.com.br

AGROFEL CONCESSIONÁRIA: ÓTIMA Colheitadeira SLC 1990, Mod.: SLC

COMBATA DEFINITIVAMENTE RATOS E MORCEGOS COM O REPELENTE ELETRÔNICO



Destruí-los para toda a Brasil

Tecnologia de ponta
Não afeta animais domésticos
Equipamento ecologicamente correto
Disponível em cinco modelos 300,700, 1000, 1200 e 1500 m²

Ecotech Projetos Eletrônicos Ltda.

Rua Três Corações, 259 - Calafate Cep : 30411-293 - Belo Horizonte – MG

www.ecotechprojetos.com.br

7200, Plataforma de corte: 13" pés, R\$ 60.000,00 (54) 8123.8354 www.agrofel.com.br

AGROFEL CONCESSIONÁRIA: OPORTUNIDADE Trator da marca New Holland 2001, Mod.: TM 150, Valor: R\$ 80.000,00 Ligue agora! (54) 8123.8354 www.agrofel.com.br

AGROFEL CONCESSIONÁRIA: Amplie sua produtividade. Trator New Holland, Mod.: TM 165, Ano: 2001, Valor: R\$ 90.000,00 (54) 8123.8354 www.agrofel.com.br

OUTROS

Ensino Técnico gratuito. Cursos: Agroindústria, Adm., Agrimensura, Hospedagem, Agropecuária, Açúcar e Alcool, vagas para alunos internos. Etec Augusto Tortolero Araújo – Centro Paula Souza www.etecparaguacu.com.br Fone. (18) 3361 1130 Paraguaçu Paulista/ SP.

Gaúcha Agrícola Ltda. Fones: (77) 3616-2457 Formosa do R. Preto/BA e (89) 3573-2974 – Corrente/PI gauchaagricola@ig.com.br Rv. Arysta, Dimicron, Heringer, Matsuda/ com Assistência técnica.

Serra fita portátil para desdobro de toras de até Ø450 mm de fácil transporte. Ótima opção para sua propriedade rural. Metalúrgica Turbina Fone: (47)3332-2221 Gaspar/ SC.

Reflorestamento, plantios florestais, eucalipto, pinus, árvores nativas, nogueira pecã e oliveiras, manejo e tratos culturais. (51) 9643.3186 - email: plantiflora@gmail.com site www.plantiflora.com.br

Boa Safra Planejamento Agrícola "Mais de 24 anos trabalhando pelo agronegócio" Lucas do Rio Verde/ MT Fone: (65)3549-1454 E-mail: boasafraplan@hotmail.com



Alfafa Seca em Fardos

Verde, cheirosa e de primeira qualidade
 (51) 8406.2276
 Eldorado do Sul - RS







O BRASIL AGRÍCOLA
agranja

Clique e descubra um mundo de informações

www.agranja.com

Agroguia / Matérias Atualizadas / Revista A Granja / Cotações
Previsão do Tempo / Produtos e Serviços / Agenda de eventos

RATOS?
MORCEGOS?

EX-RATTER

TECNOLOGIA ULTRA-SÔNICA
CONTRA RATOS E MORCEGOS

Equipamento de ultra-som com tecnologia japonesa:
sem similar no Brasil.

BRASTÉCNICA
Tel.: (35) 3292-1889
Fax.: (35) 3292-1320
Caixa Postal 101 - Cep 37130-000
Aflenas - MG
btc@brastecnica.com.br
www.brastecnica.com.br



TUDO EM SISAL

- fios agrícolas (baller twine)
- fios naturais
- fios tingidos
- cordas
- telas
- tapetes e carpetes

CONHEÇA TAMBÉM...
Valente Tapetes e Carpetes de Sisal.

APAEB
SALIENTE - BAHIA

Rodovia Luiz Eduardo Magalhães, Km 02
Bairro Petrolina - Valente - Bahia - Brasil
CEP 48890-000 - Fone: (75) 3263-2341 - Fax: (75) 3263-2342
CNPJ 63.104.020/0004-75 - INDÚSTRIA BRASILEIRA
Site: www.apaeb.com.br - E-mail: vendas@apaeb.com.br
Escritório São Paulo: (11) 3379-3815 - comercial@apaeb.com.br



**Quer comprar ou vender
uma propriedade no
campo ou na cidade?**

Anuncie no **AGROGUIA**

Ligue : (51) 3233.1822 - agroguia@agranja.com www.agranja.com



Em 2013
quem **GANHA**
é você!



MET

MEIALFOR



Araújo



mais
Tecnologia



mais
Vantagens



MAIS
para você!



mais
Opções



mais
Crédito



mais
Equipamentos



mais
Peças



Conselho
BANCO REGIONAL DE
DESENVOLVIMENTO DO
EXTREMO SUL

Pensando no futuro, pensando em você!

ITALFOR INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS LTDA.
Rua Anna Scremin, 300 - Distrito Industrial - Cep 84.043-465
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
Telefone e fax: +55 (42) 3228-3100

CENTRAL DE PEÇAS E TREINAMENTO
Av. Miguel Sutil, 12002
Cuiabá - MT - Brasil
Fone: +55 (65) 3637 - 7173 / 8350



Acesse e confira mais em www.metalfor.com.br

SECADORES DE GRÃOS KHRONOS

Desempenho máximo
e ganhos em todas as
escalas na sua safra.



A Kepler Weber está iniciando um novo tempo na secagem de grãos.
Khronos. Nova tecnologia e alta performance para a sua safra.

AUTOAJUSTE

Sistema automatizado que possibilita ao equipamento realizar regulagens durante o processo, sem a interferência do operador.

EFICIÊNCIA ENERGÉTICA

Redução no consumo de combustível, proporcionando ganhos de lucratividade na safra.

QUALIDADE DO GRÃO

Torre de secagem com fluxo de ar inédito, que permite uma massa de grãos com temperatura homogênea. Ganhos de até 11% na qualidade do produto pela preservação de seus atributos nutricionais.

RESPONSABILIDADE AMBIENTAL

Design diferenciado que minimiza a geração de ruídos e reduz a emissão de partículas ao meio ambiente. O consumo reduzido de combustível contribui para o menor impacto ambiental.

KEPLERWEBER®

Armazenagem de resultados. Esse é o nosso negócio.

www.kepler.com.br | 0800 512 104 | atendimento@kepler.com.br